



Nívia Xavier Correia Nóbrega

A Escolha da Escola

**As estratégias familiares para acesso e permanência nas
instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro**

II

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Dr^a Naira da Costa
Muylaert Lima

Coorientadora: Prof^a. Dra. Alicia Maria
Catalano de Bonamino

Rio de Janeiro,
abril de 2024



Nívia Xavier Correia Nóbrega

A Escolha da Escola

**As estratégias familiares para acesso e permanência nas
instituições escolares públicas de excelência - Colégio**

Pedro II

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Naira da Costa Muylaert Lima

Orientadora

Departamento de Educação - PUC-Rio

Profa. Alicia Maria Catalano de Bonamino

Coorientadora

Departamento de Educação - PUC-Rio

Profa. Tânia de Freitas Resende

UFMG

Profa. Karina Carrasqueira Lopes

Departamento de Educação - PUC-Rio

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autora e da orientadora.

Nívia Xavier Correia Nóbrega

Graduou-se em Letras - Licenciatura Plena em Língua Portuguesa/Latim (2010). Atua como professora de língua portuguesa em cursos preparatórios para concursos públicos. Integra o Laboratório de Avaliação da Educação (LAEd), vinculado ao PPGE da PUC-Rio desde 2022.

Ficha Catalográfica

Nóbrega, Nívia Xavier Correia

A escolha da escola : as estratégias familiares para acesso e permanência nas instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II / Nívia Xavier Correia Nóbrega ; orientadora: Naira da Costa Muylaert Lima ; coorientadora: Alicia Maria Catalano de Bonamino. – 2024.

134 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2024.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Escolha da escola. 3. Estratégias familiares. 4. Relação família – escola. 5. Colégio Pedro II. 6. Colégios públicos de excelência. I. Lima, Naira da Costa Muylaert. II. Bonamino, Alicia Maria Catalano de. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. IV. Título.

CDD: 370

*Aos meus pais, Edson e Severina,
por todo amor, por toda dedicação,
pelas escolhas que fizeram e por me
permitirem voar.*

*Ao meu amor, Camila, por todo
amor, carinho, paciência e suporte
necessário.*

Agradecimentos

A Deus e a todos os meus guias, por me abençoarem, me protegerem e me permitirem chegar até aqui.

Ao CNPq, à CAPES e À PUC-Rio, porque este trabalho foi realizado com apoio dessas três instituições e sem elas não seria possível a existência desta pesquisa.

Ao Departamento de Educação da PUC-Rio à secretaria e à equipe docente, por toda formação humanística, por me proporcionarem uma visão ampla da Educação e pela atenção dispensada aos estudantes.

À minha querida orientadora Professora Naira Muylaert, por toda paciência, dedicação, parceira e confiança. Gratidão por estar/ser prestativa e disponível para discutir as ideias e trocar conhecimentos a fim de elaborarmos este trabalho.

Às minha querida coorientadora Alicia Bonamino, por toda ajuda, direcionamento, paciência e trocas que ajudaram na confecção deste trabalho.

Às professoras Tânia de Freitas Resende, Cynthia Paes de Carvalho, Karina Carrasqueira Lopes e Rosileia Lucia Nierotka, que compuseram a Banca Examinadora. Agradeço a disponibilidade e as imensuráveis contribuições a este trabalho.

À professora Cynthia Paes de Carvalho, por trazer todo seu conhecimento em Bourdieu que me fizeram observar a minha própria pesquisa em mim.

Aos meus pais, Edson e Severina, por todo apoio, pelo amor incondicional e por toda ajuda ofertada em todos os momentos de minha vida. Gratidão

por nos escolherem, por nos acolherem e por serem o meu alicerce, por sempre estarem lá por mim e para mim.

À minha companheira Camila, pelo amor, pela paciência nos momentos mais difíceis, por acreditar no meu potencial mesmo quando eu quis desistir e por me lembrar todos os dias que a Educação liberta. Gratidão por tudo.

Aos colegas de turma, pelos debates incríveis que foram muito contributivos para um novo olhar sobre a Educação e por me ajudaram a construir ideias que desaguaram neste trabalho.

Ao meu querido grupo de pesquisa, LAEd, por todos os debates, ajudas e compartilhamento de ideias que contribuíram grandemente para que esta pesquisa se constituísse. Gratidão por todo companheirismo nesta jornada.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Nóbrega, Nívia Xavier Correia Nóbrega; Lima, Naira da Costa Muylaert; Bonamino, Alicia Maria Catalano de. **A Escolha da Escola: as estratégias familiares para acesso e permanência nas instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II.** Rio de Janeiro, 2024. 134p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo desta dissertação é compreender as principais motivações e estratégias familiares para o acesso e permanência dos estudantes no Colégio Pedro II (CPII) – escola federal considerada de excelência. Como método de pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa com uso de duas técnicas de coleta/produção de dados, a saber: levantamento bibliográfico de artigos científicos e entrevistas semiestruturadas com os estudantes cotistas e não cotistas do 1º e 2º segmento do Ensino Fundamental e suas respectivas famílias. A seleção dos estudantes e de suas famílias para as entrevistas foi feita por meio da técnica denominada “bola de neve”, amostragem não probabilística em que os participantes iniciais das entrevistas indicam outros novos participantes até que os participantes passem a repetir a mesma resposta. Com o fito de responder aos objetivos, a pesquisa traz referenciais nos campos da Sociologia e da Sociologia da Educação. As pesquisas no campo da Sociologia da Educação costumam ser abundantes e abordam diversas questões como as relações entre a educação e as desigualdades socioeconômicas. Por isso, abordamos as temáticas das estratégias familiares mobilizadas pelas famílias das diferentes classes sociais (médias e populares), a relação família-escola e a temática do que são colégios públicos de excelência assim como a motivação para escolher o Colégio Pedro II. Por fim, a análise dos dados e do levantamento bibliográfico apontaram não só a existência de diferentes estratégias mobilizadas pelas famílias das camadas médias e das camadas populares para que seus filhos tenham acesso e permanência no Colégio Pedro II mas também diferentes motivações para a escolha do Colégio Pedro II. Após a análise dos dados coletados nas entrevistas, concluímos que as famílias

entrevistadas possuem um alto Capital Cultural observado pelo acúmulo de capital informacional e valorizam a escola pública de excelência, caso do CPII, em detrimento das escolas públicas comuns.

Palavras-chave

Escolha da escola; estratégias familiares; relação família - escola; Colégio Pedro II; colégios públicos de excelência.

Abstract

Nóbrega, Nívia Xavier Correia Nóbrega; Lima, Naira da Costa Muylaert; Bonamino, Alicia Maria Catalano de. **Choosing a School: family strategies for accessing and remaining in excellent public school institutions - Colégio Pedro II.** Rio de Janeiro, 2024. 134p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The objective of this dissertation is to understand the main motivations and families strategies for students' access to CPPII – considered an excellence federal school – as well as the school's selective strategies in relation with the families strategies. As a research method, we adopted a qualitative approach using three data collection/production techniques: bibliographic survey of scientific articles; documental analysis; and semi-structured interviews with those from “Pedrinho”, quota and non-quota students from the 1st segment of Elementary School and their respective families. The selection of students and their families for the interviews was done using “snowball” technique. This technique implies: the initial interview participants nominate other new participants, who nominate others until they start repeating the same answer. In order to respond to the research objectives, it brings Sociology and Sociology of Education references. Sociology of Education area of knowledge tends to be broad and addresses various issues such as the relations between education and socioeconomic inequalities. Therefore, we approach the themes of families strategies mobilized by families from different social classes (middle and popular), as well as the family-school relationship and what are excellent public schools as well as the motivation for choosing Colégio Pedro II. Finally, the data analysis, the bibliographic survey and the documental analysis pointed not only to the existence of different ways of mobilizing of the middle classes and the popular classes families so that their children have access to Colégio Pedro II, but also different motivations for choosing Colégio Pedro II.

Keywords

School choice; family strategies; family-school relationship; Colégio Pedro II; excellent public schools.

Sumário

1.	Introdução	16
2.	Marco Teórico	21
2.1.	A Família vista pelo olhar sociológico antes dos anos 1980	21
2.2.	A Família vista pelo olhar sociológico após os anos 1980	27
3.	A Escolha da Escola – Por que o Colégio Pedro II?	47
3.1.	Da tradição elitizada à democratização do ensino no Colégio Pedro II	47
4.	Metodologia	62
4.1.	As questões da pesquisa	62
4.2.	O caminho da pesquisa	63
5.	Análise e discussão de resultados	70
5.1.	A construção do perfil socioeconômicos das famílias	71
5.2.	Sobre as motivações das famílias para escolher o CPII	77
5.2.1.	Motivações para a escolha da escola na Educação Infantil	77
5.2.2.	Participação dos pais nas reuniões escolares	84
5.2.3.	Apoio dos pais nas atividades escolares	86
5.3.	As estratégias das famílias para acessar e permanecer no CPII	88
5.3.1.	Investimento: tempo de deslocamento, acessibilidade escolar e distância geográfica entre residência e escola	88
5.3.2.	A Importância do Capital Informacional	90
5.3.3.	Investimento financeiro e recursos para preparação dos filhos	100
6.	Considerações finais	111

7.	Referências bibliográficas	116
8.	Anexos	120

Lista de figuras

Figura 1 – Organograma da rede de contatos da pesquisadora	66
--	----

Lista de siglas

CPII – Colégio Pedro II

EF – Ensino Fundamental

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação básica

Saeb – Sistema de Avaliação da Educação básica

Lista de quadros e tabelas

Quadro 1 – Estratégias familiares de escolha da escola segundo as classes sociais em contexto nacional	32
Quadro 2 – Estratégias familiares de escolha da escola segundo as classes sociais em contexto internacional	37
Quadro 3 – Perfil socioeconômico das famílias dos responsáveis	73
Quadro 4 – Síntese dos principais dados das entrevistas	110

Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica.

Paulo Freire

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa é formulado a partir de um recorte da pesquisa *Políticas Públicas de Ação Afirmativa e Desigualdades Sociais e Raciais na Educação Básica*, e se desenvolve no âmbito da rede internacional de pesquisa Desigualdade e discriminação: políticas e contextos escolares do Programa Institucional de Internacionalização da Capes (CAPES-Print), coordenado pela professora Dra. Alicia Bonamino. A pesquisa conta com a participação de diversos pesquisadores do Brasil, França e Chile e versa sobre o enfrentamento da desigualdade e da discriminação em contextos escolares. No caso brasileiro, a pesquisa se propõe a investigar as relações entre escolarização, desigualdade social e discriminação, tendo como campo de pesquisa a experiência escolar de uma instituição de ensino pública, reconhecida como de excelência – o Colégio Pedro II (CPII). Um dos eixos do estudo *Políticas Públicas de Ação Afirmativa e Desigualdades Sociais e Raciais na Educação Básica*, no qual esta dissertação se insere, é a investigação sobre as relações entre família, escola e trajetórias dos estudantes, de acordo com o perfil sociodemográfico. Mais especificamente, o presente estudo se alinha ao tema das relações entre as famílias e as escolas, pois busca compreender as estratégias que as famílias das camadas populares e da classe média mobilizam para que seus filhos tenham não apenas acesso ao Colégio Pedro II no 1º e 2º segmentos do ensino fundamental por meio de seleção pública de acesso (sorteio de vagas e concurso de acesso aos anos iniciais do Ensino Fundamental – 6º ano) como também quais são as estratégias mobilizadas para a permanência dos seus filhos no CPII.

Desde o meu ensino básico, fui estudante do sistema público de ensino. Frequentei a Escola Municipal Dilermando Cruz, no bairro de Ramos, durante todo o ensino fundamental. Ao sair de lá, fui normalista no Colégio

Estadual Heitor Lira, no bairro da Penha. Por ser moradora da Comunidade Parque Maré, no Complexo de Favelas da Maré, frequentei o pré-vestibular social do CEASM (Centro de Ações Solidárias da Maré), no ano de 2004, a fim de concorrer ao vestibular das universidades estaduais e federais presentes nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Na época, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) não era considerado para fins de acesso às universidades públicas. Toda a minha trajetória escolar foi pautada no ensino público próximo de casa por se configurar como uma estratégia familiar utilizada por meus pais, uma vez que não havia meios financeiros suficientes para que frequentássemos (eu e meus irmãos) escolas/colégios particulares. Até mesmo a escolha feita pelo pré-vestibular social do CEASM, no morro do Timbau (Maré), foi pautada na impossibilidade de frequentar cursos preparatórios pré-vestibulares considerados de ponta por questões financeiras que envolviam mensalidades e deslocamentos.

Sou filha de pais nordestinos, que saíram da Paraíba na esperança de um futuro melhor para eles e para seus filhos. Meu pai, oriundo de Tataíra, distrito do Município de Desterro, no interior da Paraíba, veio sozinho, após o casamento com minha mãe, para o Rio de Janeiro tentar oportunidades de trabalho a fim de estruturar sua família. Enquanto isso, minha mãe, oriunda de Serra Branca, município no interior da Paraíba, lá permaneceu com meu irmão mais velho esperando as condições financeiras melhorarem para também se mudar para o Rio de Janeiro. Aqui, tiveram como moradia o Morro do Catumbi. Entretanto, por conta dos problemas reais de minha mãe, se mudaram para o Complexo de Favelas da Maré e lá moraram por mais de 40 anos. É nesse contexto, de pais que tiveram pouco acesso à educação formal, que nos criamos.

Minha mãe possui o ensino fundamental completo e meu pai possui o ensino fundamental incompleto, tendo cursado até o quinto ano atual, antiga quarta série. Por conta de todos esses percalços, cresci ouvindo que teríamos mais oportunidades que eles e teríamos mais estudos também. Dessa forma, traçaram estratégias de investimento de tempo e dinheiro para que nossa educação fosse a melhor possível. Dentro dessa estratégia estava o combinado de minha mãe trabalhar como costureira autônoma em casa, a fim de nos levar à escola, de nos ajudar com os deveres escolares e de

frequentar nossas reuniões escolares, enquanto meu pai trabalhava fora de casa, emprego formal, como frentista/vigia de posto de gasolina. Tais estratégias foram fundamentais para que nós avançássemos em nossa jornada escolar. Por isso, após frequentar o pré-vestibular social do CEASM, no ano de 2005, e o posterior êxito no vestibular, ingressei em Letras: Licenciatura Plena em Português/Latim, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), *campus* do Fundão e tive a minha formação plena para atuar na área de ensino de Língua Portuguesa. Entretanto, foram as aulas de Educação Brasileira e Política Educacional na licenciatura que me fizeram refletir sobre os aspectos educacionais e as desigualdades sociais, inclusive sobre as condições em que minha própria família estava inscrita.

Por ter realizado toda a minha trajetória acadêmica no ensino público, desde a educação básica à superior, pude perceber como uma parte do corpo discente sonha em conseguir ingressar em instituições públicas escolares de excelência, seja no ensino médio, seja no ensino superior.

Colégios públicos de excelência são minoria. No Brasil, figuram entre essa minoria os colégios federais, como os Institutos Federais, os colégios de aplicação das universidades federais e estaduais e a rede de escolas do Colégio Pedro II (CPII), além de algumas poucas escolas das redes municipais e estaduais. Pertencer a uma instituição de ensino pública e de excelência, sobretudo de administração federal, é valoroso no imaginário social e muitas famílias adotam estratégias para matricular seus filhos nestas instituições, embora o percurso para chegar lá não seja tão fácil.

Ao longo de minha própria trajetória, figurou no meu imaginário o pertencimento a uma dessas instituições – em particular o CPII – mas, por causa das condições financeiras, não consegui me inscrever no processo seletivo da instituição. Para ser estudante do CPII, é necessário concorrer às vagas por meio de concursos que aplicam provas de Português, Matemática e Redação. Como a oferta de vagas é pequena e a demanda é grande, seu acesso é muito concorrido, exigindo que as famílias utilizem meios extracurriculares para garantir mais chances de aprovação no processo seletivo. A partir disso, as famílias passam a traçar estratégias e a fazer investimentos, seja de tempo e/ou de dinheiro, a fim de que suas crianças consigam passar pelo funil dos concursos de seleção de instituições públicas

de excelência, como o caso do CPII. A adoção das estratégias familiares depende de vários fatores, dentre eles as condições socioeconômicas, sociodemográficas e da relação família-escola.

Alinhado a essa temática, a presente pesquisa tem como objetivo central compreender as motivações e as estratégias familiares de acesso e permanência de estudantes nas instituições públicas de excelência, em particular o CPII. A principal questão norteadora é: Quais as motivações e as estratégias adotam as famílias para buscar garantir que seus filhos consigam sucesso no acesso e na permanência em escolas públicas de excelência? A partir dessa pergunta, a pesquisa toma como *lócus* de investigação o Colégio Pedro II – considerado de excelência não só pelos seus indicadores educacionais, como também pela sua história e tradição.

Para tratar do tema proposto neste estudo, a dissertação está dividida em 8 capítulos, contando com essa introdução, referências bibliográficas e anexos. No capítulo 2 – Marco Teórico – discutiremos o nosso referencial teórico sobre as relações família-escola, bem como as estratégias que as famílias utilizam para a longa e bem-sucedida escolarização e para a escolha da escola. Além disso, discutiremos o olhar sociológico em relação ao núcleo familiar, como isso se deu ao longo dos anos na visão de diferentes sociólogos da educação e as motivações para investir no futuro escolar das crianças.

No capítulo 3 – A Escolha da Escola: Por que o Colégio Pedro II? – explicamos porque o CPII é um campo empírico interessante para a presente pesquisa, ao descrever o processo de construção do seu ‘status’ de excelência escolar, apontando os marcos históricos de elitização e de democratização que o CPII sofreu ao longo do tempo. Um desses marcos é a política de acesso à instituição, que se dá por sorteio público e por processo seletivo – que é altamente seletivo.

No capítulo 4 – Metodologia – fazemos a exposição das técnicas e dos procedimentos utilizados para a construção dessa pesquisa, realizada por meio de análise do levantamento da literatura sobre o tema relação família-escola e por entrevistas semiestruturadas com estudantes que ingressarem no CPII e suas respectivas famílias.

Já no capítulo 5 – Análise e Discussão dos dados – apresentamos e

analisamos os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas e, por fim, no capítulo 6 – Considerações Finais – finalizamos a presente pesquisa sintetizando os principais achados, destacando a importância do tema para se compreender as diferentes estratégias utilizadas pelas famílias no acesso e permanência às instituições de ensino de excelência – no caso, o CPII e como isso incide sobre o tema das desigualdades educacionais.

MARCO TEÓRICO

As pesquisas no campo da Sociologia da Educação costumam ser amplas e abordam diversas questões como, por exemplo, as relações entre a educação e as desigualdades socioeconômicas, os processos de socialização das crianças e jovens, as relações entre escolarização e mercado de trabalho, as relações entre as famílias e as escolas, dentre outros temas. Este trabalho se alinha a esta última temática – relação família e escola – ao procurar investigar as motivações e as estratégias familiares para o acesso às instituições públicas de excelência, tomando como base o Colégio Pedro II, que vem adotando nos últimos 20 anos, medidas de democratização de seu acesso a grupos sociais desfavorecidos em função de determinadas características, como a renda, a cor/raça e a deficiência.

O acesso de camadas populares à escola e, particularmente, às escolas de excelência é um dos temas abordado nos estudos do campo da Sociologia da Educação. Em particular, nos interessa neste capítulo revisitar a literatura que aborda a relação família-escola, os processos e estratégias familiares para escolha de uma escola de excelência e quais são as expectativas das famílias com relação à estas escolas, mais especificamente sobre o que elas podem oferecer ao longo da trajetória escolar dos filhos e após a sua conclusão.

2.1. A família vista pelo olhar sociológico antes dos anos 1980

De acordo com Nogueira (1998), entre os anos de 1950 e início dos anos de 1960 os estudos que se voltaram para a relação entre família e escolacentravam-se no plano macroscópico e na observação da relação entre

educação e classe social, na tentativa de entender quais seriam os fatores responsáveis pelas desigualdades de oportunidades. Por isso, não se pode afirmar que a categoria “família” tenha presença recente nas pesquisas dentro da Sociologia da Educação. Na verdade, o que se faz novo é o modo de tratamento que a mencionada categoria adquire nos estudos sociológicos a partir dos anos de 1980 (Nogueira, 2005).

É interessante observar que, nas décadas de 1950 e 1960, período de pós-guerra, as desigualdades educacionais tenham sido relacionadas diretamente com o meio sociocultural em que a família se insere, como forma de explicar as desigualdades escolares existentes entre as diversas classes socioeconômicas.

Bonamino *et al.* (2010) caracterizam este período como o da visão d otimista e neutra da escola neste período. Ou seja, a escola era vista como um local onde primava a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos, e onde os melhores se destacavam por motivações próprias, ou seja, era uma visão informada pela noção de meritocracia. Bourdieu é o sociólogo mais empenhado em analisar as relações existentes entre família, escola e desigualdades sociais, conferindo às desigualdades educacionais uma forma de hereditariedade social (Bourdieu, 2018). Para ele, os filhos herdam as condições sociais de suas respectivas famílias e dificilmente conseguem ascender às classes sociais mais altas, até porque, nas classes populares e médias, a falta de conhecimento acerca do mercado escolar prejudica o investimento em bons estabelecimentos de ensino. Logo, as famílias dessas classes tendem a fazer investimentos escolares de menor qualidade, o que influencia diretamente na manutenção das desigualdades socioeducacionais. Na verdade, o olhar de Bourdieu é o que Nogueira (1998) caracteriza como macroscópico. O sociólogo não estuda a família em suas particularidades, mas apenas de forma ampla, não focalizando a realidade particular das famílias das mais diversas classes sociais.

Em 1966, quando o Relatório Coleman¹ é lançado, os resultados obtidos

¹ O governo norte-americano efetuou uma pesquisa com 645 mil estudantes como amostra, a fim de coletar dados acerca das características das escolas que estes estudantes frequentavam, dos professores, do próprio corpo discente e de suas respectivas famílias. O estudo visou à medição de diferenças de raça, cor, religião, origem geográfica e origem social por meio da aplicação de cinco grupos de testes cujo objetivo era mensurar as

por Coleman e sua equipe nos EUA convergem com os resultados obtidos por Bourdieu (2018) no contexto Francês, fortalecendo a ideia da escola como reprodutora das desigualdades sociais pré-existentes entre os alunos. Como consequência, a escola recebe o título de reprodutora social como se observa no Relatório Coleman:

As inúmeras frustrações com o caráter autoritário e elitista do sistema educacional e com o baixo retorno econômico e social decorrente da posse de diplomas de determinados cursos tornaram 'imperativo reconhecer que o desempenho escolar não dependia, tão simplesmente, dos dons individuais, mas da origem social dos alunos' (Coleman, 1966, p. 16).

Isso significa que os fatores relacionados à escola têm pouco efeito na aprendizagem dos estudantes, sendo o histórico familiar o fator mais importante para explicar as diferenças de sucesso escolar. Esse baixo impacto da escola na aprendizagem acontece, segundo Bourdieu (2018), por conta dos capitais herdados pelos filhos em suas respectivas famílias. O termo “capital”

foi utilizado por esses sociólogos [Bourdieu e Coleman] no estudo das desigualdades escolares como referência às vantagens culturais e sociais que indivíduos ou famílias mobilizam e, via de regra, os conduzem a um nível socioeconômico mais elevado. (Bonamino *et al*, 2010, p. 488).

As razões do sucesso ou fracasso da escolarização dos estudantes dependeriam, portanto, do tipo e do volume de capital acumulado pelo estudante na sua socialização familiar. A escolarização ou sua falta fazem parte da socialização secundária e interferem na acumulação de capital pelos estudantes das diversas camadas sociais.

Os "capitais" de Bourdieu (2018) referem-se aos recursos que uma

competências verbais e não verbais e, a partir daí, observar a diversificação entre os estabelecimentos de ensino e de como os resultados poderiam afetar as oportunidades de educação. A intenção, ao final da pesquisa, foi a tentar custear a implementação de políticas de melhoria escolar. Por isso, Bonamino e Franco (1999, p.102) definem o Relatório Coleman (COLEMAN, 1966) como uma das mais influentes pesquisas de levantamento na área de educação.

pessoa pode ter e que contribuem para sua posição na sociedade. Bourdieu (2018) identificou quatro tipos principais de capitais: econômico (dinheiro e bens), cultural (conhecimento e habilidades culturais), social (rede de contatos e relacionamentos) e simbólico (prestígio e reconhecimento). Esses capitais desempenham um papel crucial na determinação da posição social e das oportunidades disponíveis para um indivíduo.

O capital econômico de Bourdieu (2018) formado pelos recursos financeiros e materiais que um indivíduo possui, incluindo dinheiro, propriedades, investimentos e outros ativos econômicos. Segundo Bourdieu, o capital econômico desempenha um papel importante na determinação da posição social de um indivíduo, influenciando seu acesso a certos círculos sociais, oportunidades educacionais e até mesmo o seu estilo de vida. Este tipo de capital também está intimamente ligado aos outros tipos de capitais, como o capital cultural e o capital social.

Já o Capital Social refere-se à rede de relacionamentos, contatos e conexões sociais que uma pessoa possui. Segundo Bourdieu, o capital social pode proporcionar benefícios tangíveis e intangíveis, como oportunidades de emprego, acesso a recursos, suporte emocional e informações privilegiadas. Ele argumenta que as relações sociais e a posição de uma pessoa em determinadas redes podem influenciar significativamente suas oportunidades na vida, contribuindo para a reprodução das desigualdades sociais. O capital social está intimamente ligado ao capital cultural e econômico, uma vez que as relações sociais muitas vezes facilitam o acesso a outros recursos.

Para Bourdieu (2018) também o Capital Cultural é um elemento importante para entender as desigualdades sociais e as desigualdades de desempenho escolar. Este capital diz respeito ao conjunto de conhecimentos, habilidades, educação formal, experiências culturais e familiaridade com a arte e a cultura que uma pessoa possui. Bourdieu argumenta que o capital cultural desempenha um papel crucial na reprodução das desigualdades sociais, influenciando as oportunidades disponíveis para os indivíduos. Ele identifica três formas de capital cultural: o incorporado (conhecimentos e habilidades internalizados); o objetivado – bens culturais, livros comprados, pinturas e esculturas –; e o

institucionalizado (certificados, diplomas e títulos que atestam a educação formal). Este tipo de capital é frequentemente transmitido de geração em geração e pode influenciar significativamente a posição social de um indivíduo.

Por último, Bourdieu (2018) define o capital simbólico como o prestígio, reconhecimento e honra associados a determinadas posições, práticas ou instituições dentro de uma sociedade. Segundo Bourdieu (2018), o capital simbólico é uma forma de poder que pode influenciar as interações sociais, as oportunidades disponíveis e até mesmo as percepções sobre o valor de determinadas atividades ou realizações. Este tipo de capital está intimamente ligado aos outros capitais identificados por Bourdieu, uma vez que o prestígio e o reconhecimento social muitas vezes estão associados ao capital econômico, cultural e social. Portanto, ele desempenha um papel importante na reprodução das hierarquias sociais e na legitimação das desigualdades.

Nesse enquadramento, nas décadas de 1950 e 1960, as famílias não foram observadas ou estudadas no plano microscópico, a partir da perspectiva da relação entre a família e a escola, mas apenas em razão do “pertencimento à classe de origem...”, sem que se atribuísse a devida atenção às atitudes e às dinâmicas familiares durante essas duas décadas. A organização interna da família em relação à criança não foi estudada de forma mais específica, porque a família era vista apenas como um pano de fundo em que havia a transmissão de herança material ou simbólica para os filhos e essa transmissão incidiria diretamente nos resultados escolares das crianças por conta do capital cultural herdado da família. (Van Zanten, 1999; Nogueira, 2005). Nesse sentido, a criança ainda não era vista como um ator social e tudo aquilo que a família transmitia às gerações futuras eram determinantes para os resultados escolares.

Em virtude disso, Nogueira (2005) aponta que

os comportamentos internos das famílias não eram interrogados em si mesmos, mas sim inferidos a partir da constatação de seus efeitos sobre os destinos escolares. Assim, essas análises, que tinham um caráter macroscópico, eximiram-se da observação dos processos domésticos e cotidianos de produção/manutenção das

desigualdades escolares, transformando a família numa mera correia de transmissão das diferentes classes sociais. (Nogueira, 2005, p. 565).

Por esse olhar, observou-se que o meio sociofamiliar seria um fator fortemente associado às diferenças escolares. Isto quer dizer que toda a atenção estava voltada às características gerais do grupo familiar, como a quantidade de filhos, a idade, o sexo, o lugar da criança dentro do grupo familiar e entre os irmãos etc. Ou seja, o que se conhecia eram os efeitos da família no desempenho escolar, mas não se sabia quais eram as interações e estratégias internas de cada família para a escolarização de seus filhos. Como diz Lareau (1987), o foco da relação família-escola recaía apenas nos resultados, deixando de fora os aspectos mais processuais.

Se, portanto, as teorias da reprodução avançam a idéia de uma diferenciação na natureza das famílias segundo seu pertencimento de classe, elas permanecem ao nível do princípio: as famílias não são interrogadas por si mesmas nem por aquilo que fazem das determinações inerentes a seu pertencimento de classe. Não lhes é demandado mais, ao final das contas, do que personificar os diferentes meios sociais (que são aqui os verdadeiros sujeitos da vida social e da atividade escolar). (Terrail, 1997, p. 69-70).

Já nos anos de 1970, a predominância foi do paradigma de reprodução, com os célebres trabalhos de Bourdieu e Passeron (1964 e 1970), e de alguns outros teóricos como Baudelot e Establet (1971), na França, e Bowles e Gintis (1976) nos Estados Unidos (Nogueira, 2005). Para todos esses sociólogos, este período foi o de postulação de uma transmissão familiar, de uma herança (econômica, cultural, social ou simbólica), a seus descendentes, que determinaria as trajetórias e os resultados escolares desses indivíduos.

Assim, os estabelecimentos escolares seriam a arena onde se reproduzem as desigualdades sociais sob a justificativa do papel exercido pelas diferenças individuais, o que conhecemos como meritocracia.

O que podemos inferir, nas três décadas citadas – anos 50, 60 e 70 –, é que a categoria “família” foi evitada propositalmente por todos os sociólogos que se dispuseram a estudar as temáticas família e escola e a

interferência familiar no desempenho educacional dos filhos. Esses sociólogos estavam informados pela ideia de um determinismo social que faria todas as famílias de uma mesma classe social serem enxergadas como iguais, sem quaisquer estudos sobre como o *background* familiar poderia influenciar nas trajetórias e investimentos acadêmicos nas crianças (Lareau, 1987). O que se mostra mais curioso, nesses estudos, é o fato de que, por um lado, não deixam de aceitar o papel da “família” na escolarização dos filhos (ainda que seja como uma forma de socialização primária ou transmissão de capitais); mas, por outro lado, fomentam o apagamento da categoria “família”, reduzindo-a ao pertencimento a uma classe social, sem levar em consideração o seu funcionamento e organização internos.

2.2. A família vista pelo olhar sociológico após os anos 1980

Os anos de 1980 proporcionam um novo olhar sociológico na educação, pois houve o deslocamento das observações das macroestruturas para determinados elementos microestruturais, como as práticas pedagógicas do cotidiano, a sala de aula, as escolas, o currículo e, também, a família. Forquin (1995) afirma que essa seria uma evidente demonstração de que a Sociologia da Educação volta o seu olhar para unidades de análises particulares. Esse movimento faz com que, nos anos 80, passem a se observar de forma empírica as trajetórias escolares dos indivíduos e as estratégias familiares mobilizadas para a escolarização de seus respectivos filhos. Ou seja, agora, a família passa a ser observada e a ser objeto de análise de estudos mais microscópicos, contrapondo-se os estudos macroscópicos dos anos 50, 60 e 70 (Nogueira, 2005).

Conforme Van-Zanten (1988), essa mudança de foco com o passar do tempo deixa de lado a “sociologia das desigualdades sociais e culturais”, provenientes das análises macroestruturais, cuja análise se concentrava apenas no determinismo social e cultural da família, para dar lugar a uma sociologia que se interessa pelas estratégias escolares familiares individuais

traçadas por cada família em relação à escolarização de seus filhos e não mais à totalidade das famílias daquela classe social.

Entre os anos de 1980 e 1990, então, a Sociologia da Educação passa por um processo de “reorientação” (Nogueira, 1998, p. 94). É nesse contexto, que surge um novo quadrosociológico cuja ambição é ir além dos estudos macroscópicos sobre a relação família-escola no sentido do desenvolvimento de novos estudos sobre as trajetórias escolares familiares no plano microscópico e sobre as estratégias utilizadas pelas famílias no decorrer da trajetória escolar dos filhos. Aliás, como nos diz Nogueira (2005), o vocábulo “estratégia” passará a ser concebido como um termo-chave para os estudos sociológicos que se voltam para a problemática das relações família-escola.

Em termos gerais, estratégia pode ser definida como um plano de ação concebido para alcançar um ou mais objetivos específicos. Como este trabalho diz respeito às estratégias familiares, adotaremos a definição de estratégia como um conjunto de planos, decisões e ações deliberadas adotadas por uma família para alcançar seus objetivos coletivos. Esses objetivos podem variar amplamente e incluir aspectos como a gestão financeira, a educação dos filhos, a manutenção de tradições familiares, a sucessão de negócios familiares, entre outros. Dessa forma, a estratégia familiar pode envolver a definição de valores compartilhados, a gestão de conflitos, a alocação de recursos e o planejamento a longo prazo para garantir o bem-estar e o sucesso da família como um todo, envolvendo a escolarização de sucesso das crianças das famílias.

Com base nesse novo olhar sociológico, os determinismos sociais foram colocados em questão e os sociólogos da época passaram a formular novos questionamentos sobre a diversidade encontrada entre as famílias das distintas camadas sociais em relação às suas organizações internas, seus projetos, suas histórias, passando a questionar, para além disso, a existência de formas heterogêneas de disposições de cada membro da família em relação à escola dentro do mesmo grupo familiar (Zéroulou, 1988; Terrail, 1990; Kellerhals e Montandon, 1991; Laurens, 1992; Rochex, 1995; Ferrand *et al.*, 1999) e (Lahire, 1995).

Esses novos estudos sociológicos, então, se debruçam sobre a vida

privada das famílias e de seus membros, no intuito de entender as relações familiares não apenas como um simples reflexo da sociedade que as cerca, mas como ator social que possui projetos e estratégias próprios e que são resultado de uma dinâmica interna criada pelos membros do grupo familiar.

O estudo das famílias do ponto de vista microssociológico trouxe o entendimento dos seus membros como atores sociais. Diferentemente dos estudos das décadas anteriores, a criança, por exemplo, passa a ser vista como motivo de afeto, de cuidados, de investimento escolar e, até mesmo, como uma forma de realização de um sonho familiar. Reconhece-se, neste caso, que dependendo da classe social à qual a criança pertence, os investimentos em escolarização são diferentes. Toda essa mudança na forma de enxergar a criança como sujeito ativo, como um ator social, traz a criança para o centro da família.

Como aponta a literatura, “a criança constituiu e constitui sempre um duplo investimento para a família, instrumental e afetivo, e as duas dimensões permanecem muito importantes ainda que elas tenham sofrido certas modificações” (MONTADON, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1998, p. 97). Para Montadon (1987), há uma relação quase profissional entre pais e filhos, já que os pais buscam, cada vez mais, especialistas, como pediatras e pedagogos, a fim de saber como lidar com seus filhos, ao mesmo tempo em que procuram instrumentalizá-los para prepará-los para as diferentes competições que podem ocorrer durante a vida. É por isso que tentam escolarizá-los e profissionalizá-los, porque, afinal, ainda há a condição socioeconômica como um dos atravessamentos em suas respectivas trajetórias. Singly (1997) afirma que “enquanto a antiga família era patrimonial, a nova lógica da escola suscita, pouco a pouco, a emergência de um ‘capital escolar’ que serve para legitimar as posições dos jovens no espaço social” (Singly, 1997, p. 46 *apud* NOGUEIRA, 1998, p. 98).

Nesse sentido, Nogueira (2005) afirma que

No bojo desse movimento emergem novos valores educacionais, preconizando o respeito pela individualidade e pela autonomia juvenis, o liberalismo nas relações entre pais e filhos, que agora devem se pautar não mais pelo autoritarismo, mas sim pela comunicação e pelo diálogo. Em suma, os pais tornam-se provedores de

bem-estar psicológico para os filhos. (Nogueira, 2005, p. 572).

Isso significa dizer que esse novo modelo de família está, agora, distante dos modelos dos anos 1950, 1960, 1970 e início dos anos 1980, pois há uma nova forma de enxergar a criança e suas relações com os membros familiares. Além disso, há uma nova responsabilidade dos pais em relação aos seus filhos, porque a criança se transforma em um espelho em que os pais veem refletidos seus erros e acertos, tanto no campo educacional como no campo social em que vivem, podendo sentir orgulho de seus feitos ou frustração pelo fracasso de seus esforços.

De acordo com a literatura (Bourdieu, 2018; Nogueira, 2004; Piotto, 2000; 2006), o valor que os filhos possuem advém dos seus respectivos valores escolares. Com o prolongamento da obrigatoriedade escolar e a democratização do acesso à escola, que levou para seu interior um novo contingente de alunos, os sistemas de ensino precisaram passar por modificações e começaram a refletir sobre o cotidiano das famílias.

Diante do objetivo de se investigar as estratégias adotadas pelas famílias das diferentes classes sociais em relação à escola, Nogueira, Resende e Viana (2015) utilizam o conceito de “mobilização escolar familiar” que, do ponto de vista sociológico, remete às práticas e atitudes articuladas para a bem-sucedida escolarização dos filhos. Dentre tais práticas, os autores elencam a solicitação de ajudas externas ao contexto familiar, por exemplo, ajuda dos grupos religiosos frequentados pela família; comparecimento às solicitações escolares de reuniões ou conversas extras, ou idas extras à escola quando há problema com o estudante; e, ainda, a verificação das notas escolares. Vale ressaltar que o estudo de Nogueira, Resende e Viana (2015) foi baseado nas entrevistas de 33 famílias de alunos do EF da rede pública de Belo Horizonte. Neste estudo, as famílias possuíam perfis socioeconômicos relativamente baixos e essas estratégias se mostraram importantes para que os filhos consigam ter sucesso na sua trajetória escolar. Além disso, a análise da relação família-escola, levando em consideração as dinâmicas internas e o processo de socialização entre os familiares, contribui para o entendimento das diferentes relações entre escolarização dos filhos e

as camadas sociais.

De acordo com Nogueira (1998), além da aproximação com as famílias, a escola passou a ser cada vez mais complexa e a família precisou descifrá-la para fazer escolhas escolares conforme suas possibilidades. Isto envolve a localização da escola, o reconhecimento ou a tradição do estabelecimento de ensino, a qualidade de ensino, entre outros fatores que passam a ser ponderados pelas famílias, uma vez que seus filhos também são vistos como investimentos econômicos. Ou seja, pensar a escolha da escola reflete diretamente na trajetória escolar dos filhos, podendo refletir, também, na condição social da própria trajetória familiar. Logo, é necessário escolher a melhor escola dentre as possibilidades que se apresentam para que haja sucesso na escolarização da criança.

A partir do momento em que a família coloca a criança em um lugar central, a escolha da melhor escola passa a ser objeto de preocupação. Em razão disso, estratégias são mobilizadas para que a criança frequente a melhor escola dentre as escolhas possíveis e tenha sucesso escolar. Entretanto, é necessário observar que as estratégias para a escolha ainda podem ser distinguidas, em grandes linhas, dentro das classes sociais, como pode ser observado no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Estratégias familiares de escolha da escola, segundo as classes sociais no contexto brasileiro

Classes sociais	Estratégias familiares
Baixa/popular	<ul style="list-style-type: none">➔ Inscrição nos sorteios das escolas federais e dos colégios de aplicação de universidades públicas (Alves, 2010).➔ Escolas municipais com diferencial de qualidade, não próximas ao lugar de moradia da família, exigindo um deslocamento até a escola. (Alves, 2010).➔ Escolas municipais que apresentaram os melhores desempenhos na Prova Brasil 2005 e que estão a uma “melhor” distância do lugar de moradia dos alunos (esta “melhor” distância está relacionada à viabilidade de uma mobilização familiar para o deslocamento da criança até a escola, pelo uso de transporte alternativo, por exemplo.) (Alves, 2010)➔ Escola municipal mais próxima de casa. (Alves, 2010).

	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Estabelecimentos escolares na busca de um diferencial de qualidade para os seus filhos longe de casa. (Alves, 2010). ➔ Escolas privadas com mensalidades mais baixas ou com sistema de bolsas de estudos são escolhas de famílias que buscam um diferencial de qualidade. (Alves, 2010).
Média	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Forte acompanhamento da vida escolar dos filhos (verificar agenda, reuniões escolares, visitas à escola); suporte aos filhos em casa (ajuda nas tarefas escolares); comunicação e presença sistemática junto à escola. (Nogueira, 1995; Fialho, 2012; Silva, 2003). ➔ Investimento em aulas particulares, em tutores, apoios psicopedagógicos e psicológicos (Glasman, 2011; Martins, 2019). ➔ Evitamento das escolas públicas e valorização das instituições privadas por parte da classe média alta. (Nogueira, 1998; 2000; Brandão e Lellis, 2003; Nogueira e Aguiar, 2007). ➔ Escolas privadas de baixo custo e escolas públicas, mesmo tentando evitá-las. (Siqueira & Nogueira, 2017; Nogueira, 2013b; Piotto, 2006). ➔ Acessibilidade escolar: os estudantes chegam de ônibus, de carro ou de transporte escolar. Quanto maior o acesso via ônibus, maiores as chances de as famílias rejeitarem a escola. (Piotto, 2002; 2006). ➔ Pressionar as escolas para alocarem os alunos em turmas por nível de habilidade para construção de perfis homogêneos. (Alves, 2010).
Alta	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Os pais não apostam todas as suas fichas na escola. (Nogueira, 2004). ➔ Utilizam estratégias de tipo econômico: preparar os filhos desde muito cedo para sua sucessão; associá-los à empresa paterna; ou abrir para eles um pequeno negócio, ainda durante seu período de formação. (Nogueira, 2004). ➔ Escola como forma de manter o <i>status quo</i>. (Nogueira, 2003). ➔ Escolas privadas de baixa qualidade a fim de garantir apenas os títulos escolares que darão legitimidade para as posições já garantidas nas empresas. (Nogueira, 2003).

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar no quadro 1, a literatura aponta que as famílias

das diferentes classes sociais mobilizam estratégias diferentes para o futuro escolar de seus filhos.

Nos estudos de Alves (2010) junto a, aproximadamente, 5 mil estudantes matriculados nas escolas municipais, federais e privadas da cidade do Rio de Janeiro, a autora constatou que algumas famílias de classe popular, através de uma rede social de informações, consegue mobilizar esforços para participar de sorteios em colégios federais e colégios de aplicação das universidades públicas. Entretanto, aquelas famílias que não possuem esse capital informacional a respeito dos sorteios públicos de vagas, buscam outras estratégias como pesquisar as melhores escolas públicas perto e longe do território de moradia. Dependendo das informações, matriculam os filhos longe do território em que residem, em função da qualidade de ensino que oferecem (Alves, 2010). Um exemplo dessa realidade, é citado por Alves (2010) ao mencionar grupos de famílias pobres que matriculam seus filhos longe de sua residência por viverem em áreas de favelas. Dessa forma, entendem que a qualidade de ensino pode ser afetada por alguns fatores, dentre eles, a luta por território envolvendo as diferentes facções criminosas e as incursões da polícia nessas áreas. Por outro lado, algumas famílias fazem esforços financeiros para garantir que seus filhos estejam matriculados em escolas privadas de baixa qualidade, mas que consideram melhores que as escolas públicas (Alves, 2010).

As famílias de classe média estudadas por autores como Nogueira (1995), Silva (2003) e Fialho (2012), no geral, dispõem de outras estratégias para a escolarização de seus filhos. Dentre essas estratégias, temos o forte monitoramento da vida escolar da criança, que pode envolver desde a verificação das agendas e dos cadernos até idas frequentes à escola e conversa com professores e coordenação pedagógica a fim de entender/saber como os filhos estão na vida escolar. Pode envolver, também, além de conversas sistemáticas, idas frequentes às reuniões de pais e responsáveis e forma individual ou em grupos de família, algumas vezes essas famílias até fazem parte do Conselho Escolar como forma de saber os conteúdos ministrados pelos professores e o desempenho acadêmico dos próprios filhos.

Vale mencionar que Nogueira, Resende e Coutinho (2022) discutem o

conceito de camadas médias como “grupos de posição intermediária na escala social” (Nogueira; Resende; Coutinho, 2022, p. 4). Isso significa que não são camadas com o mesmo poder socioeconômico que as famílias das classes superiores, mas também não estão nas camadas que têm as mesmas disposições socioeconômicas que as camadas populares. São, portanto, as camadas que tentam manter o equilíbrio para conseguir ascender socialmente e não correr o risco de descer na pirâmide social.

Já uma parte das famílias de classe média estudadas por Nogueira (1998; 2000), Brandão e Lellis (2003), Nogueira e Aguiar (2007), Glasman (2011) e Martins (2019) dispõe de outros mecanismos, como a valorização de escolas privadas de alto padrão e a desconsideração dos estabelecimentos de ensino públicos. Salvo quando o capital informacional dessas famílias lhes apresenta os colégios públicos com excelência de ensino, caso em que as famílias procuram investir em cursos preparatórios e professores particulares para seus filhos.

Além de tudo isso, ainda podemos observar que as famílias de classe média estudadas por Siqueira & Nogueira (2017), Nogueira (2013b) e Piotto (2006) mobilizam estratégias escolares de acordo com seu salário, pois oscilam entre as escolas privadas de baixo custo e as escolas públicas, ainda que tentem evitar estas últimas. Outra estratégia acionada pela classe média é a matrícula de seus filhos em colégios com moderada acessibilidade. Quanto maior a possibilidade de os estudantes chegarem por meio de transporte público, maior também a possibilidade de evitamento desse estabelecimento de ensino.

Por último, no Brasil, as famílias de classe alta entrevistadas por Nogueira (2004) compõem a elite empresarial de Minas Gerais e não costumam traçar grandes estratégias escolares para seus filhos, visto que utilizam herança socioeconômica como estratégia de sucessão. Os pais entrevistados de classe alta tendem a preparar seus filhos para a sucessão em empresas ou para abrir seus próprios empreendimentos, logo, os investimentos escolares tendem a ser mais baixos que os das outras classes sociais. Ou seja, os estabelecimentos de ensino servem apenas como forma de conseguir os diplomas escolares com o intuito de justificarem a posição/o cargo dentro da empresa. (Nogueira, 2003; 2004; Almeida e Nogueira,

2003).

Costa e Koslinski (2012), também argumentam que as escolhas das escolas estão ligadas a uma relação de custo-benefício, que observa o julgamento do valor educacional do filho e as suas chances futuras de escolarização, além de informações sobre o sistema de ensino e sobre o projeto educacional.

Resende, Nogueira e Nogueira (2011) em estudo com 299 famílias de camadas populares e de camadas média-baixa definem três variantes que são fundamentais no processo de escolha da escola. A primeira é a variante social, pois as famílias se diferenciam de um meio social para o outro. Isto é, as escolhas dependem das condições socioeconômicas e sociodemográficas das famílias, pois quanto mais ricas economicamente, mais acesso a estabelecimentos de ensino com padrão de qualidade alto. Por outro lado, quanto mais baixo o nível socioeconômico e mais vulnerável o território sociodemográfico em que a família está inserida, menos oportunidades de acesso a determinados estabelecimentos de ensino com padrões de qualidade alto.

A segunda variante é a centralidade da educação dos filhos na família. Quando a escolha se torna possível, como mencionado anteriormente, é relevante observar o quão importante é a escolarização na vida dos filhos e a relação deles com o futuro, ou seja, é necessário pensar se o filho será capaz de ter uma escolarização longa para que o investimento financeiro e de tempo, entre outros, valha à pena.

Por último, os critérios de escolha variam de um grupo social ao outro, pois o acesso aos estabelecimentos de ensino, os meios de locomoção e as oportunidades educacionais dependem diretamente das condições socioeconômicas das famílias. Como exemplo dessa última variável de escolha, Resende, Nogueira e Nogueira (201, p. 9561) afirmam que: “Os pais menos escolarizados e de nível socioeconômico mais baixo tendem a privilegiar critérios práticos ou funcionais, tais como: proximidade da residência, facilidade de transporte, infraestrutura...”. Por outro lado, as famílias de classes mais elevadas economicamente tendem a utilizar critérios mais intrínsecos ao processo educativo, como a desempenho da escola em avaliações sistêmicas. Se a escolha da escola pode ser

determinante na trajetória escolar dos filhos, em relação ao seu sucesso ou fracasso, essa escolha passa a ser uma decisão importante para a definição do futuro dos seus filhos, uma vez que o estabelecimento de ensino pode elevá-los a patamares maiores e oportunizar novos rumos tanto para eles quanto para suas respectivas famílias.

No contexto internacional os estudos mostram que as estratégias familiares, segundo as classes sociais, são semelhantes às estratégias adotadas pelas famílias brasileiras. O quadro 2, abaixo, sintetiza essas estratégias das famílias, segundo a classe social e o país.

Quadro 2: Estratégias familiares de escolha da escola, segundo as classes sociais em contexto internacional

Classes sociais	Estratégias familiares
Baixa/popular	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Nos EUA: Crescimento Natural: segurança, amor e comida. (Lareau, 2007). ➔ Ênfase na disciplina física. (Lareau, 2007) ➔ Na França: estímulo à escrita – escrever em diário –, compra de livros e visitas a bibliotecas. (Lahire, 1997). ➔ Transmissão de sentimentos como herança familiar. (Lahire, 1997). ➔ preferem escolhas que não envolvam grande assimetria cultural, mesmo que isso resulte em escolha de escolas que não ofereçam as melhores oportunidades sob o ponto de vista estritamente educacional. (Van-Zanten, 2003).
Média	<ul style="list-style-type: none"> ➔ Na Inglaterra, boa parte da classe média migrou os filhos das escolas privadas para as escolas públicas por causa da ordem econômica. (Nogueira, Resende e Coutinho, 2022). ➔ França e Inglaterra: famílias tendem a escolher escolas particulares ou internacionais, porém, a escolha pela escola pública é mais comum. (Nogueira, Resende e Coutinho, 2022). ➔ Na Inglaterra: realizam busca ativa de informações, localização das escolas (bairros de classe média, região central da cidade, ciclos de ensino ofertados, quanto menor a escola, melhor). (Nogueira, Resende e Coutinho, 2022).

	<p>→ Na França: a classe média baixa evita certos estabelecimentos de ensino públicos por causa da clientela muito heterogênea. A preferência é por grupos próximos a si, ou seja, escolas com estudantes mais homogêneos. (Van-Zanten, 2009b).</p> <p>→ Na França: a classe média alta também prefere estabelecimentos de ensino privados que assegurem grupos de estudantes mais homogêneos e iguais a si. (Van-Zanten, 2009b).</p> <p>→ Na França: classe média com mais capital cultural é a favor de uma escola pública com mistura controlada de estudantes vindos de meios sociais diferentes. (Van-Zanten, 2009b).</p> <p>→ Em ambos os lugares e segmentos da classe média: monitoramento da vida escolar dos filhos; vigilância permanente sobre o funcionamento das escolas; desenvolvimento de ações coletivas (na França, a pressão pela criação de “enclaves” ou muros no interior da escola para separar os bons alunos, turmas bilíngues, número limitado de alunos). (Van-Zanten, 2006; 2007; 2009a).</p> <p>→ Nos Estados Unidos: Preenchimento do tempo das crianças fora da escola com atividades e interações voltadas para a sua formação nas diversas áreas (Lareau, 2003).</p>
Alta ²	

Fonte: Elaboração própria.

A comparação do quadro 1 e do quadro 2 permite considerar as semelhanças e as diferenças entre as estratégias familiares no contexto brasileiro e estrangeiro. Enquanto no Brasil, algumas famílias de classes populares buscam inscrever suas crianças em sorteios públicos de colégios federais e/ou colégios de aplicação das universidades públicas (Alves, 2010), as famílias de classe popular em contexto internacional, não fazem grandes investimentos no desenvolvimento dos talentos especiais de seus filhos, por isso, enfatizam o que chamam de “crescimento natural” (Lareau, 2007). Para esses pais de camadas populares, a oferta de amor, comida e segurança seria suficiente para os filhos crescerem e serem bem-sucedidos na vida. Por isso,

² A literatura internacional pesquisada não apresentou as estratégias escolares que as famílias de classe alta mobilizaram para a escolarização longa e de sucesso de seus filhos.

por não enfatizarem o desenvolvimento educacional de seus filhos, essas crianças passam a participar de um número restrito de atividades voltadas para a escolarização bem-sucedida, possuindo, assim, mais tempo livre e mais envolvimento afetivo e rico com suas respectivas famílias. Na França, as estratégias das famílias de camadas populares entrevistadas por Lahire (1997) giram em torno de estímulo à cultura escrita e à leitura, por que envolve o incentivo a visitas a bibliotecas e compra de livros. Além disso, ainda no contexto francês, é comum que os pais de famílias pobres transmitam sentimentos positivos relacionados com a herança familiar e cultural. (Lahire, 1997). Segundo Lahire (1997), também a disciplina física (ou castigo físico) é bastante adotada por famílias de camadas populares. No Brasil, esta estratégia não foi relatada na literatura pesquisada.

Outro fato interessante é que algumas famílias de classe popular brasileiras preferem a matrícula de seus filhos em escolas municipais com diferencial de qualidade, mesmo que não sejam próximas ao território de moradia da família e que exijam um deslocamento até a escola. Outras famílias – a maioria, no caso –, desta mesma camada social, no Brasil, escolhe a escola municipal mais próxima de casa (Alves, 2010).

Por outro lado, em contexto internacional, as famílias de classe popular investem na estratégia de estímulo à escrita, como escrever recados, diários ou listas de compras, bem como na compra de livros e em visitas a bibliotecas. (Lahire, 1997), o que diferencia o contexto brasileiro, do contexto internacional.

Uma estratégia utilizada pelas famílias de camadas populares estudadas por Van-Zanten (2003), ainda no contexto internacional, foi a escolha familiar de estabelecimentos de ensino que não envolvam grande assimetria cultural, mesmo que isso resulte em escolha de escolas que não ofereçam as melhores oportunidades sob o ponto de vista estritamente educacional. No Brasil, essa estratégia não foi relatada pela pesquisa sobre famílias de camadas populares, mas, sim, por algumas famílias de classe média (Alves, 2010).

Por outro lado, observando as famílias de camadas médias, Lareau (2007) denomina todas essas estratégias de “cultivo orquestrado”. Para a autora, as famílias orquestram diversas atividades extraescolares para as crianças com

o fito de obterem o melhor rendimento escolar possível. Segundo Lareau:

Eles (as famílias) matriculam seus filhos em diversas atividades organizadas, específicas para cada idade, as quais dominam a vida familiar e geram um grande esforço, especialmente para as mães. Os pais vêem essas atividades como uma forma de transmitir às crianças habilidades importantes para a vida. Os pais de classe média também enfatizam o uso da linguagem, o desenvolvimento da razão e utilizam o diálogo como forma de disciplina. Essa abordagem de “cultivo” resulta em um alcance mais amplo de experiências para as crianças, mas também cria um ritmo frenético para os pais, um culto ao individualismo dentro da família e uma ênfase no desempenho dos filhos. (Lareau, 2007, p. 17).

Na Inglaterra, a perda de poder aquisitivo fez com que boa parte das famílias de classe média migrasse os filhos das escolas privadas para as escolas públicas. Segundo estudo de Nogueira, Resende e Coutinho (2022), na França e na Inglaterra as famílias de classe média tendem a escolher escolas particulares ou internacionais, mas a escolha pela escola pública é mais comum. Entretanto, no Brasil, há o evitamento das escolas públicas e a valorização das instituições privadas por parte de algumas famílias de classe média. (Nogueira, 1998; 2000; Brandão e Lellis, 2003; Nogueira e Aguiar, 2007). Quando ocorre a perda de poder aquisitivo por algumas famílias de classe média, como já referido acima no texto, elas fazem escolhas entre escolas privadas de baixo custo e escolas públicas, mesmo tentando evitá-las. (Siqueira & Nogueira, 2017; Nogueira, 2013b; Piotto, 2006).

Nos estudos de Piotto (2002; 2006), as famílias de camadas médias entrevistadas relataram como motivação para a escolha da escola a acessibilidade escolar, observando se o acesso ao colégio é fácil ou de difícil acesso, pois quanto maior o acesso via ônibus, maiores as chances de as famílias rejeitarem a escola por conta da diversidade de perfis dos estudantes e porque as famílias preferem perfis mais homogêneos entre si.

Um ponto comum entre algumas das famílias de classe média brasileiras e francesas estudadas é o fato delas preferirem estabelecimentos de ensino privados que assegurem uma composição de estudantes mais homogênea.

Em virtude disso, evitam certos estabelecimentos de ensino públicos com clientela muito heterogênea, como forma de evitar a mistura entre perfis socioeconômicos. (Van-Zanten, 2009b; Alves, 2010).

Para as famílias de classe média inglesas e francesas, segundo o estudo de Nogueira, Resende e Coutinho (2022), o acompanhamento/monitoramento da vida escolar das crianças é forte e, nesses países, há a vigilância permanente sobre o funcionamento das escolas e sobre o desenvolvimento de ações coletivas. De outro lado; no Brasil, há um forte acompanhamento da vida escolar dos filhos (verificação da agenda, reuniões escolares, visitas à escola), além do suporte aos filhos em casa (ajuda nas tarefas escolares) e da comunicação e da presença sistemática junto à escola (Nogueira, 1995; Fialho, 2012; Silva, 2003). As famílias de camadas médias brasileiras ainda investem em aulas particulares, em tutores, apoios psicopedagógicos e psicológicos (Glasman, 2011; Martins, 2019). Essas últimas formas de investimento familiar são mais dificilmente encontradas na literatura a respeito das famílias de classe média em contexto internacional, embora, nos Estados Unidos, as famílias apostam no preenchimento do tempo das crianças fora da escola com atividades e interações voltadas para a sua formação nas diversas áreas (Lareau, 2003).

Na revisão bibliográfica realizada para este estudo não identificou pesquisas que dessem conta das estratégias escolares das famílias de classe alta em países estrangeiros.

Além do comparativo feito entre os quadros 1 e 2 para as camadas populares, vale observar que Lahire (1997) fez um estudo com as entrevistas de 27 famílias de camadas populares, que residem na França, mas que são imigrantes do norte do continente africano, a fim de entender as estratégias mobilizadas e a relação da família com a escola. O que Lahire (1997) encontrou não foi um perfil familiar único, mas diversos perfis e diversas configurações familiares que dão conta de explicar as diferentes estratégias mobilizadas e as diferentes trajetórias escolares das crianças, ainda que as relações familiares fossem semelhantes. Isto significa que a tentativa de enquadrar as famílias em poucos perfis semelhantes ou em um único perfil falhou, haja vista que ele encontrou 26 perfis de configurações familiares distintos.

Nesse estudo, Lahire (1997) afirma que “a personalidade da criança, seus ‘raciocínios’ e seus comportamentos, suas ações e reações são incompreensíveis fora das relações sociais que tecem, inicialmente, entre ela e os outros membros” da família. (Lahire, 1997, p. 17). Ou seja, a criança é produto de um meio social. Entretanto, não necessariamente os adultos conseguem enxergar que suas ações são modelos seguidos pelas crianças da família e que orientarão suas ações também fora dos meios sociais familiares (Lahire, 1997).

Essas relações permeiam o cotidiano familiar e moldam as formas como a criança lida com o mundo exterior e a sua família. Por isso, Lahire (1997) defende que o fracasso escolar não pode ser considerado como um fenômeno isolado. Antes disso, é um caso de solidão dentro do universo escolar. Tal solidão, nas camadas populares, consiste no fato de os estudantes não conseguirem jogar o jogo escolar por não assimilarem as regras, uma vez que o que aprenderam nas relações familiares ainda é insuficiente para a vida escolar, pois, muitas vezes, as famílias de camadas populares não possuem uma organização interna de incentivo à cultura escrita e à leitura. Dessa forma, esses estudantes apresentam dificuldades escolares e não conseguem apoio familiar para resolvê-los. Logo, o fracasso escolar não é problema apenas da criança ou do jovem, mas de todo um sistema de relação entre a família e a escola. Isto porque se a família e a escola “podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o ‘fracasso’ ou o ‘sucesso’ escolares podem ser compreendidos como resultado de uma maior ou menor contradição” (Lahire, 1997, p. 19) entre essas duas instituições

O fracasso ou sucesso escolar dependem, portanto, das discordâncias ou das concordâncias das relações entre a família e a escola. Lahire (1997) apresenta cinco teses sobre uma leitura sociológica a respeito das relações de interdependência entre família e escola: a) as formas familiares da cultura escrita; b) as condições e disposições econômicas; c) a ordem moral doméstica; d) as formas de autoridade familiar; e e) as formas familiares de investimento pedagógico.

No caso das formas familiares da cultura escrita, estas são vistas como

uma cultura afetiva e de relevante importância para o sucesso escolar da criança. Estar em contato com a cultura escrita, ainda que por meio da leitura oral feita pelos pais, é uma forma de transmissão de afeto. Ademais, o hábito da leitura e da escrita presente como exemplo diário por parte dos adultos que configuram as famílias de camadas populares, pode trazer a leitura como um aspecto natural e cotidiano para a criança, até mesmo como um fator de organização de uma rotina ou de tarefas a serem executadas.

Todavia, Lahire (1997) evidencia que o contato com a cultura escrita pode apresentar aspectos positivos, ambivalentes ou, até mesmo, negativos. Se uma criança for privada de usar os livros por estarem muito bem-organizados nas estantes e não lhes serem oferecidos ou lhes forem oferecidos como brinquedos, a relação com a cultura escrita não será um fator positivo no sucesso escolar. Pelo contrário, para a criança, será apenas mais um livro. Decerto, as condições e disposições econômicas, aliadas à ordem moral doméstica (Lahire, 1997), trazem junto a importância do capital financeiro da família e como esse capital pode ser gerido pelos componentes familiares, pois de nada adianta haver o dinheiro, se não houver uma boa administração financeira para que os investimentos sejam feitos, o que repercute diretamente na escolha da escola.

O resultado disso tudo pode ser sentido na ordem moral doméstica, uma vez que a mesma prevê o “bom comportamento” na escola e o “respeito à autoridade do professor” (Lahire, 1997, p. 25). Como as famílias entrevistadas não se sentem capacitadas para ajudar seus filhos com as questões escolares, tentam, então, fazê-los obedientes à figura do professor e tentam acabar com o que seria um mau comportamento, limitando e controlando o uso de aparelhos eletrônicos e, até mesmo, o tempo gasto entre a casa e a escola. Isso significa dizer que a escolha da escola pode depender do capital financeiro das famílias e de como ele é administrado, além disso, também pode ser baseada no *ethos*³ da própria família, cuja escolha da escola está apoiada em seus próprios traços de ordem moral e doméstica.

³ *Ethos* ou *ethos de classe* é definido para Bourdieu como o lugar ou a ética da classe social. São, portanto, os valores internalizados pelos indivíduos e que conduzirão as práticas sociais e condutas dos agentes de acordo com a classe social na qual estão inseridos.

Com efeito, escolher a escola de acordo com a sua própria ordem moral doméstica implica reconhecer as formas de autoridade familiar discutidas por Lahire (1997). Nelas, os pais buscam regras de comportamento para que seus filhos não sejam indisciplinados ou bagunceiros ou para que esses adjetivos sejam removidos das características desses estudantes, pois isso influencia na forma como o estabelecimento de ensino olha para o estudante ao escolhê-lo.

Assim, as formas familiares de investimentos pedagógicos serão conhecidas pelo que Lahire (1997) chama de “projeto” ou de “intenção familiar” (Lahire, 1997, p. 28) que a família pode dispor para a escolarização de seus filhos, e para os ajudar nas tarefas escolares, sacrificando seu próprio futuro em detrimento de um futuro promissor para o filho.

Entretanto, cabe salientar que as teses levantadas por Lahire não funcionam de forma isolada. Pelo contrário, acontecem juntas, pois atuam no mesmo campo e ao mesmo tempo. As cinco teses discutidas por Lahire (1997) são importantes para olharmos a escolha da escola por dois ângulos: a escolha da escola por parte das famílias, em nosso caso, o CPII, e a escolha dos estudantes e famílias pelas escolas.

Exatamente pelos diferentes perfis e configurações familiares existentes em nossa sociedade, os estabelecimentos de ensino também selecionam estudantes a partir de critérios internos, de forma velada ou não. Existem perfis de estudantes desejados e outros não tão desejados, que serão selecionados no acesso à escola e ao longo da trajetória escolar a fim de compor um corpo discente o mais homogêneo possível, seja do ponto de vista social ou dos resultados escolares, para que o estudante conviva com indivíduos semelhantes a si. Por isso, o meio escolar acaba se transformando no que Koslinski e Carvalho (2015) chamam de mercado escolar, que pode ser oculto ou não. Nesse processo, os estabelecimentos de ensino públicos se utilizam de meios que selecionam de forma velada os estudantes, o chamado mercado-oculto escolar. Outros estabelecimentos públicos de ensino selecionam os estudantes de forma aberta, como o CPII que utiliza concursos de seleção para compor seu corpo discente, configurando-se, assim, como um mercado escolar não oculto, uma vez que há todo um

processo seletivo, com editais públicos que restringem a idade das crianças que se candidatam às vagas escolares oferecidas. Isso significa que o sistema de concorrência por vagas em instituições públicas escolares não se dá apenas na escolha da escola pela família, mas também que as escolas selecionam os estudantes segundo os perfis estudantis e familiares desejados ou esperados.

De acordo com Alves *et al.* (2015), nesse processo de escolha pelas escolas, as camadas com nível socioeconômico mais baixo são as mais prejudicadas, pois a elas é atribuída a ideia de estarem longe de uma cultura escolar de sucesso e, por isso, encontram barreiras para matricularem seus filhos em escolas de excelência. Grosso modo, esse quase-mercado oculto refere-se aos “processos de seleção ocultos, por meio dos quais distribuem os alunos de acordo com o prestígio da escola de origem e aquele da de destino, bem como com características acadêmicas e o capital social da família” (Alves *et al.*, 2015, p. 139). Ou seja, há uma relação de interdependência das escolas ao selecionarem seus estudantes, a fim de manter uma hierarquia e padronização das escolas consideradas de excelência. Essa relação de interdependência significa que as escolas tidas como de excelência recebem alunos selecionados a partir de sua frequência anterior a estabelecimentos de ensino com nível educacional muito próximo. Quando os estudantes não possuem o perfil educacional considerado como padrão de excelência (notas altas, bom comportamento, boa relação entre família e escola, por exemplo) definido pela escola de origem, sugerida à família a matrícula em outras unidades escolares consideradas mais adequadas a aquele estudante do que as escolas de excelência. Dessa forma, essa relação de interdependência escolar consegue manter a hierarquia e a padronização das escolas consideradas de excelência e contribui para a lógica de quase-mercado oculto que pode gerar a ampliação das desigualdades escolares, uma vez que os estudantes considerados fora do padrão não conseguem acessar determinados estabelecimentos de ensino (Alves *et al.*, 2015).

Para Yair (1996), esse modelo só é possível devido à relação de colaboração entre os estabelecimentos de ensino que tem como finalidade a manutenção da qualidade do ensino de algumas unidades, o que torna a

rede pública desigual, ainda que suas escolas estas estejam localizadas nos mesmos territórios em que residem as camadas populares. Isso porque as escolas mais atrativas, como afirmam Alves *et al.* (2015), tendem a selecionar seus próprios estudantes a partir de brechas encontradas nos sistemas de matrículas das redes públicas de ensino brasileiras. As formas de seleção utilizadas pelas escolas são baseadas na escola de origem dos estudantes. A nova unidade escolar procura saber de onde o estudante vem, a fim de identificar a reputação da escola de origem e determinar se fará ou não o cadastramento da matrícula daquele estudante. Dessa forma, o estabelecimento de ensino se resguarda do que poderia vir a ser um “mau aluno”, fazendo sua escolha pelo que consideram ser um “bom aluno”. Para além disso, também são consideradas a relação da família com a escola, a ordem moral doméstica e as formas de autoridade familiar defendidas por Lahire (1997), bem como a distorção idade-série (Alves *et al.*, 2015). Esses aspectos constituem o que Alves *et al.* (2015) denominam formas de evitamento. O “processo de evitamento é a possibilidade de tanto alunos quanto famílias conturbarem o ambiente escolar e não favorecerem boas condições para desenvolvimento do trabalho da escola” (Alves *et al.*, 2015, p. 146). Ou seja, as famílias que não possuem interesse na vida escolar dos filhos e o desrespeito pelas autoridades escolares bem como a falta de disciplina dos estudantes e a baixa frequência escolar são vistas como fatores que conturbam e não favorecem as boas condições para o trabalho acadêmico. À vista disso, o processo de evitamento atua como um garantidor da ordem e da qualidade de ensino daquele estabelecimento. Conforme Bruel (2014), esse sistema de evitamento só é possível porque, no Brasil, cada sistema público de educação possui liberdade para regulamentar seus respectivos processos de matrícula que resultam em segregação escolar em diversos municípios, pois as escolas mais procuradas se utilizam de diferentes estratégias para selecionar seus estudantes “e garantir/manter um perfil de alunado ‘desejável’” (Koslinski; Carvalho, 2015, p. 933).

Diante da revisão de literatura apresentada, a presente pesquisa se alinha aos estudos microssociológicos mais recentes do campo da Sociologia da Educação (Lahire, 1997; Nogueira, 1998; Nogueira, 2005), pois busca

investigar a relação da família com a escola interrogando diretamente a família. De maneira mais específica, este estudo focaliza as motivações e as estratégias familiares para o acesso e a permanência dos filhos numa escola de excelência

Por isso, alinhado aos estudos que debatem o tema da relação família-escola –, este estudo buscará compreender as motivações e as estratégias das famílias cujos filhos conseguiram sucesso no acesso e a permanência em uma instituição pública de excelência – o Colégio Pedro II. No próximo capítulo serão apresentadas e discutidas algumas das características que definem o CPII como uma escola de excelência.

3

A ESCOLHA DA ESCOLA: POR QUE O COLÉGIO PEDRO II?

Neste capítulo, apresentaremos as principais razões que justificam a realização desta pesquisa de mestrado. A primeira subseção explica porque o Colégio Pedro II é um campo empírico interessante para se estudar a relação família-escola. Destaca o CPII como uma instituição de excelência – conceito que será discutido ao longo do capítulo –, e que, apesar de ser seletiva, adota medidas de ampliação e democratização do seu acesso.

3.1. Da Tradição Elitista à Democratização do Ensino no Colégio Pedro II

Fundado e oficializado por Decreto Imperial, em 1837, o Colégio Pedro II traz em si o nome do próprio Imperador do Brasil – Dom Pedro II – e detém um ensino considerado de excelência ao longo de mais de 180 anos, servindo de modelo nacional para outras instituições educacionais. Esse modelo educacional foi construído junto da história do próprio colégio quando seu objetivo principal era a formação da elite intelectual de nosso país (Nunes, 2000). Enquanto outros colégios se preocupavam com um trabalho pedagógico que fosse voltado aos exames preparatórios da época, o CPII realizou investimentos tanto materiais quanto humanos – tanto na

época do Império e como da República – a fim de que a elite cultural e econômica mantivesse seu *status*. Em virtude disso, o Colégio investiu em um rico e importante trabalho pedagógico que o levou ao patamar de padrão ideal de ensino na época. (Nunes, 2000; Haidar, 1972). Tal trabalho pedagógico pautou-se na formação crítica e humanística destinada ao corpo discente, além, é claro, de oferecer um ensino que já titulava seus estudantes ao final do curso como Bacharéis em Letras, não necessitando realizar os exames para as universidades. O próprio sítio do Colégio menciona a importância de seu trabalho pedagógico quando afirma que

Com um programa de ensino de base clássica e tradição humanística, a instituição conferia a seus formandos o diploma de Bacharel em Letras, o que os habilitava a ingressar no ensino superior sem prestar exames. Por décadas, o programa estabelecido pelo Colégio Pedro II foi referência nacional para outros estabelecimentos de ensino secundário, assim como também foi exemplar a manutenção da disciplina entre o corpo discente. (Disponível em: www.cp2.g12.br/cpii/missao).

Vale mencionar que essa excelência de ensino só foi possível porque o CPIO se baseava em modelos e métodos educacionais dos Liceus Franceses (Nunes, 2000). Ou seja, dentro de seus muros escolares, o CPIO procurava implementar as técnicas e os métodos mais modernos utilizados no modelo dos Liceus Franceses, a fim de garantir um ensino dedicado à elite socioeconômica e cultural da época. Novamente, isso pode ser comprovado com a redação no próprio sítio do CPIO que afirma que

Quando criado em 2 de dezembro de 1837, em homenagem ao imperador Dom Pedro II, então com 12 anos, o Colégio Pedro II tinha como principal meta servir de modelo para a instrução secundária no país. Seu corpo de professores - composto por renomados intelectuais -, seu programa de ensino e sua rígida disciplina deram ao colégio imperial função normativa de preparação dos alunos para os cursos superiores, objetivando a formação de uma elite cultural. (Disponível em: https://cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/223-noticias2017).

O renomado corpo docente compreendeu nomes importantes como Nilo

Peçanha, Gonçalves Dias, Manuel Bandeira, Delgado de Carvalho, Euclides da Cunha, Heitor Villa-Lobos, Joaquim Manuel de Macedo, Osório Duque-Estrada e José Veríssimo. Como observamos, muitos deles chegaram a ocupar até cargos políticos, além de serem responsáveis pela construção do programa de disciplinas que serviam como base para outras instituições secundaristas de ensino, criavam também compêndios e materiais pedagógicos na época. Isto é, a elite cultural produzia material para si, afinal, a ideia era criar jovens com formação cultural e humanística da mais alta estirpe (Nunes, 2000).

Sua tradição é repassada de geração em geração através de sua história, da exaltação de seus ilustres discentes como Arlindo Cruz, Carlos Chagas Filho, Coelho Neto, Fátima Bernardes, Floriano Peixoto, Lélia Gonzalez, Manuel Bandeira (Colégio Pedro II, 2017), entre outros e, como nos diz Silva (2021), o CPPII repassa sua tradição históricas entre as gerações ao tentar manter seu programa institucional por meio de planejamentos pedagógicos que sigam as legislações educacionais vigentes, mas sem perder a tradição de seu ensino voltado ao lado humanístico. E é assim porque, afinal, trata-se de um colégio que procura manter sua excelência de ensino através dos tempos. Isso é visto, inclusive, pelo fato de ainda manter mecanismos de seleção de estudantes, a fim de não comprometer sua excelência escolar, ainda que tenha passado recentemente por alguns processos de democratização do seu acesso, os quais foram verdadeiros marcos históricos para a instituição.

O *status* de excelência do CPPII é marcado pelos indicadores de qualidade do Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), como, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e as taxas de rendimento do Censo Escolar. Ademais, o CPPII faz parte de um pequeno conjunto de escolas – a maioria mantida pelo governo federal ou ligada às universidades públicas – que possui condições excepcionais de atuação pedagógica, quando comparado a outras escolas da rede pública “comum” (Costa e Koslinsky, 2011). Assim, o CPPII é uma das poucas instituições de ensino públicas que se distingue das demais por causa da reputação de boa qualidade no imaginário social.

Um dos aspectos considerados para definir uma escola como de excelência, conforme já mencionado, são os indicadores de qualidade do INEP, além da reputação social da instituição de ensino e as condições socioeconômicas e sociodemográficas dos estudantes e das famílias que a frequentam. A reputação é construída a partir de informações que circulam informalmente nas redes sociais construídas na vizinhança, no bairro ou na região. Para além dos indicadores oficiais e das informações informais que circulam nas redes sociais constituídas pelas famílias, ressaltamos a importância do território e das características sociodemográficas dos atores que frequentam a escola. Afinal, os indicadores oficiais de qualidade atrelados às informações obtidas por meio das redes sociais construídas pelas famílias se relacionam a fim de indicar a reputação de qualidade ou não de um estabelecimento de ensino, além destes, o território e as características sociodemográficas dos estudantes que frequentam estas unidades de ensino também servem como objetos de análise, pelas famílias, como forma de conjugar todos esses fatores – indicadores, redes sociais, território etc. – e considerar a escolha daquela escola como boa ou não para a escolarização de seus filhos.

Sendo assim, de acordo com Costa (2008 *apud* Rosistolato e Prado, 2012), as escolas trazem consigo as características sociodemográficas de seus estudantes e de suas respectivas famílias, logo, os índices do Saeb, por exemplo, não possuem uma relação direta de causa e consequência com os níveis de aprendizagem. Isso significa dizer que os indicadores de qualidade educacionais dos estabelecimentos de ensino não são os únicos fatores incidentes para que o estudante tenha uma escolarização longa de sucesso ou não. O que se quer dizer, na verdade, é que o sucesso ou fracasso escolar é resultado de um conjugado de ações os quais levam em consideração os indicadores oficiais de qualidade de ensino, as redes sociais consultadas pela família para saber sobre a qualidade de ensino de um colégio, o território em que este colégio está inserido e o espaço sociodemográfico no qual a família está inserida e o nível socioeconômicos dessas famílias. Todos eles juntos podem ser determinantes de um sucesso ou fracasso na escolarização dos estudantes. Na verdade, o nível socioeconômico (NSE) das famílias impacta bem mais na aprendizagem da criança, aliado a outros atravessamentos

(como a estrutura familiar e a relação da família com a escola), do que se pode avaliar. Dessa forma, o Saeb é apenas um indicador utilizado, mas que não pode ser lido sozinho devido ao contexto real das famílias.

O padrão de qualidade do estabelecimento de ensino é medido pela procura dos pais pela escola, pelas informações adquiridas pelas redes de contatos das famílias, pela seleção de alunos de forma velada de que alguns estabelecimentos de ensino dispõem, pelo território em que a unidade escolar está inserida e pelo público que a frequenta. Assim, vários são os aspectos que levam uma escola a ser caracterizada como de excelência, como é o caso do CPII.

Queirós (2022) salienta o quanto é importante para as famílias a escolha de uma instituição federal pública de excelência, como o Colégio Pedro II, pois o ingresso dos filhos em instituições de ensino dessa natureza pode oportunizar novos conhecimentos, novos espaços e novas experiências tanto para esses estudantes quanto para suas famílias. Por meio das novas oportunidades oferecidas por estabelecimentos públicos de ensino considerados de excelência, há ainda a possibilidade de mudança social através de melhores oportunidades de trabalho e de moradia para esses estudantes, no futuro, e para as suas respectivas famílias modificando, então, a sua realidade.

Entretanto, é importante salientar que muitas famílias de NSE baixo, ou seja, de classe popular, olham para o CPII como um objeto onírico e inalcançável, pois em suas respectivas concepções, o fator financeiro seria um dos maiores desafios para que seus filhos lá estudassem, afinal, há gastos com o uniforme escolar, com os materiais escolares e com a inscrição no concurso público de seleção por meio de provas, por exemplo, fora o tipo de transporte que a família disporá para que o estudante consiga acessar e permanecer no CPII. Em muitas famílias de classes pobres, o responsável pela criança a leva até a escola se a distância entre o local de domicílio e a unidade escolar for grande e/ou se o estudante for muito novo. Diante disso, procuram dentre as alternativas viáveis em sua área sociodemográfica aquela que seria a melhor escola. Dessa forma, fazem investimentos considerados baixos, se comparados a outros investimentos feitos por famílias de classe média (cursos preparatórios, professores particulares,

escolas preparatórias, acompanhamento e monitoramento da vida escolar de seus filhos). (Resende, Nogueira e Nogueira, 2011; Costa e Koslinski, 2012). Contudo, é necessário deixar claro que as famílias de classes populares também se mobilizam para que suas escolhas sejam as melhores, pois pesquisam os colégios encontrados em seu território, constroem uma rede social de informações e, muitas vezes, batem à porta dessas instituições procurando por vagas que podem ter ficado ociosas. (Costa e Koslinski, 2012). O que muitas dessas famílias não possuem é uma rede de capital informacional ampla que lhes diga que, a depender de seu perfil socioeconômico diante dos órgãos governamentais, seus filhos poderiam sim disputar uma vaga no tão sonhado CPII, pois o colégio dispõe de isenção de taxa do concurso para as famílias que se encaixam nos critérios já mencionados aqui. Além disso, também não costumam dispor de informações sobre os auxílios estudantis disponibilizados pelo CPII e que seriam de extrema importância para a permanência desses estudantes no colégio.

É esse imaginário que faz crescer a vontade e as expectativas das famílias das camadas médias e populares de ter seus filhos estudando neste estabelecimento de ensino, caracterizado pela boa qualidade da educação que oferece e pela sua tradição secular. Entretanto, para manter essa excelência, ainda que ações visando à democratização do ensino tenham sido implementadas, o CPII mantém em determinadas etapas escolares uma rigorosa seleção de alunos, a fim de ter em seu quadro discente somente aqueles considerados aptos pelos exames de seleção.

Tanto Resende, Nogueira e Nogueira (2011) quanto Lahire (1997) entendem que as famílias só conseguem procurar estabelecimentos públicos de ensino de excelência quando as unidades escolares anteriores validam o rendimento escolar das crianças, pois a escola anterior é responsável por mostrar às famílias se aquele estudante é “bom” ou “ruim” e, por conta disso, as famílias decidem quais investimentos escolares deverão fazer ou, até mesmo, se não os farão. Prova disso, muitas vezes, é que, quando a escola atesta que o estudante é medíocre, a família tende a, no máximo, escolher a escola com base no critério de proximidade da residência ou do trabalho de um dos responsáveis pela criança. E, assim, investem/mobilizam estratégias

para lograrem êxito escolar. Quando as famílias fazem esses investimentos, elas priorizam a trajetória escolar de seus filhos, pois, uma instituição pública de excelência possibilita a ampliação das chances de mobilidade social da família ao longo do tempo. Quanto melhor os estabelecimentos de ensino, melhores as chances de ascensão social da criança e da família (Queirós, 2022).

Obter êxito nas provas do concurso de seleção do CPII significa uma conquista para as famílias, pois acreditam que a pertença do/da filho/filha a esta escola proporcionará oportunidades de inserção profissional no futuro e de progresso social.

Mas acessar o CPII não é tarefa fácil. Há duas formas de se entrar Colégio: 1) por sorteio público realizado para o ingresso de estudantes no primeiro segmento do ensino fundamental; 2) por processo seletivo (provas de Língua Portuguesa, Redação e Matemática), realizado no acesso ao segundo segmento do ensino fundamental (6º ano) e no ensino médio (1º ano). Em ambos os casos, há critérios para a reserva de vagas.

A adoção de processo seletivo é uma forma de garantir a tradição e a reputação de ‘boa escola’. Seus processos seletivos são altamente concorridos, contam com pagamento de taxa de inscrição⁴ e consideram como critério a idade do estudante, a fim de que não haja defasagem escolar. Tais fatos o diferenciam dos demais estabelecimentos de ensino públicos no Brasil por esses três motivos principais – mesmo se tratando de uma instituição pública, há um processo seletivo de ingresso – comumente adotado nas escolas da rede federal, mas não nas escolas das demais redes públicas.

Os critérios, que determinam quem são os candidatos que podem participar do processo seletivo estão definidos nos editais que regem o

⁴ As taxas de inscrição no processo seletivo são pagas e, atualmente, estão no valor de R\$60 (sessenta reais)⁴. Entretanto, de acordo com os dois últimos editais pesquisados⁴, as famílias que conseguirem comprovar hipossuficiência, nos termos do Decreto Federal nº 6.593, de 2 de outubro de 2008, estão isentas do pagamento da taxa de inscrição. Os candidatos inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal – CadÚnico ou membro de família de baixa renda – renda per capita de até meio salário mínimo ou renda familiar mensal de até 3 (três) salários mínimos –, nos termos do Decreto Federal nº 6.135, de 26 de junho de 2007 e estiver de acordo com os requisitos definidos pela Secretaria Especial do Desenvolvimento Social do Ministério da Cidadania, também estão isentos de pagar a taxa de inscrição.

certame. A título de exemplo e de acordo com o escopo da pesquisa, apresentaremos os critérios de acesso ao 6º ano do ensino fundamental⁵, de acordo com o edital n.37/2022. Segundo o documento,

4.6. Poderão candidatar-se às vagas para o 6º ano do Ensino Fundamental candidatos com data de nascimento a partir de 1º de março de 2010 (inclusive) e que estejam concluindo em 2022, o 5º ano do Ensino Fundamental ou que já o tenham concluído em 2020 ou 2021. (Ministério da Educação, Colégio Pedro II, item 4.6. do Edital nº 37/2022 – Admissão ao 6º Ano do Ensino Fundamental)⁶.

Além do critério “idade”, ainda há o perfil dos candidatos à reserva de vagas. Para aqueles estudantes cujas famílias desejam concorrer às vagas disponibilizadas, as modalidades de reserva de vagas as chamadas cotas sociais adotadas pelo CPEI para o Ensino Fundamental, exigem que os candidatos sejam oriundos de escolas públicas. Nos seguintes termos,

4.1. O total de vagas oferecidas em cada campus, será preenchido reservando-se, 50% (cinquenta por cento) a candidatos que se enquadrem em uma das seguintes modalidades de reserva de vagas (Grupo I):⁷ (Ministério da Educação, Colégio Pedro II, item 4.1. do Edital nº 19/2023 – Admissão ao 6º Ano do Ensino Fundamental – grifos do edital).

Como já apontado, ao longo de todos os seus anos de existência, o Colégio Pedro II foi frequentado por estudantes oriundos das elites econômicas, políticas e intelectuais brasileiras. No entanto, entre os anos de 1950 e 1960, filhos da classe média urbana instruída e liberal também começaram a frequentar o Colégio, já que este inaugura uma política de expansão de suas unidades escolares para a zona norte e para a zona sul da cidade do Rio de Janeiro (Dargains, 2015). Décadas depois, mais precisamente em 1984, o CPEI passa a ofertar na unidade São Cristóvão, o

⁵ Os critérios de acesso às demais etapas estão definidas nos respectivos editais.

⁶ Disponível em: <https://dhui.cp2.g12.br/>

⁷ O Grupo I é constituído pelos perfis de Escola Pública (EP), Cotas Sociais (CS), Pretos, Pardos e Indígenas (PPI) e Pessoas com Deficiência (PCD).

Disponível em: <http://dhui.cp2.g12.br/>

que hoje denominamos como a primeira etapa ou o primeiro segmento do Ensino Fundamental e que foi batizado carinhosamente como “Pedrinho” (Couto, 2016). Seu acesso se dá até os dias atuais por meio de sorteio público. Essa ampliação para outras áreas da cidade e a adoção de sorteio público para a entrada no “Pedrinho”, são entendidas como medidas de ampliação e de democratização do acesso ao CPII.

A implementação do primeiro segmento do ensino fundamental, e o ingresso feito na Classe e Alfabetização (antigo C.A. e hoje 1º ano do ensino fundamental) por meio de sorteio universal das vagas, possibilitou à classe popular adentrar os portões do CPII. Isso porque, em tese, qualquer estudante poderia concorrer a uma vaga no CPII, uma vez que seu acesso passou a se dar por meio de sorteio, o que fez com que as classes populares pudessem ter mais chances de acessar o colégio.

Essa medida foi implantada apenas para o acesso ao 1º segmento do EF., ao passo que o ingresso no segundo segmento do EF e no ensino médio continuaram a ser realizados mediante concurso de seleção de alunos, o que contribui para a manutenção da seletividade do seu público.

Apesar disso, duas iniciativas relativizam o peso dessa seletividade. A primeira, instituída em 2005, foi a reserva de vagas no processo seletivo de acesso ao segundo segmento do ensino fundamental (6º ano). Um levantamento pedagógico feito nos anos 2000 tinha apontado que os estudantes da classe média ocupavam desproporcionalmente as vagas do Colégio. De acordo com Cavaliere (2008), essa é a origem da política de reserva de 50% das vagas no acesso ao 6º ano do ensino fundamental para candidatos oriundos de escolas públicas da esfera municipal ou estadual – critério considerado um *proxy* do nível socioeconômico do candidato. Esta forma de acesso fez com que a demanda pelas vagas crescesse significativamente no início dos anos 2000, chegando à concorrência de 30 candidatos para cada vaga no 6º ano do Ensino Fundamental, ao passo que as vagas ofertadas por sorteio nos anos iniciais tiveram um crescimento de 20 candidatos por vaga (Cavaliere, 2008).

É importante destacar que, para a admissão ao 6º ano do Ensino Fundamental, o CPII não adotou os critérios de reserva de vagas conforme a Lei de Cotas (Lei nº 12. 711, de 12 de agosto de 2012) estabelecidos para

o ensino médio e o ensino superior. Todavia, o CPII adotou um perfil de reserva de vagas parecido com o estabelecido na lei de cotas. Até o edital nº 37/2022 de admissão ao 6º ano do ensino fundamental, o CPII reservou de 5% de vagas para pessoas com deficiência (seja física, mental, intelectual ou sensorial), além das cotas sociais para estudantes oriundos da rede pública de ensino. Entretanto, o último edital (Edital nº 19/2023) trouxe uma inovação: a reserva de vagas para candidatos PPI (Pretos, Pardos e Indígenas), além de reservarem as vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, candidatos pcDs e para as cotas sociais. Conforme quadro trazido no edital, verificamos os perfis dessa forma:

QUADRO II – PERFIL DE CANDIDATOS PARA A RESERVA DE VAGAS

PERFIL	DESCRIÇÃO
EP	Escola Pública
PPI	Pretos, Pardos e Indígenas
PcD	Pessoa com Deficiência
CS	Cota Social

Fonte: Edital nº 19/2023. Disponível em: <https://dhuu.cp2.g12.br/>

Ainda de acordo com o Edital nº 19/2023 de Admissão ao 6º Ano do Ensino Fundamental, os candidatos que desejam concorrer à reserva de vagas pelo critério de Escola Pública devem ter cursado integralmente o 4º e o 5º anos do Ensino Fundamental, em escolas da Rede Pública de Ensino Municipal, Estadual ou Federal. A comprovação desta condição será por meio da apresentação do original do Histórico Escolar ou de Declaração da instituição de ensino, no momento da matrícula. Caso no momento da matrícula essa comprovação não ocorra, o candidato perde a vaga.

Para comprovar a possibilidade de se beneficiar das vagas reservadas, o edital traz as seguintes informações sobre os critérios:

3.4. O perfil EP é destinado aos candidatos que tenham cursado integralmente o 4º e o 5º anos do Ensino Fundamental, em escolas da Rede Pública de Ensino Municipal, Estadual ou Federal, condição a ser comprovada por meio da apresentação do original do Histórico Escolar ou de Declaração da instituição de ensino, no momento da matrícula.

3.5. O perfil PPI, destinado aos candidatos Pretos ou Pardos (conjunto da população negra, conforme Estatuto

da Igualdade Racial) ou Indígenas, terá o quantitativo de vagas proporcional à aplicação do percentual relativo à soma de Pretos (12,12%), Pardos (39,6 %) e Indígenas (0,1 %) (PPI) da população do Estado do Rio de Janeiro, segundo o Censo Demográfico IBGE 2010, a saber, \cong 51,8 %.

3.6. O perfil PcD, destinado aos candidatos Pessoas com Deficiência, de acordo com a Lei no 13.146/2015, ou seja com “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”, terá o quantitativo de vagas proporcional ao percentual de pessoas com deficiência na população do Estado do Rio de Janeiro segundo o Censo Demográfico IBGE 2010, a saber \cong 24,4%.

3.7. O perfil CS – Cota Social é destinado aos candidatos com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 salário mínimo per capita. (Ministério da Educação, Colégio Pedro II, item 4.6. do Edital nº 19/2023 – Admissão ao 6º Ano do Ensino Fundamental).

Os candidatos PPI aprovados (população Preta, Parda e Indígena) passarão pela avaliação de Comissão de Heteroidentificação especialmente criada para o fim de validar a declaração prestada pelo responsável legal do candidato, antes da matrícula, tendo por base o disposto na Portaria Normativa do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão Nº 4/2018 (Ministério da Educação, Colégio Pedro II, item 3.5. do Edital nº 19 de julho de 2023). Ou seja, não basta preencher e assinar o anexo III disponibilizado no Edital do CPPI, pois, de acordo com o referido edital, em seu item 3.5.1.3. do edital nº 19/2023 diz que a comissão de heteroidentificação utilizará exclusivamente as características fenotípicas do candidato, (predominantemente a cor da pele, a textura do cabelo e aspectos faciais) para aferição da condição étnico-racial declarada pelo responsável legal do candidato.

Para os candidatos aprovados no perfil PcD, para assumir a vaga, a comprovação médica deverá expressar o código correspondente da Classificação Internacional de Doenças (CID) no momento do ato da matrícula, segundo os itens 3.6.1. e 3.6.1.1. do edital nº19/2023.

Por fim, o critério para as Cotas Sociais foi estabelecido no item 3.7. do Edital nº19/2023 que a renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 salário mínimo per capita. Especificando a regra, o item 3.7.1. diz que “o candidato

que desejar concorrer para vagas em modalidades que incluam o perfil CS, caso aprovado, deverá comprová-la na data de matrícula por meio de documentação constante do Anexo IV, sob pena de perda do direito à vaga e eliminação do Processo Seletivo.” (Ministério da Educação, Colégio Pedro II, item 3.7. do Edital nº 19 de julho de 2023).

Importa mencionar que a equiparação do CPII aos Institutos Federais ampliou a oferta de outras modalidades de ensino, como, por exemplo o ensino médio integrado e cursos de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Os efeitos de ampliação do acesso ao CPII não se limita, portanto, ao aumento da heterogeneidade do corpo discente. Essa ampliação também se dá na direção de ofertar níveis mais elevados de escolarização e de formação profissional para inserção no mercado de trabalho.

Tanto o ingresso por sorteio quanto a reserva de vagas no processo seletivo, trouxe como consequência um perfil de estudante mais heterogêneo, tanto do ponto de vista do capital econômico como do capital cultural delas e de suas famílias de origem, pois, ainda de acordo com Cavaliere (2008), as medidas de abertura do CPII causam uma entrada grande de estudantes de perfis socioeconômicos e sociodemográficos diferentes, logo, há uma diversificação de capital cultural e econômico porque as crianças não convivem com outras crianças apenas de seu estrato social. Assim, elas convivem com outras crianças de outras realidades sociais e com outros capitais econômicos e culturais diferentes do seu. Dessa forma, estudantes de classes sociais distintas passam a ter a possibilidade de convívio nas turmas nos diferentes *campi* do CPII, fator que leva à heterogeneidade de perfis de capital econômico e de capital cultural.

Outras três medidas adotadas pelo CPII contribuem para a ampliação da heterogeneidade do seu perfil discente. Um deles foi a criação, em 2012, da primeira unidade de Educação Infantil do Colégio com a formação de turmas de crianças entre 4 e 5 anos de idade, no Centro de Referência em Educação Infantil de Realengo (Creir), no bairro de Realengo, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. O sistema de ingresso para a Educação Infantil também se dá por meio de sorteio público de vagas.

A segunda medida são as ações de assistência para que alunos de classes populares consigam permanecer no colégio. Essa assistência é chamada de

Auxílio Financeiro de Apoio ao Estudante (AFAE), que atende estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Superior em curso de Graduação. Seu objetivo principal “contribuir para democratizar e ampliar as condições de permanência dos/as estudantes regularmente matriculados/as no Colégio Pedro II, que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica.” (Edital nº 01/2023, p. 1. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/images/comunicacao>).

A terceira e mais recente iniciativa, se deu no ano de 2015, quando o então Reitor Oscar Halac, extinguiu o jubilamento pautando-se no ordenamento jurídico da Constituição Federal de 1988, que promove a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, e como bem de todos sem distinção de raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas discriminatórias. Apoiando-se ainda no Estatuto da Criança e do Adolescente, o Reitor estabeleceu a ilegalidade do jubilamento dos estudantes, sinalizando para o prejuízo causado à trajetória escolar dos alunos jubilados.

Concomitante a todas essas iniciativas, o CPII também ampliou a oferta do seu ensino no território fluminense. Se antes, a expansão se dava em outras áreas da cidade do Rio de Janeiro, mais recentemente, o CPII inaugurou unidades de ensino em áreas mais vulneráveis socioeconomicamente, como Realengo e, também, em outros municípios próximos à capital – uma no município de Duque de Caxias e outra em Niterói. A localização dessas três unidades – as mais recentes – estão em territórios marcados por maiores desigualdades socioeconômicas, evidenciando que a ampliação do CPII vai na direção de alcançar populações de baixa renda.

Dessa forma, o Colégio Pedro II possui, atualmente, 12 *campi* no município do Rio de Janeiro, a saber: nos bairros do Centro e São Cristóvão são três unidades; em Humaitá são duas unidades; além desses, duas unidades na Tijuca, duas unidades no Engenho Novo e três unidades em Realengo, se contarmos com o Centro de Referência da Educação Infantil. Fora do município do Rio de Janeiro, há ainda o campus em Niterói e outro em Duque de Caxias, totalizando 14 *campi* no estado, que congregam mais de 12 mil alunos (CPII em números, 2022).

Esses são marcos importantes que evidenciam as medidas tomadas pelo CPII para a democratização do seu acesso às camadas populares. O processo de democratização do acesso ao CPII acontecido nos últimos 30 anos levou à diversificação do perfil socioeconômico e cultural do corpo discente dentro de cada unidade do CPII.

Esses processos de abertura do colégio às camadas populares, faz com que as famílias passem a considerar possível o acesso de seus filhos à instituição, mobilizando estratégias para garantir o sucesso no concurso de seleção – no caso do acesso ao 6º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio.

Na pesquisa aqui apresentada, buscou-se mapear e analisar as estratégias de famílias que conseguiram acesso e permanência no CPII nos processos seletivos para o ingresso no 2º ano e no 6º ano do EF. A escolha desse segmento é explicada por dois motivos principais: devido à faixa etária desta etapa escolar, as crianças ainda possuem autonomia limitada para escolher estudar no CPII. Geralmente essa escolha é feita pela família e não pelo estudante. No caso do acesso ao ensino médio, o estudante já tem mais autonomia para decidir participar, ou não, do processo seletivo. O segundo motivo deve-se ao fato de haver poucos estudos que focalizam tanto o primeiro quanto o segundo segmento do ensino fundamental. A grande maioria dos estudos que investigam a educação básica, focaliza o olhar para as etapas da educação infantil e da alfabetização (primeiro segmento do ensino fundamental) ou para a etapa do ensino médio, deixando o segundo segmento do EF, num limbo acadêmico.

Outros dois fatores que motivam a escolha desta etapa escolar para a realização desta pesquisa é o fato de não haver processos de seleção para o acesso ao EF em escolas públicas comuns, sendo os Colégio de Aplicação das universidades públicas e o CPII as exceções. Soma-se a isso o fato de que esse processo seletivo reserva vagas para candidatos oriundos de escolas públicas. A literatura sobre ações afirmativas trata, abundantemente do tema da reserva de vagas no acesso ao ensino superior e, em menor quantidade, no acesso ao ensino médio – particularmente aos Institutos Federais. Não se tem notícias sobre a adoção de ações afirmativas no ensino fundamental. Até certo ponto, isso faz sentido, uma vez que o acesso ao ensino fundamental

está universalizado e, por isso, não se justifica a reserva de vagas. No entanto, os dados do Saeb revelam reiteradamente a baixa qualidade do ensino ofertado nas escolas públicas (municipais e estaduais) – frequentado majoritariamente por pessoas socialmente desfavorecidas, alijadas de instituições escolares de excelência, como o caso do CPII.

Assim, este estudo ganha relevância e pertinência, pois, apesar de tratar de um tema já bastante discutido pelos estudos do campo da Sociologia da Educação, tem como original, seu recorte e campo empírico: o Colégio Pedro II – instituição de ensino de excelência, que vem ampliando seu acesso nos últimos anos e que conta com reserva de vagas no acesso ao segundo segmento do ensino fundamental – ação afirmativa incomum, de caráter excepcional, devido ao contexto institucional.

4

METODOLOGIA

Neste capítulo, trazemos o caminho metodológico adotado para esta pesquisa e os seus porquês, assim como as questões que balizaram nosso estudo.

4.1. As questões da pesquisa

Sabendo que o CPII é um colégio público de excelência, as diferentes famílias, das diferentes classes sociais, mobilizam estratégias com o fito de obter êxito nos processos seletivos, seja no sorteio público de vagas, seja no concurso público de provas para seleção de estudantes. Por isso, o nosso objetivo geral é compreender as principais motivações e estratégias familiares para o acesso dos estudantes no CPII – escola federal considerada de excelência. Já os objetivos específicos envolvem a elaboração de um mapa das relações entre os tipos de estratégias e o perfil sociodemográfico e socioeconômico das famílias; e a verificação das expectativas das famílias com relação à trajetória escolar e profissional dos seus filhos.

Entretanto, para o alcance dos nossos objetivos definimos algumas questões norteadoras que balizaram a tentativa de entender se houve, de fato, diferentes motivações e estratégias educacionais das famílias dos estudantes do CPII na busca por garantir o acesso e a permanência dos filhos em colégios de excelência – particularmente o CPII. Como já foi informado, os estudantes do CPII tem acesso à instituição por sorteio público de vagas remanescentes, concurso por ampla concorrência e concurso no sistema de

reserva de vagas.

Uma das questões que buscamos responder neste estudo é se as desigualdades socioeconômicas e sociodemográficas interferem na escolha das escolas por parte das famílias das camadas populares e na escolha dos estudantes pelas escolas? Essa questão se relaciona com outras interrogações que norteiam o estudo, tais como: Porque as famílias querem matricular seus filhos no CPII? Quais são os investimentos (de dinheiro, de tempo, de deslocamento etc.) feitos pelas famílias para garantir o sucesso dos filhos no processo seletivo e na permanência na escola? Quais são as expectativas que essas famílias têm em relação à trajetória escolar e ao futuro profissional dos filhos? As estratégias familiares são diferentes para os três perfis de estudantes (cotista, não cotista e egresso do 1º segmento do EF)? Quais as implicações que a escolha das escolas por parte das famílias de camadas populares pode trazer para o combate ou manutenção das desigualdades sociais?

4.2. O caminho da pesquisa

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com a coleta/produção de dados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com famílias e estudantes do 6º ano do segundo segmento e do 2º ano do primeiro segmento do EF. Estes estudantes chegam ao CPII por caminhos diferentes: os estudantes do 2º ano do primeiro segmento do EF ingressam no CPII por meio do sorteio público de vagas remanescentes e continuaram sua trajetória escolar no próprio colégio, mas tem também aqueles que entram no 6º ano do EF por meio de concurso de seleção, seja na modalidade ampla concorrência, seja na modalidade reserva de vagas. Interessa-nos verificar se há diferentes motivações e estratégias para acessar o CPII entre estudantes que ingressaram por cada uma dessas modalidades.

Vale lembrar que esta pesquisa é um recorte da pesquisa maior: *Políticas Públicas de Ação Afirmativa e Desigualdades Sociais e Raciais na*

Educação básica, a qual se desenvolve no âmbito da rede internacional de pesquisa Desigualdade e discriminação: políticas e contextos escolares do Programa Institucional de Internacionalização da Capes (CAPES-Print). Em virtude disso, a seleção das famílias e dos estudantes para a entrevista semiestruturada contava, inicialmente, com a ideia de entrevistarmos apenas estudantes ingressantes no 6º ano do EF do CPII em 2023, por qualquer tipo de modalidade de concorrência (ampla concorrência ou reserva de vagas), para isso, seria elaborado uma enquete destinada aos estudantes das unidades Humaitá II e Realengo II. A nossa intenção, com isso, era a de selecionar estudantes com os mais diversos perfis socioeconômicos e sociogeográficos. Todavia, como a pesquisa maior ainda não havia obtido a anuência do CPII para iniciar a pesquisa com os estudantes do colégio e o prazo para conclusão do mestrado é curto, não foi possível obter o apoio do CPII para a seleção dos estudantes que participariam junto com as suas famílias das entrevistas. Em razão disso, resolvemos repensar nosso caminho metodológico e recorreremos, então, à técnica da “bola de neve”.

Essa técnica envolve uma forma de amostragem não probabilística em que são utilizadas cadeias de referências a fim de coletar o maior número de informações possíveis. Em outras palavras, os primeiros participantes das entrevistas indicam outros novos participantes que, por sua vez, indicam mais outros até que os participantes passem a repetir a mesma resposta (Vinuto, 2014). Comumente, essa técnica costuma ser o método mais apropriado para pesquisas sociais na tentativa de encontrar uma maior diversidade de informações sobre a temática estudada. Como também afirma Vinuto (2014), esse tipo de abordagem não probabilística é muito específico, não sendo possível estabelecer como será a seleção de todos os participantes. Apesar de sua efetividade, essa técnica mostrou ter uma limitação para nossa pesquisa, uma vez que as indicações dos novos entrevistados acabaram por conformar um grupo homogêneo de famílias, todas elas de classe média e da unidade de São Cristóvão II do CPII.

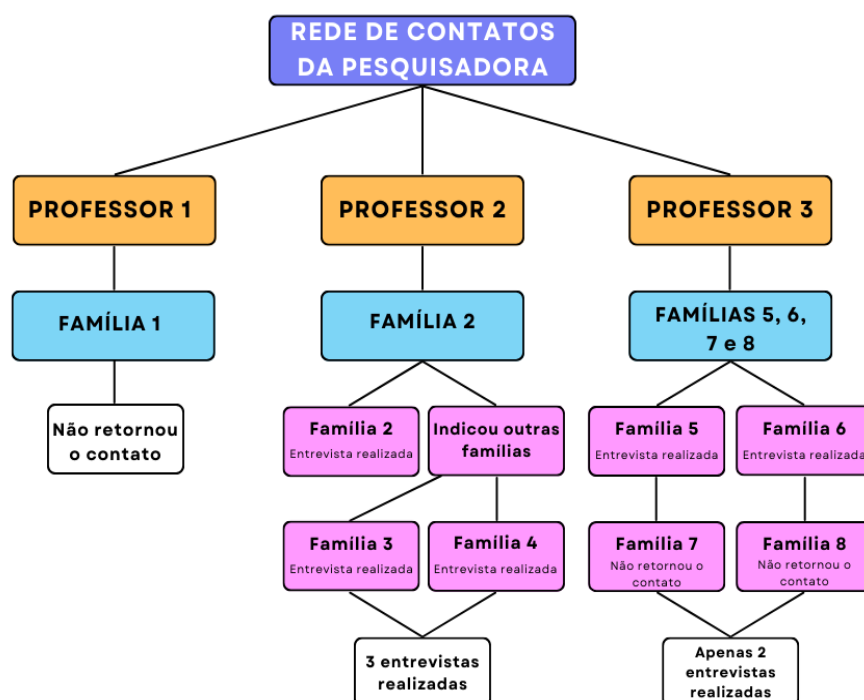
Outra limitação em nossa pesquisa foi a dificuldade de encontrarmos famílias cujos estudantes tivessem ingressado no 6º ano do EF no CPII dentro da rede de contatos da pesquisadora. A princípio, estabelecemos o número mínimo de cinco famílias para serem entrevistadas. Porém, como

encontramos apenas quatro famílias e uma não respondeu ao nosso contato, tivemos de ampliar a rede de contatos para selecionarmos famílias de outros anos e segmentos do CPII. A partir dessa ampliação, chegamos a outras quatro famílias de crianças que ingressaram por sorteio público no 2º ano do EF, em 2023. Entretanto, dessas quatro famílias, apenas duas famílias responderam nossas mensagens.

Logo, conseguimos o mínimo estabelecido de entrevistas e contabilizamos três entrevistas com famílias de estudantes do 6º ano do EF e duas com famílias de estudantes do 2º do EF.

Para entendermos melhor como funcionou a rede de contato da pesquisadora, vejamos a figura 1, a seguir, que mostra um organograma sobre como se implementou a técnica bola de neve, por meio dos contatos com as famílias.

Figura 1 – Organograma da rede de contatos da pesquisadora



Fonte: Elaboração própria da autora.

Como podemos observar, o contato com as famílias, via aplicativo Whatsapp, se deu por meio de três outros professores. O professor 1 nos

indicou a primeira família e, após contato estabelecido e entrevista marcada, a família não confirmou a data e não mais respondeu às nossas mensagens.

Já o professor 2 nos indicou a família 2. Com ela conseguimos marcar e realizar a entrevista. Ao término da mesma, a família 2 nos indicou outras duas famílias (famílias 3 e 4) com as quais fizemos contato e também conseguimos marcar e realizar as entrevistas, embora as famílias 3 e 4 não tenham conseguido indicar outras famílias.

Por fim, o professor 3 nos indicou as famílias 5, 6, 7 e 8. As famílias 5 e 6 responderam ao nosso contato e conseguimos marcar e realizar as entrevistas. Por outro lado, a família 7 chegou a nos responder, mas depois não fez mais contato, e a família 8 apenas visualizou as nossas mensagens enviadas pelo WhatsApp, mas não nos respondeu. Portanto, foram realizadas entrevistas com 5 das 8 famílias indicadas pelos professores.

Após o contato com as famílias, procedemos à fase da entrevista semiestruturada, com questões que pudessem evidenciar a percepção dessas famílias em relação às categorias analíticas discutidas e apresentadas no capítulo 2 desta dissertação:

- Investimento financeiro (Piotto, 2006; Alves, 2010; Nogueira, Resende e Viana, 2015);
- Critérios para a escolha da escola (Bell, 2005; 2006; Alves, 2010; Resende, Nogueira e Nogueira, 2011);
- Capital informacional obtido pela participação familiar em redes sociais (Alves, 2010; Bourdieu (2018);
- Recurso a cursinhos preparatórios para os exames de ingresso (Glasman, 2011; Martins, 2019).
- Outras categorias possíveis advindas do campo empírico.

Do total das entrevistas realizadas, 5 (cinco) envolveram os pais/responsáveis e 4 (quatro) os estudantes, somando portanto, 9 (nove) entrevistas. Importante notar que todas as entrevistas foram realizadas com as mães dos estudantes. Nenhum pai ou responsável homem participou dessas entrevistas. Com relação aos estudantes, foram entrevistados 2 (dois) meninos e 2 (duas) meninas, dado que um dos meninos não realizou a

entrevista a pedido da mãe. O não consentimento dessa mãe foi justificado com o argumento de que a criança é muito agitada e não conseguiria se concentrar/ficar quieto em situações como essas.

Todas as entrevistas foram realizadas no formato online, via Zoom, pois nenhuma família teve disponibilidade para encontros presenciais. Os dias e horários das entrevistas foram previamente agendados com as famílias, por meio de contato via WhatsApp. Por terem sido online, as entrevistas foram realizadas primeiramente com as mães e, em seguida, com os filhos/filhas. Neste último caso, foi solicitado que a entrevista fosse realizada de forma individual, ou seja, que as mães ou outra pessoa não interferisse ou ajudasse a criança a responder. As entrevistas tiveram duração média de 1 hora e 40 minutos, e todas foram gravadas e transcritas pela própria pesquisadora. Algumas entrevistas foram feitas no final do ano de 2023 e a última foi realizada no início de 2024 a pedido da família.

Para a realização das entrevistas, foram elaborados dois roteiros: um para os pais e/ou responsáveis pelo estudante do CPII e outro para o próprio estudante, com base na intenção de contrastar as percepções desses dois grupos com relação às motivações e estratégias mobilizadas por cada um deles.

As perguntas dos roteiros foram construídas em quatro blocos: bloco 1, perguntas sobre o perfil socioeconômico e sociodemográfico do entrevistado, sendo este bloco o mesmo para as entrevistas dos responsáveis e dos estudantes.

No roteiro de entrevistas dos responsáveis, o bloco 2 trata dos investimentos na escolarização da criança. Nesta parte, as perguntas procuram observar as motivações mobilizadas pelas famílias, a relação família-escola e a reflexão sobre a importância/centralidade da criança na família, além de buscar saber em qual escola a criança estudou antes de obter êxito no processo/concurso de acesso ao CPII.

Já no bloco 3, o objetivo é levantar informações especificamente sobre a escolha do CPII pelas famílias e sobre as estratégias/mobilizações de investimento nos processos/concursos de seleção. Sendo assim, as perguntas elaboradas buscaram conhecer as frequências com que as famílias recorriam a professores particulares e cursos preparatórios privados e ajudavam no

preparo das crianças para os concursos de seleção. Também averiguavam a distância entre a unidade escolar e a residência da família e quais as expectativas das famílias em relação à trajetória escolar das crianças no CPII.

Por fim, no bloco 4, apresenta questões gerais, a fim de identificar se a família está satisfeita com o CPII, e se há casos de intimidações sistemáticas contra a criança ou no colégio de forma geral que envolvam professores, funcionários ou os próprios colegas.

Já no roteiro dos estudantes, o bloco 1 apresentou questões sobre o perfil socioeconômico e sociodemográfico dos estudantes. O bloco 2 buscou observar as percepções das crianças em relação ao colégio anterior ao CPII. Em razão disso, as perguntas dizem respeito às percepções sobre a estrutura do colégio frequentado anteriormente ao CPII, e aos conteúdos, professores e profissionais de educação que lá trabalhavam e questões de cunho pessoal como se a criança gostava do colégio anterior e se gostou de ter de ter ido para o CPII.

No bloco 3, busca-se indagar a percepção das crianças em relação ao CPII. Dessa forma, as questões investigam percepção individual dos estudantes sobre as provas do concurso de acesso (para aqueles que entraram pelo concurso seletivo) e sobre os desafios de frequentar o CPII. Para além disso, abordamos também as relações dessas crianças com os demais colegas da escola e da sala de aula, a fim de refletirmos sobre casos de *bullying* dentro do CPII e se sobre possíveis relações com o fato de o estudante ser cotista ou egresso do “Pedrinho”.

Além dessas questões, também perguntamos a respeito de estratégias adotadas pelas famílias e pelo próprio estudante para acessar o CPII e frequentar as aulas. Aqui, também perguntamos qual a forma de ingresso da criança entrevistada.

Por último, no bloco 4, há questões gerais sobre o CPII e sobre as possíveis diferenças de tratamento por parte da escola, dos colegas e dos professores. Nesse caso, procurou-se saber se há diferenças de tratamento quando os alunos são cotistas, não cotistas ou egressos do “Pedrinho”. Por fim, há perguntas que buscam contrastar o colégio anterior e o CPII, a fim de conhecer a percepção individual da criança sobre os aspectos positivos e

negativos do colégio anterior e do CPII.

Portanto, as questões elencadas nas entrevistas semiestruturadas (anexos 1 e 2) foram de fundamental importância para que pudéssemos compreender como as famílias se organizam e quais as motivações para que fizessem a escolha pelo CPII.

A análise feito do material das entrevistas contou com a tabulação das respostas às questões elencadas nos roteiros de entrevistas semiestruturadas e separadas de acordo com os blocos às quais pertenciam. Para isso, foram organizadas tabulações tanto das falas das mães quanto das crianças em arquivos distintos.

Após a tabulação das respostas, por blocos, nas tabelas elaboradas em Excel, precedemos à fase das análises qualitativas das questões e do comparativo das informações apresentadas pelas famílias e pelas crianças. A partir dessas informações, foi possível construir perfis socioeconômicos e sociodemográficos das famílias, das crianças e, até mesmo, organizar e construir os quadros que sintetizam as principais estratégias de acesso e permanência no CPII mapeadas por este estudo.

5

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, traremos para a análise os dados coletados durante as entrevistas feitas com pais e estudantes a fim de observarmos os perfis socioeconômicos encontrados bem como quais foram as estratégias escolares mobilizadas pelas famílias para que seus filhos ingressassem no CPII seja por sorteio público de vagas ou por meio da prova de seleção pública de estudantes. Vale mencionar que todos os estudantes entrevistados ingressaram no CPII no ano de 2023.

Para uma melhor visualização dos dados obtidos, trabalharemos com quadros e tabelas informativos que serão qualitativamente explicadas no intuito de entendermos as motivações de cada família ao escolher o CPII como colégio atual de seus filhos e a importância do estabelecimento de ensino anterior ao CPII, bem como as estratégias mobilizadas como aquisição de apostilas ou cursos preparatórios, uso de professores particulares ou outros mecanismos que ajudassem as crianças na preparação para as provas do concurso de seleção do CPII.

Para além disso, analisaremos as expectativas das famílias para a escolarização de sucesso de seus filhos e quais são os esforços/investimentos utilizados. Para tal, faremos uma breve discussão por meio de um comparativo na percepção das famílias e das crianças sobre as escolas anteriores e o atual colégio CPII.

5.1. A Construção do Perfil Socioeconômico das Famílias

As entrevistas foram realizadas com 5 famílias, sendo 5 entrevistas com as mães e 5 entrevistas com os filhos/filhas. Fazer um mapeamento do perfil socioeconômico das famílias é pertinente pois, como apontando na revisão de literatura do capítulo 2 (Nogueira, 1998; Piotto, 2006; Alves, 2010; Nogueira, Resende e Viana, 2015; Nogueira, Resende e Coutinho, 2022), as famílias de diferentes estratos sociais mobilizam estratégias diferenciadas para a garantia de uma escolarização bem-sucedida de seus filhos. Vale ressaltar que todos os estudantes são do *Campus* de São Cristóvão II, unidade que abrange o segundo segmento do Ensino Fundamental II.

O quadro 4, abaixo, sintetiza as principais informações do perfil sociodemográfico das famílias entrevistadas. Esse perfil é traçado a partir das seguintes variáveis: nível de escolaridade, idade, gênero, raça, renda familiar, pessoas que compõem a renda, quantidade de pessoas que moram na casa, região de moradia (perto ou longe da escola/perto ou longe do trabalho) e transporte do filho para o colégio.

As perguntas que buscam identificar se a família mora perto ou longe do trabalho e/ou da escola e qual o transporte utilizado para levar o filho/filha para a escola é pertinente, pois, de acordo com os autores (Siqueira & Nogueira, 2017; Nogueira, 2013b; Piotto, 2006) a acessibilidade escolar relatada por algumas famílias de classe média brasileiras serve para observar se o acesso ao colégio é fácil ou e para nos mostrar o quanto de investimento financeiro/esforço as famílias fazem para que suas crianças tenham uma escolarização longa e de sucesso.

O último item do quadro diz respeito a situação socioeconômica das famílias. Essa informação foi mensurada por meio da pergunta: “qual a situação socioeconômica”, no bloco 1 da entrevista semiestruturada que se trata da apresentação da pesquisadora e apresentação do entrevistado. Como se pode observar, todas as famílias disseram que pertencem à classe média.

Quadro 3 – Perfil socioeconômico das famílias segundo as respostas dos responsáveis

Eixos	Família 2	Família 3	Família 4	Família 5	Família 6
Nível Escolar	Mãe: especialização em História Contemporânea	Ensino Superior	Ensino Superior	Ensino Superior	Superior: mestrado (mãe); companheiro: mestrado
Idade	40 anos	38 anos	39 anos	46 anos	43 anos/ Pai: 48 anos
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Raça	Parda	Branco	Parda	Branca	Branca
Renda Familiar	16 salários-mínimos	10 mil	Não declara	20 mil	20 mil
Pessoas que compõem a renda	Ela e o esposo	Ela e o esposo	Não declara	Ela e esposo	Ela e o esposo
Quantas pessoas moram na casa	4: ela, esposo e dois filhos	5: ela, esposo e três filhos	5: ela, esposo e três filhos	3: ela, esposo e o filho	3: ela, esposo e filha
Região de moradia	Zona Norte – Encantado	Região dos Lagos – Maricá	Zona Norte	Zona Norte – Vila Isabel	Zona Norte – Tijuca
Perto ou longe da escola?	Longe	Longe	Perto	Perto	Médio, porque é contramão
Perto ou longe do trabalho?	Perto: 10 min.	Perto	Não declara	Perto	Não declara
Transporte do filho para a escola	Transporte escolar	Carona e ônibus intermunicipal	Não declara	Não declara	Transporte escolar
Situação socioeconômica	Classe Média	Classe Média	Classe Média	Classe Média	Classe Média

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados das entrevistas

Fazendo uma análise do perfil socioeconômico das famílias entrevistadas, de acordo com os estudos do IBGE (PNAD Contínua, 2023),

as classes sociais estão divididas em 5 categorias básicas, segundo a renda familiar mensal, levando em consideração pessoas acima de 14 anos, temos a compreensão de classe social como: Classe A (acima de 20 salários-mínimos), Classe B (de 10 a 20 salários-mínimos), Classe C (de 4 a 10 salários-mínimos), Classe D (de 2 a 4 salários-mínimos) e Classe E (recebe até 2 salários-mínimos). Isso significa dizer que, embora as famílias entrevistadas se considerem classe média, na verdade, elas estão categorizadas na Classe B e não na Classe C como a maioria da população brasileira.

Um fator comum que ajuda na descrição dos perfis dessas famílias é o nível escolar, pois todas elas são compostas por mães com no mínimo, o nível superior completo. Algumas famílias – 2 no total – apresentam membros com especialização, MBA ou mestrado – revelando, assim, um nível de escolaridade alto dentro das famílias entrevistadas.

Outro fator comum entre a maioria das famílias é a moradia: quatro famílias residem em bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro (Tijuca, Encantado, Vila Isabel), enquanto a família 3 reside na Região dos Lagos, mais precisamente em Maricá.

Em relação à forma como a criança vai à escola, todas as famílias utilizam o transporte escolar como estratégia de mobilização que garante à criança o cumprimento do horário. Vale mencionar que as famílias 2 e 3 possuem automóvel próprio, mas optam pelo transporte escolar para seus filhos. Já a família 3, por residir na Região dos Lagos, utiliza estratégias diversificadas de mobilização para que a criança permaneça estudando na unidade de São Cristóvão II do CPII. Essas estratégias são desde caronas semanais através de uma amiga da família que trabalha no Rio de Janeiro e leva a criança à escola e, na volta para casa, uso de ônibus intermunicipal, quando não é possível voltar de carro com a mesma amiga da família ou ainda quando a mãe não consegue buscar o filho. A mãe da família 3 nos relatou que em alguns dias trabalha em Niterói e consegue ir à unidade de São Cristóvão II para buscar o filho.

Em relação à composição familiar, normalmente, as famílias são pequenas (três a cinco pessoas na mesma residência) e moram perto do trabalho e/ou perto da unidade escolar dos filhos. Em virtude disso, uma

estratégia em comum relatada nas entrevistas foi a seleção das unidades de ensino anteriores ao CPII. No geral, as famílias realizaram buscas escolares por estabelecimentos que fossem próximos de casa e prezassem pelo desenvolvimento cognitivo das crianças e não pelo lado conteudístico⁸. Elas informaram que “fugiam” de escolas conteudistas nos anos iniciais do ensino fundamental antes de acessarem o CPII. Entretanto, vale destacar que essa estratégia escolar não se encaixa no perfil da família 3, cujo objetivo foi matricular o filho próximo da residência em um colégio de uma grande rede privada e com perfil conteudista.

Os relatos mostram que a família 3, por morar em outro município – Maricá –, muito longe da unidade São Critóvão II do CPII, parece fazer um esforço muito maior que as demais famílias entrevistadas – que moram em bairros relativamente próximos ao bairro de São Cristóvão, precisando, inclusive, de apoio de amigos para levar/buscar o estudante. Isso evidencia o valor que estudar no CPII tem para essa família.

De acordo com dados do sítio Qedu, Maricá ocupou a 10ª posição no ranking do Ideb das melhores escolas do Estado do Rio de Janeiro, em 2021, alcançando a marca de 5,6 – superando o Ideb médio do Estado do Rio de Janeiro para as escolas públicas municipais nos anos iniciais, que foi de 5,4. O que observamos durante a pesquisa sobre este município é que o investimento em educação é um dos pontos fortes do governo municipal. Apenas para se ter uma ideia, recentemente, foi lançado um edital⁹ de concurso para professores dos anos iniciais do EF e dos anos finais do EF e a remuneração é acima de 9 mil reais para uma carga horária de 30 horas semanais – valor muito acima da média de salários pagos pelas redes municipais de ensino. Essa boa remuneração atrai bons profissionais. Outro elemento que evidencia a prioridade de Maricá no investimento em Educação é a criação do Fundo Soberano da Educação Pública Municipal

⁸ A escola conteudista é um termo que se refere a uma abordagem educacional que prioriza o ensino de conteúdos específicos, muitas vezes de forma tradicional e centrada no professor. Essa abordagem tende a enfatizar a transmissão de conhecimento e a memorização de fatos, sem dar tanta ênfase ao desenvolvimento de habilidades práticas, pensamento crítico ou aprendizado contextualizado. Em contraste, outras abordagens pedagógicas, como a escola construtivista, valorizam mais a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento.

⁹ Edital N° 1/2024 - Concurso Público para Provimentos de Cargos da Prefeitura Municipal de Maricá – RJ.

de Maricá¹⁰, que tem como objetivo principal financiar projetos socioeducacionais que promovam o desenvolvimento e a autonomia socioeducacional do município.

Tais iniciativas são evidências que nos permitem levantar a hipótese de que em Maricá há boas escolas públicas, mas que, apesar disso, a família 3 prefere fazer esse longo deslocamento para ter seu filho matriculado no CPII.

Com relação ao critério raça, em sua maioria, as mães entrevistadas se autodeclararam brancas, havendo apenas duas pardas. Quanto ao gênero, todas se declararam como mulheres (feminino). Quanto à idade, as mães entrevistadas possuem entre 38 e 46 anos. A composição de renda é sempre do casal, ou seja, ambos – pai e mãe – contribuem para a renda familiar. Todas as famílias declararam que não possuem ajuda financeira externa.

Esses dados nos ajudam a chegar à conclusão de que há um perfil socioeconômico semelhante das famílias entrevistadas: são pequenas, com no máximo cinco integrantes, inseridas economicamente na classe B (com renda entre 14 a 20 salários mínimos), residentes perto do CPII e cujo nível de escolaridade é alto. A única família que, de fato, não reside perto do CPII é a família 3, domiciliada em Maricá.

As informações analisadas nas entrevistas das crianças referem-se à idade, raça, nível de escolaridade, quantidade de irmãos, quantidade de cômodos na casa, se há um quarto, computador e telefone somente para as crianças. Durante as entrevistas, algumas crianças não responderam diretamente às perguntas, mas deixaram claras as respostas em suas falas. Vale mencionar que a criança da família 5 não respondeu às questões porque a mãe justificou que ele é muito hiperativo e não conseguiria ficar quieto durante as entrevistas.

Analisando o perfil das crianças entrevistadas, temos a maioria como meninos entre 12 e 13 anos que estavam no 6º ano, indicando não ser a idade adequada para o 6º ano. Outras duas crianças entrevistadas disseram ter 7 anos e estavam matriculadas no 2º ano – idade considerada adequada para o ano escolar.

¹⁰ Para mais informações: <https://www.marica.rj.gov.br/fundo-soberano-da-educacao/>

De acordo com dados da plataforma Qedu¹¹, para haver defasagem escolar – distorção idade-série – é necessário que a criança esteja 2 (dois) anos atrasada em seus estudos. Ao olharmos a idade das crianças das famílias 2, 3 e 4 relacionado ao fato de estarem no 6º ano do EF, até poderíamos pensar em defasagem escolar, uma vez que a idade da criança neste ano do Ensino Fundamental deveria ser de 11 anos. Entretanto, não tivemos informações se as crianças repetiram de ano alguma vez na escola. Logo, não é possível falar em repetência para as crianças entrevistadas. De qualquer forma, podemos pensar em defasagem escolar para a criança da família 3, cuja idade é de 13 anos e está no 6º ano do ensino fundamental.

Em relação à cor/raça, a maioria se autodeclarou branca. As crianças das famílias 2, 3 e 4 estão no 6º ano do Ensino Fundamental II e entraram pelo concurso de seleção pública de estudantes, tendo a criança da família 3 ingressado por cotas PcD (a criança tem diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – TEA). Já as crianças das famílias 5 e 6 possuíam, à época da entrevista, 7 anos, cursavam o 2º ano do Ensino Fundamental I e ingressaram por meio de sorteio público de seleção de estudantes. Assim, temos três tipos de perfis: dois que entraram por meio de prova de seleção na ampla concorrência, um que entrou por prova de seleção no sistema de reserva de vagas e dois que entraram por meio do sorteio público de seleção.

Sobre a ocupação/profissão dos pais, as crianças não souberam dizer qual o trabalho/ocupação/emprego de seus pais e apenas uma criança respondeu quantos cômodos sua casa possuía. Em relação ao uso de celulares, as crianças das famílias 5 e 6 não utilizavam celulares próprios, apenas de seus pais. Uma explicação plausível é a idade dessas crianças – apenas 7 anos. Sobre possuir um computador para cada criança, apenas as crianças das famílias 2 e 3 responderam e informaram que sim, possuem computadores próprios para si, bem como os celulares. Já as outras crianças não responderam sobre computadores. De mesmo modo, as crianças das famílias 2 e 3 responderam que a família dispõe de automóvel próprio, e as outras

11 O QEdu é um portal de dados educacionais, criado em 2012, onde você encontra diversas informações sobre a Educação básica brasileira no nível do país, estados, municípios e também por escola. – Texto retirado da própria plataforma. Disponível em: <https://conteudos.qedu.org.br/>

crianças não responderam a esta pergunta.

Quanto à forma de ingresso no CPII, as crianças das famílias 5 e 6 entraram para o CPII por meio do sorteio público de vagas remanescentes e as crianças das famílias 2, 3 e 4, entraram por meio do processo de seleção pública via provas de acesso às vagas. As crianças das famílias 2 e 4 entraram por meio das vagas destinadas à ampla concorrência, aquela cujo candidato não possui perfil para concorrer às vagas reservadas. Já a criança da família 3 concorreu às vagas reservadas às Pessoas com Deficiência (PcD) por ser diagnóstica com o Transtorno do Espectro Autista.

5.2. Sobre as motivações das famílias para escolher o CPII

A motivação das famílias para a escolha do CPII será analisada a partir das seguintes categorias: motivação de escolha da escola na Educação Infantil, etapa anterior ao EF, participação nas reuniões escolares e apoio dos pais nas atividades escolares e estratégias familiares para conseguir êxito no concurso de seleção de estudantes do CPII.

5.2.1. Motivações para a escolha da escola na Educação Infantil

Conforme a literatura, essa categoria é importante, pois, de acordo com Trinidad (2015) e Da Silva *et al.* (2017), a Educação Infantil possui um papel fundamental não só como um espaço de transformação social, mas também como local de reconhecimento e valorização da pluralidade de indivíduos. Ainda na visão dessas autoras, a Educação Infantil, também chamada de Ensino Infantil, é a primeira etapa escolar da Educação básica e é responsável pelo desenvolvimento da criança. Abramowicz e Kramer (2023) afirmam que:

A função da Educação Infantil é múltipla já que ela opera com as primeiras iniciações sociais. A escola é uma fábrica de subjetivação, local no qual se opera socialmente para se ter um gênero, uma sexualidade, uma raça, uma classe social, uma língua, uma gramática, e deste modo, quanto mais múltiplas forem as possibilidades de construir subjetividades, mais modos de vidas serão produzidos e capazes de serem acolhidos e expandidos. (Abramowicz e Kramer, 2023, p. 9).

Isso significa dizer que além de a Educação Infantil ser a base para a educação básica, porque ela é o contato da criança fora da família, a escolha da escola na Educação Infantil influencia em sua subjetividade e na sua formação enquanto indivíduo. Por isso, é necessário que se façam boas escolhas para as crianças na Educação Infantil.

No caso das famílias da presente pesquisa, é interessante observar que todas as crianças tiveram suas respectivas trajetórias escolares planejadas pelas famílias, desde a Educação Infantil. Todas as famílias responderam sobre a necessidade de optar por uma escola de Educação Infantil da rede privada que prezasse pelo desenvolvimento cognitivo da criança e não apenas pelo desenvolvimento de conteúdos. Isso vai ao encontro dos pensamentos de Nogueira, Resende e Viana (2015) ao trazerem o conceito de “mobilização escolar familiar” o qual remete às práticas e atitudes articuladas para que os filhos tenham a escolarização bem-sucedida, pois quando a criança passa a ter sua centralidade reconhecida na dinâmica familiar, tudo é mobilizado para que a escolarização dela seja longa e de sucesso. Essa mobilização escolar familiar é uma das características presentes nas famílias entrevistadas. A família 5, por exemplo, nos relatou que, enquanto procurava por escolas de rede privada, não queria aquelas unidades escolares que já alfabetizassem desde a Educação Infantil por priorizar o desenvolvimento cognitivo da criança. Vejamos a fala da família:

...mas eu não queria, aquela, não queria, eu na... Na nossa cabeça, a gente não queria uma creche que ficasse... que fosse muito fechada... que tivesse muitas crianças e poucos profissionais, que a gente vê muito isso daí, né? Dos profissionais sobrecarregados, é, eu queria que tivesse um trabalho bom de psicomotricidade, para ele, que tivesse uma área livre para ele poder brincar. E aí é... Nós vimos algumas. Ah, e que tivesse uma proposta que

tem... que eu, como educadora, principalmente, sei que tem umas escolas que parece que começam a alfabetizar no berçário, né? Eu não queria esse tipo de estímulo. Eu queria que ele pudesse realmente se desenvolver através do... do livre brincar, que ele não tivesse essa carga desde pequeno, né? Que fosse uma creche que respeitasse o tempo dele, tanto para os horários que pudessem ocorrer, dele ter que mamar ou o desfralde que isso caminhasse, em comum acordo com a gente, não por imposição do local que ele fosse. (Entrevista da mãe da família 5, fevereiro de 2024).

Abramowicz e Kramer (2023, p. 10) defendem que “A Educação Infantil, como a filosofia e a arte, deve ser espaço e tempo de construção, transmissão e aprendizado de liberdade”. Nesse sentido, as famílias entrevistadas optaram por colégios privados que priorizassem a construção e o desenvolvimento cognitivo dos filhos. Como no exemplo, a família 5 resolveu não optar pelo tipo de ensino cuja alfabetização já se dava na Educação Infantil e matriculou o filho em um colégio de porte menor e que desenvolvia uma educação mais integral em contato com a natureza:

Que já tinha sido uma escola que a gente tinha pensado na época, mas ela era muito distante. Ela ficava no Grajaú e tinha um horário que de 8 da manhã... eu falei, como eu posso 8 horas da manhã? Porque eu já estou dentro de sala essa hora, né? Mas eles tinham esse respeito que eles... acho... eles não acreditavam que tinham que começar tão cedo, que isso é desrespeitoso com as crianças. Entendam perfeitamente, mas não, não, não cabia pra gente. E aí eles tinham mudado para Tijuca. E aí para atender as demandas, eles começaram a ter um horário mais cedo e tal, e a gente foi visitar e nós gostamos. O Miin¹² era uma escola que é tem um... que era, que era não, é... meu filho é que saiu de lá, né? Eles têm um quintal e tudo parte das brincadeiras que eles fazem nesse quintal. Todo o aprendizado começa no quintal, então é... o Mário¹³. chegava lá e tomava banho de bacia, chegava lá e ia, ia para o balanço, brincava de fazer bolinho de terra, construía brinquedos. Então é era maravilhosa. (Entrevista da família 5, fevereiro de 2024).

Do mesmo modo, pensando no desenvolvimento da criança, a família 2

¹² Escola MIIN: Movimento Infância In Natura. Localizada no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro.

¹³ Nome fictício para preservar a identidade da criança.

fez sua opção por um colégio privado e informou que pesquisou bastante os colégios possíveis, pois a educação é levada a sério pela família. Observemos:

Educação pra gente sempre foi algo muito importante. É então, né, desde antes, né, a gente, como é que eu falo... desde... desde sempre houve esse projeto do *Henrique*¹⁴ ir... para os meus filhos irem para... para a escola pública, mas... né? No início, isso não foi possível, devido às formas de acesso... à escolaridade... à escolarização necessárias, né, e tudo... Então eles começaram estudando numa, numa escola particular, uma escola até pequena, aqui no bairro do Méier. Mas uma escola que assim, né? Quando *Henrique* entrou na escola com dois anos e meio, que eu tive muito cuidado ao escolher, porque era uma escola construtivista e, assim, construtivista mesmo, real. Não é só aquela escola que coloca isso na propaganda. (...) Ele não, não mudou de escola, devido a eu gostar do trabalho que se fazia aí, né? Então eu acredito que ao longo desses anos isto acabou facilitando muito, apesar das pessoas, né? Eu recebi muitas críticas na família de todo mundo por escolher essa escola, porque a galera é mais conteudista e que prefere mais escolas tradicionais. (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

Embora quisesse uma educação de qualidade não conteudista, a mãe da família 2 relata que sofreu muitas críticas porque a escolha da escola inicial não agradou à família como um todo. Na visão de outros membros familiares, *Henrique* poderia ter um ensino fraco que o prejudicasse no futuro. Todavia, a mãe continuou acreditando no trabalho do colégio e o filho permaneceu até o quinto ano do ensino fundamental na instituição privada. A justificativa da mãe, para que o filho continuasse na escola construtivista, foi a de que:

É uma incapacidade de compreensão das pessoas daquilo que elas mesmo escolheram enquanto instituição pros seus filhos e ali eu sempre vi uma prática de ensino muito ajustada àquilo que eu acreditava, né? Uma educação integrada, uma educação onde a criança aprendia na prática. Por exemplo, vou te dar um exemplo, assim, na... na matemática... *Henrique* nunca precisou decorar uma tabuada, né? Eu nunca, nunca foi exigido isso dele... (...) Não é uma escola muito conteudista, tinha prova, tinha

¹⁴ Nome fictício para preservar a identidade da criança.

avaliação tradicional. Tinha tudo isso, mas a metodologia de ensino era muito voltada à capacidade de resolver problema. Então, eu acho que isso ajudou muito o *Henrique*... (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

Em contrapartida, a família 3 não obteve muito sucesso na escolha da escola anterior ao CPII para seu filho. A mãe revelou que pela criança ser diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), casos de *bullying* foram relatados pela criança em casa:

Então, é assim.. o *Adriano*¹⁵ ficou um bom tempo estudando em escola particular, a primeira escola dele. Eu tive um problema que eu não sabia que estava relacionado ao transtorno... ao autismo... depois eu vi que estava relacionado a isso. Mas, mesmo assim, ele continuou em escola particular... ficou um bom tempo em escola particular. Ele foi para um escola particular grande... uma escola de rede, e eu vi muitas questões ali que não me agradaram... questões de *bullying* e ele ainda era muito pequeno. (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

Mesmo observando a ocorrência de problemas na escola privada de uma grande rede de ensino, a mãe da família 3 optou por permanecer com a escolha desse estabelecimento de ensino porque identificou que um colégio menor talvez não lhe desse o suporte necessário para seu filho, que é autista e também diagnosticado com altas habilidades. Por isso:

Eu pensei assim... não vai dar certo porque ou ele fica numa escola de bairro pequenininha, não de forma pejorativa, mas aquela escola de bairro pequena que não ia dar bagagem para ele e, mais do que isso, não digo nem de questão só da bagagem porque ele poderia fazer um cursinho por fora, mas eu digo que ele ia ficar entediado e aí ele entediado dá uma crise ou ele ia para uma escola municipal. (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

Diante do impasse entre continuar em uma grande escola de rede

¹⁵ Nome fictício para preservar a identidade da criança.

sofrendo *bullying*, matricular o filho em uma escola privada de bairro que pudesse acarretar em tédio e crises derivadas do tédio ou partir para o ensino público em uma escola municipal, a mãe nos respondeu que resolveu dar a chance para a escola pública e o matriculou lá. Vejamos:

Eu pensei e falei... eu vou tentar a escola municipal... essa questão... Mas, eu já pensei na questão do autismo... de ele ter acolhimento... foi quando ele foi para a primeira escola do município e para a minha surpresa... uma boa surpresa...gostei. Não tinha bagagem, lógico de conteúdo, nada disso... mas coisa que no particular também não ia me dar porque, quando ele estava no primeiro ano do fundamental, a professora na escola particular, a professora dava a ele a atividade do terceiro ano (...) No município, ele estudou numa escola pequena, a diretora era um amor de pessoa... (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

Na visão da mãe, trocar o colégio privado de rede por uma escola menor no município funcionou mais do que poderia imaginar. É muito importante mencionar a preocupação da mãe com o autismo e as altas habilidades de *Adriano*. Tudo o que ela faz é pensado com antecedência a fim de evitar crises pelos mais diversos motivos, dentre eles, o tédio para com atividades consideradas fáceis por *Adriano*.

A família 4 não apresentou muitos detalhes a respeito da escola anterior da criança e quais as motivações para a escolha desse estabelecimento de ensino, apenas afirmou que a relação era muito boa, tendo a criança estudado em colégio privado desde quando ainda era bebê e que a matrícula na escola anterior ao CPII se deu por conta da proximidade de casa (na frente de casa), pelo investimento financeiro da mensalidade, do material e do uniforme.

A família 6 nos relatou que buscou creche para a filha na tentativa de a mãe conseguir se concentrar para buscar emprego, uma vez que fazia parte de uma parcela da população brasileira que se encontrava desempregada. Por isso, quando a criança estava com nove para dez meses de idade, elas resolveram pesquisar creches para matriculá-la.

Então a gente foi atrás lá com uns nove...dez meses. A gente foi atrás de uma creche, pesquisamos, algumas por

aqui em relação ao custo x benefício. A gente ficou com a Les Petits¹⁶, que é aqui do lado, é muito perto, é na (rua) Paula Sousa, 5 minutos a pé. E ela ficou lá. (Entrevista da família 6, dezembro de 2023).

De todas as famílias entrevistadas, a família 6 foi a única a dizer que não possuía qualquer tipo de referência escolar dentre aquelas que os amigos citavam em conversas. Sabia que havia as escolas de elite, mas a mãe afirmou não saber quais seriam as mais conservadoras, as mais “caretas” etc. Entretanto, a família tinha a certeza de que:

... o que a gente tinha, o que eu tinha, na verdade, era uma vontade de que ela estudasse em uma escola tipo o Olga¹⁷. Na verdade, uma escola construtivista, e aí na época eu lembro que eu pesquisei bastante, aí estavam criando um... acho que no Cosme Velho, o Espaço Cria (...) é longe para caramba... (Entrevista da família 6, dezembro de 2023).

Pudemos perceber que a relação das famílias com o colégio anterior das crianças era uma relação boa, com exceção da família 3, cuja escola anterior não atendeu as expectativas porque não fornecia a inclusão necessária para seu filho. Motivo este que fez a família relatar que a relação era boa, mas as expectativas não foram atendidas e por isso optou por matricula-lo em uma escola pública municipal e foi surpreendida positivamente.

Alguns aspectos fizeram parte da escolha da primeira escola para as famílias. Dentre esses fatores tivemos a educação voltada para o desenvolvimento cognitivo da criança, portanto, escolas cuja metodologia era construtivista foram as mais acessadas pelas famílias 2, 5 e 6; a proximidade de casa, um fato bastante preponderante na escolha da escola a fim de otimizar o tempo de chegada à unidade de ensino e ao trabalho dos pais; a proposta financeira, como pudemos observar nas falas das famílias 4 e 6; o fator financeiro aliado à proposta pedagógica foi uma fala que apareceu também entre as famílias 4, 5 e 6; e a família 2 também elencou como fator importante a autonomia no desenvolvimento da criança numa

¹⁶ Escola Les Petits – Educação Infantil e Fundamental – Localizada no bairro do Maracanã, Zona Norte do Rio de Janeiro.

¹⁷ Escola Olga Mitá – Unidades localizadas nos bairros de Vila Isabel e Tijuca – Zona Norte do Rio de Janeiro.

escola da rede privada.

5.2.2. Participação dos pais nas reuniões escolares

Sobre essa categoria, as famílias relataram que frequentam as reuniões escolares periódicas tanto nos estabelecimentos de ensino anteriores ao acesso no CPII quanto no próprio CPII, ou quando solicitadas fora do período indicado, com a finalidade de obter notícias da escola, observar se há algum problema escolar relacionado aos seus filhos, saber a respeito do rendimento escolar da criança ou, simplesmente, para saber se houve alguma mudança na proposta pedagógica da escola. Como os colégios anteriores ao CPII eram pequenos, havia uma grande proximidade tanto entre as famílias dos estudantes quanto das famílias para com a direção, coordenação pedagógica e professores. Este fato, inclusive, foi um dos motivos que gerou preocupação nas famílias entrevistadas quando seus filhos ingressaram no CPII, afinal, o *campus* de São Cristóvão II é muito amplo e poderia gerar algum tipo de desconforto nas crianças.

A família 2 nos contou que na escola anterior ao CPII:

Eles faziam reunião de responsáveis com frequência... além da reunião a cada trimestre, a gente recebia um relatório psicopedagógico... a gente tinha três reuniões por ano. Duas reuniões eram mais gerais e uma delas era individual. Essa reunião individual, ela trazia mais o que veio no relatório. (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

Quanto às reuniões no CPII, a família 2 disse que

Assim, eles marcaram apenas uma reunião esse ano (2023) que ocorreu dia de semana, quando eu saio do trabalho as 14h30min, eu consigo ir porque eles marcam no final da tarde e outras duas reuniões foram no sábado porque tem os sábados letivos também (...) e essas reuniões têm uma dinâmica diferente da escola anterior (...) então, essa primeira reunião foi até uma que

aconteceu dia de semana. Foi uma reunião de boas-vindas porque estava todo mundo entrando. (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

A família 3 também nos relatou que as reuniões no colégio anterior, escola municipal, eram trimestrais e as considerava “genéricas”:

É por trimestre, né? Geralmente após as avaliações, a gente ia... eu sempre participei, só que para te falar a verdade, eu acho essas reuniões bem genéricas. Então, eu até preferia porque a gente vai lá para assinar um boletim e coisa e tal. (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

Em relação às reuniões com o CPII, a família 3 nos disse que:

Sim, faz (reuniões)... teve uma no começo do ano e teve uma reunião com o NAPNE¹⁸, que é um setor de inclusão. Mas eu gostei dessa reunião de pais, que deve ter sido lá para agosto, porque foi uma reunião de apresentação dos professores. Então, eu achei isso muito bacana... (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

Já a família 4 disse que não vê motivos para buscar reuniões escolares com o CPII, mas que sempre comparece às reuniões quando solicitada:

Sim, nós costumamos participar das reuniões escolares, sejam elas sábados, letivos ou reuniões para responsáveis. Ou até mesmo quando eles fazem reuniões pedagógicas, em grupo. Ou eu ou o meu marido estamos sempre presentes. Eu acho importante conhecer a escola que eles frequentam, conhecer a proposta pedagógica, conhecer como eles lidam com as dificuldades e com as questões que as crianças vão enfrentar ao longo do ano letivo e ao longo da vida. (Entrevista da família 4, dezembro de 2023).

Sobre o acompanhamento das reuniões no CPII, a família 5 foi a única em que o pai vai às reuniões no lugar da mãe, pois ela é funcionária do colégio e não pode participar, já que as reuniões ocorrem em seu horário de trabalho. Nas outras famílias, ou a mãe ou o pai comparecem às reuniões quando necessário. Todas as famílias entrevistadas disseram fazer parte de

¹⁸ Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas no CPII.

um grupo de mensagens instantâneas no Whatsapp em que recebem o calendário escolar, calendário de provas e demais informações de acordo com a turma da criança.

Esse acompanhamento escolar retratado nas falas das famílias 2 e 3, por exemplo, são importantes para criar laços de relação entre a família e a escola como observam Nogueira, Resende e Viana (2015) quando explicam que dentre as mobilizações familiares feitas para uma escolarização longa e de sucesso está a solicitação de reuniões escolares a fim de acompanhar a vida acadêmica da criança, saber sobre notas e comportamentos, conhecer os professores etc. Tais solicitações podem partir dos pais/responsáveis legais ou da própria escola.

5.2.3. – Apoio dos pais nas atividades escolares

Nas atividades escolares, todas as famílias prestam suporte às crianças quando são solitizadas. Entretanto, a maioria das famílias informou que os filhos não costumam precisar de ajuda para realizar as pesquisas escolares ou responderem aos deveres de casa. Dessa forma, apenas verificam os cadernos, agendas e notas quando comparecem às reuniões ou quando recebem o boletim escolar.

A família 4 nos contou que oferece todo apoio à filha nos afazeres do CPPII, inclusive se dispondo a discutir as questões discursivas com a filha:

A gente sempre esteve disponível para tirar dúvidas e fazer deveres quando eles precisam, mas estimulamos a autonomia, que eles buscassem as suas respostas, que eles estudassem, que eles trouxessem para a discussão quando houvesse a dúvida. Estou sempre disposta, discuto com ela sempre que tem alguma questão. Como são questões discursivas que têm de ser elaboradas, ela gosta de discutir comigo e perguntar o que eu acho e a gente elabora proposições juntas. Então, no geral, quando ela tem uma dúvida é isso... (Entrevista da família 4, dezembro de 2023).

Resende, Nogueira e Nogueira (2011) relatam que existem três variantes no processo de escolha da escola para seus filhos e um deles é a centralidade da criança na família. A partir disso, a família se mobiliza para buscar ajuda interna, entre si, a fim de contribuir para o aprendizado das crianças ou até mesmo ajuda externa ao contexto familiar que pode ser em grupos de religiosos que a família frequenta, recorrer a parentes (tios, tias, avós) para ajudar nas tarefas escolares e, até mesmo, professores particulares.

Na visão das crianças entrevistadas, com exceção da criança da família 5 – que não participou das entrevistas – no quesito trabalhos e deveres de casa, as crianças informaram que os pais os ajudavam com os deveres de casa, pesquisas escolares e organização dos materiais de estudos como mochilas e cadernos.

A importância do apoio dos pais no processo de escolarização dos filhos é um dos apontamentos da literatura sobre o tema. No caso das famílias brasileiras (Resende, Nogueira e Nogueira, 2011; Nogueira, Resende e Viana, 2015), o acompanhamento de perto contribui para uma escolarização de sucesso, uma vez que a família consegue enxergar onde está o problema e, junto da escola, consegue traçar estratégias que possam saná-lo.

Portanto, sobre os cuidados com as crianças, as famílias entrevistadas alegaram que não terceirizam esse cuidado como o uso de babás ou outro tipo de funcionário. São as próprias mães e os próprios pais quem ajudam nos deveres de casa, quem cuidam de tudo relacionado à escolarização da criança. Embora contem com alguma rede de apoio para, eventualmente, levar e buscar os filhos nas unidades escolares, as famílias contam apenas com as pessoas envolvidas em suas unidades familiares mesmo. Assim, para Nogueira (1995), a interferência familiar no desempenho educacional dos filhos é importante e faz com que se fuja do determinismo social, cujas famílias de uma mesma classe social seriam vistas e entendidas como iguais, sem levar em consideração suas estratégias de escolarização, imaginado por Bourdieu (2018) nas décadas de 60 e 70.

5.3. As Estratégias Familiares para Acessar e Permanecer no CPII

A respeito das estratégias das famílias para acessar e permanecer no CPII, analisaremos de acordo com as seguintes categorias: a participação dos pais nas reuniões escolares, o apoio dos pais nas atividades escolares e os investimentos: deslocamento, cursinhos e professores particulares.

5.3.1. Investimento: tempo de deslocamento, acessibilidade escolar e distância geográfica entre residência e escola

Quando motivadas a escolher a melhor escola para seus filhos, dentro das oportunidades que lhes cabem, as famílias tendem a fazer alguns investimentos levando em conta o tempo de deslocamento e a distância entre a residência e a unidade de ensino (Alves, 2010; Piotto, 2006).

Assim sendo, como forma de investimento na escolarização das crianças, as famílias afirmaram investir em transporte escolar privado para acessar o CPII, embora a maioria tenha veículo automotivo próprio, as crianças vão às escolas de transporte privado. O transporte privado é utilizado pelos pais porque eles precisam trabalhar e não há rede de apoio que possa levar as crianças ao CPII. Então, a saída encontrada foi o uso de transporte escolar privado. Todavia, a família 3 se utiliza de carona, na maioria das vezes, para a criança ir e voltar do CPII. Quando a família 3 não consegue a carona para a criança voltar a Maricá, ela volta de ônibus intermunicipal com a avó ou de carro com a mãe, quando a mãe está em Niterói, trabalhando, e consegue buscar o filho no CPII.

Já em relação à distância entre a residência e a unidade do CPII de São Cristóvão II, a única família que, de fato, mora longe é a família 3, cuja residência fica em Maricá, Região dos Lagos no Rio de Janeiro. Logo, a relação entre o tempo de deslocamento e a distância são fatores que cansam a família, mas que jamais a fariam desistir. Então, a mãe afirma que:

Só que eu vejo a cada dia como vale o meu esforço, né? (O filho) acorda quatro e quarenta da manhã, só acorda, escova os dentes, penteia os cabelos, bota a roupa e vai. Ainda bem que ele se arruma rápido. (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

A família 2 afirma que, por causa do transporte escolar, o filho precisa sair de casa às 6h e leva até 1h para chegar à unidade de São Cristóvão II do CPII, mas que, se fosse de carro, levaria em torno de vinte minutos para deixá-lo no CPII.

O transporte pega ele aqui. Ele leva quase uma hora para chegar lá, mas se, por exemplo, se eu precisasse ir lá agora eu levaria uns vinte minutos. (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

As outras famílias (4, 5 e 6) também fazem uso de transporte escolar. A única família que não possui carro próprio é a família 6 e entre levar a criança à escola por meio de ônibus, preferiram investir em transporte escolar privado:

A gente paga (transporte) ida e volta, porque é mais fácil porque a gente não tem carro, então seria... e ônibus para lá a gente mora muito perto... para voltar de lá para cá é fácil, mas daqui para lá é muito fora de mão. Tem que andar um bocado para pegar o ônibus para parar sei lá onde... teria de ir até o Maracanã... para ser sincera, eu nem pesquisei muito. (Entrevista da família 6, dezembro de 2023).

Vale ressaltar que, embora Alves (2010), nas entrevistas com as famílias em sua pesquisa, tenha identificado que a distância geográfica entre residência e a escola seja um fator preponderante, a maioria das famílias prefere que a escola seja perto de casa, isso não foi constatado por nós na entrevista da família 3, pois, para ela, mesmo o CPII sendo longe (aproximadamente 60km¹⁹) ainda vale à pena todo esse esforço, afinal, o filho está matriculado em um colégio público de excelência em ensino.

Piotto (2006) também em sua pesquisa traz a questão da

¹⁹ De acordo com o sítio google.maps da Google.com.

acessibilidade escolar, porque as famílias de seu estudo alegaram que quanto mais fácil é a acessibilidade à unidade escolar, mais elas tendem a não matricular o filho lá, uma vez que preferem um público mais homogêneo e uma vasta acessibilidade escolar poderia trazer perfis diferentes da homogeneidade pretendida pelas famílias de Piotto. Em nosso estudo, as nossas famílias não seguem esse pensamento, uma vez que a unidade de São Cristóvão do CPII possui uma rica acessibilidade escolar porque pode ser acessada tanto por meio de transporte público (trem, ônibus e metrô) quanto por transporte privado, método escolhido pela maioria das famílias entrevistadas por nós (famílias 2, 4, 5 e 6).

5.3.2. A Importância do Capital Informacional

Alves (2010) relata que entre as estratégias utilizadas pelas famílias para a escolha das escolas está o capital informacional, uma rede de contatos que pode oferecer informações sobre a qualidade dos estabelecimentos de ensino. Essa rede de contatos pode ser familiar, pode ser construída com amigos e até mesmo as redes sociais dos estabelecimentos de ensino na internet. Dessa forma, a motivação das famílias entrevistadas para escolherem o CPII como estabelecimento de ensino para seus filhos se deveu por já conhecerem o colégio através da estratégia da obtenção de capital informacional.

Quando Bourdieu (2018), define o Capital Social, observamos que todo o capital informacional utilizado pelas famílias, tanto as estudadas por nós quanto as estudadas pelos autores que norteiam nosso referencial teórico, vem imbutido nesse conceito, uma vez que esse tipo de capital tem como base a rede de relacionamentos, contatos e conexões sociais que uma pessoa possui, conforme mencionado no capítulo 2 desta dissertação. Ainda de acordo com Bourdieu (2018), esse capital social pode ajudar o indivíduo a conseguir um emprego, por exemplo, a partir de sua rede de contatos. Logo, o que as famílias entrevistadas para esta pesquisa nos mostraram foi um grande capital informacional advindo de seus capitais sociais. Para além

disso, é importante destacar que o Capital Social está atrelado ao Capital Cultural que as famílias possuem, já que quanto mais alto é o nível educacional, o nível cultural e os conhecimentos que o indivíduo possui, maior é o Capital Social dele. Por conseguinte, maiores oportunidades serão possíveis para esses indivíduos cujo Capital Cultural é elevado.

Por meio do perfil socioeconômico das famílias apresentado no início deste capítulo, podemos observar que tanto o Capital Cultural quanto o Capital Social delas são elevados, posto que todas as famílias já o conheciam seja porque o irmão estudou lá (Família 2), seja porque a avó da criança foi aluna do CPIO (Família 5), seja porque a mãe já trabalhava no CPIO (Família 5). Logo, essas famílias em específico não precisaram buscar muitas informações sobre o CPIO nas redes sociais da internet ou nas redes de contatos existente entre amigos e outros pais das outras crianças que estudassem com seus filhos, pois o capital informacional estava dentro da própria casa. Isso nos mostra como a posse de um capital informacional ajuda no processo de escolha da escola. Por outro lado, as famílias 3, 4, e 6 fizeram uso de rede de contatos a fim de conhecer mais o CPIO.

Entretanto, cada família trouxe pontos diferentes do porquê e de como planejaram a entrada de seus filhos no CPIO, conforme diz Van-Zanten (1988) ao dizer que cada família dispõe de estratégias distintas para escolher a escola de suas crianças Então, observemos a fala da família 2:

Sou uma apaixonada pela escola pública. Hoje, em dia, eu não me vejo fazendo outra coisa que não seja estar na escola pública. Então, por isso, que o Pedro II foi tão importante dentro do nosso processo. Eu acho que eu escolhi o Pedro II para o meu filho quando ele nasceu... eu já tinha esse plano de ele ir para uma escola pública de excelência. Infelizmente, na rede municipal de educação, onde eu trabalho... a gente não consegue atingir esses níveis de excelência que a gente consegue encontrar nas escolas federais devido a toda uma questão estrutural... (...) Eu comecei a olhar para o Pedro II e conhecer o Pedro II com o meu irmão, porque eu acompanhava a vida escolar dele. Eu comecei a ver a atuação do Pedro II nos aspectos formativos do meu irmão e eu comecei a conhecer os amigos do meu irmão e eu comecei a ouvir as conversas comecei a ver o quanto aquela escola atuava na formação daquelas pessoas. Eu via as possibilidades acadêmicas que meu irmão teve, a base que se deu mas eu via principalmente

esses aspectos formativos e achava muito interessante.
(Entrevista da família 2, novembro de 2023).

Como a própria mãe relata, como entusiasta de escola pública ter o sonho do filho estudando no CPII, ela fez o planejamento desde que a criança nasceu, por já conhecer a realidade do ensino do CPII através do irmão, o qual estudou o Ensino Médio no CPII. A partir de então a família se mobilizou de modo a conseguir o acesso ao CPII para seu filho.

Conforme mencionado anteriormente, a família 2 optou por uma escola construtivista na Educação Infantil e primeiro segmento do ensino fundamental, a qual foi considerada “fraca” por outros membros da família, e isso se tornou uma preocupação quando a criança foi inscrita nos processos seletivos para colégios federais e para o CPII.

Mas quando chegou nesse momento da prova, eu fiquei um pouco preocupada com a escolha que eu fiz anteriormente, porque ele seria cobrado de coisas de uma maneira que ele não estava habituado, por exemplo, a questão do cartão resposta (...) ele não tinha essa experiência com esse tipo de prova para a competição, mas a gente resolveu deixar isso bem leve e conversar com ele... entender... eu acho que para ele era claro que era um sonho meu... (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

Enquanto a mãe da família 2 tinha o sonho de ter seu filho matriculado no CPII, a motivação da criança para estudar no CPII era outra:

Eu comecei a estudar para fazer a prova por causa que eu queria muito estudar no colégio de um amigo meu. Aí eu fui fazer todas as provas do Pedro II e eu estudei para a prova e tipo... me senti tranquilo... (Entrevista da criança da família 2, novembro de 2023).

A motivação da criança era estar no mesmo colégio que seu amigo estudava. Afinal de contas, essa mesma criança relatou que gostava de seu colégio anterior (ao CPII), mas que passou a desgostar porque:

No começo era muito bom... até mais ou menos lá no quarto ano. No quarto ano, eu comecei a... sei lá... parecia que eu não gostava de lá. Parecia que eu não gostava do

que tinha lá. Eu não gostava. Não me sentia muito bem lá, mas no quarto ano ainda estava tranquilo. Era muito difícil por causa que eu não entendia muito bem as coisas, aí, tipo, eu não conseguia fazer o trabalho. Só que aí, tipo, eu não conseguia fazer o trabalho por causa que eu não tinha entendido direito e a professora falava que eu não tinha entendido por causa que eu tava brincando, só que não, eu estava tentando prestar atenção. (Entrevista da criança da família 2, novembro de 2023).

Já a família 3 afirmou que a escolha do CII se deu por uma conjugação de fatores para além da fama do colégio. A família precisou pensar na questão central da vida de *Adriano*: a inclusão social, já que a criança possui o laudo de TEA nível 1 e de altas habilidades. Por isso, a mãe afirmou que

...quando a gente pensou no Pedro II foi isso, foi uma escola que desse essa bagagem (conteudista), e que também desse conta da questão inclusiva do *Adriano*. Aí eu dei uma pesquisada porque (...) tem muitas escolas particulares que são consideradas conteudistas como o Pedro II, que vão atender bem, como já me falaram... eu sei que tem escolas que, por exemplo, são caríssimas, mas ele faz uma prova... ele consegue uma bolsa, vê que ele é um bom aluno e dá um bom desconto para ele, tudo isso, eu sei, só que a parte da inclusão dele (...) então eu precisava de uma escola que fosse conteudista e entendesse essa demanda do *Adriano*... (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

Na visão da criança da família 3, a saída da escola anterior (rede privada) – mesmo gostando do tipo de ensino – e o ingresso no CII foi muito bem-vinda, já que a criança sofria *bullying* no colégio anterior:

Assim eu achava o ensino da escola bom porque eu aprendi bastante coisa, não lembro o que, mas aprendi bastante coisa.

Eu não gostava muito dela (do colégio privado de grande rede de ensino) não porque eu sofria bastante, eu sofri bastante bullying. Furtaram 1 milhão de materiais meus. Nunca soube o porquê (do bullying). Eu só gostava dos professores, dos funcionários da escola. (Entrevista da criança da família 3, novembro de 2023).

Em virtude dessa conjugação de fatores e o *bullying* sofrido pelo filho (tanto na rede privada de ensino quanto na rede pública municipal), a mãe

da família 3 acionou sua rede de contatos por meio de conversas com familiares e amigos e encontrou algumas pessoas que estudaram no CPII e conversou com elas. Assim, durante essas conversas, ela constatou que o CPII seria a melhor escolha para seu filho, pois as opiniões sobre o CPII eram sempre as melhores possíveis, sempre em torno de ser um colégio de excelência e por haver o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE). Além disso, o CPII é conteudista e era disso que ela também precisava para seu filho, pois, por ter altas habilidades, a criança se entedia com facilidade, já num colégio conteudista esse tédio não ocorre, porque ele fica concentrado em resolver os exercícios das matérias. Logo, a mãe da família 3 justifica não haver colocado o filho em uma escola construtivista e ter optado, de fato, por uma escola conteudista como o colégio de uma grande rede privada quando diz que

... Não digo nem de questão só de bagagem porque ele poderia fazer cursinho por fora, mas eu digo que ele iria ficar entediado e aí o entediado dá uma crise.
(Entrevista da família 3, novembro de 2023).

O Napne “é o núcleo responsável pela preparação da instituição para receber as pessoas com necessidades específicas. Além do atendimento aos educandos com necessidades específicas no que diz respeito ao ingresso e permanência na instituição e saída com sucesso para o mundo do trabalho” (CPII, www.cp2.g12.br, 2019)²⁰. Ademais é de responsabilidade do Napne:

- Oferecer suporte educacional e atendimento pedagógico especializado aos estudantes com necessidades educacionais propiciando sua inclusão nos espaços e atividades do Colégio Pedro II, favorecendo seu acesso ao conhecimento e buscando desenvolver suas competências e habilidades;
- Investigar as possíveis causas das dificuldades apresentadas pelos estudantes encaminhando-os para os atendimentos específicos que necessita;
- Assegurar a permanência e a efetiva inclusão dos estudantes com necessidades específicas estabelecendo e disponibilizando os meios e estratégias mais adequados de atendimento, avaliação e tecnologias assistivas que

²⁰ Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/using-joomla/extensions/components/content-component/article-categories/9151-napne.html>. Acesso em: 05 mar 2024.

promovam seu desenvolvimento global, independência e a construção de sua autonomia;

- Identificar, elaborar e organizar os recursos de acessibilidade física, de comunicação, de tecnologias assistivas e didático-pedagógicos, considerando as necessidades específicas de cada estudante acompanhado pelo NAPNE;
- Integrar a proposta pedagógica da escola, assegurando suporte técnico e pedagógico aos professores e funcionários que atuam com os estudantes com necessidades especiais / específicas.
- Informar a comunidade escolar acerca da legislação e sobre as características gerais de pessoas com deficiência, transtornos que afetam a aprendizagem e/ou comportamento, inclusão escolar e acessibilidade física, na comunicação e informação, difundindo no Campus a cultura da inclusão;
- Envolver a participação da família e buscar parceria com os profissionais que atendem aos estudantes com necessidades específicas;
- Subsidiar a equipe técnico-pedagógica em relação ao atendimento e orientação às famílias dos estudantes com necessidades específicas;
- Participar dos Conselhos de Classe para compartilhar e avaliar com os demais membros da equipe o trabalho desenvolvido pelo NAPNE, e para ponderar sobre possíveis encaminhamentos de outros estudantes com dificuldades na aprendizagem e/ou relacionamento;
- Participar das reuniões de planejamento sempre que houver uma demanda dos professores ou por demanda do processo de trabalho desenvolvido pelo NAPNE. (CPII, www.cp2.g12.br, 2019).

Após avaliar todos esses fatores, a família 3 – que mora em Maricá – optou, então, por inscrever *Adriano* no concurso de acesso ao CPII nas vagas reservadas para estudantes com deficiência, já que o edital mais recente (2023/2024) prevê como Pessoas com Deficiências (PcD) aquelas que tenham “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas” (Edital nº 19/2023, p. 3). A mãe da família 3 ainda complementa sua fala explicando que, depois de avaliar todos esses aspectos apresentados acima (colégio conteudista e inclusivo por meio do Napne), o esforço de manter o filho no *campus* de São Cristóvão II enquanto moram um município distante do CPII vale muito à pena.

A família 4 afirmou que já possuía conhecimento sobre o Colégio Pedro

II e que resolveu escolhê-lo por todo o trabalho pedagógico e de formação que o colégio oferece, pois sabiam que nenhum outro estabelecimento de ensino privado conseguiria ter uma performance de excelência quanto o CPII. Vejamos:

A escolha do Colégio Pedro II se deu pela possibilidade de ter um ensino que vai muito além dos livros, uma formação, uma chance de oferta de atividades, recursos pedagógicos, palestras, discussões, oficinas, coisas que os colégios particulares de ponta, de alta performance não ofereceriam. Um trabalho mais voltado na formação integral do que meramente em ser um número num concurso. Além da questão financeira de economia, mas que não é determinante... a proposta de ter essa opção de formação, dentro de uma rede pública é muito atrativo e traz um mundo mais amplo do que o colégio particular poderia oferecer. (Entrevista da família 4, dezembro de 2023).

Observamos, dessa forma, que a família 4 prioriza a formação ampla ao invés de uma formação meramente conteudista e que apenas capacitasse sua filha para um concurso público de seleção. Assim, a família planejou uma formação acadêmica voltada à formação integral da filha.

A motivação para escolher o CPII foi essa possibilidade dela ter acesso a conhecimentos além de sala de aula, discussões além da sala de aula, debates sociais muito importantes, vivências sociais muito importantes, uma proposta pedagógica que eu acredito ser importante para ela. (Entrevista da família 4, dezembro de 2023).

Para a criança da família 4, a motivação da família para a escolha do CPII foi porque a mãe “adora esse colégio” e a criança confessa que ficou nervosa ao saber que participaria do concurso de seleção:

Eu já conheci o Colégio Pedro II. A minha mãe adora esse colégio. Aí ela sempre falava. Assim, eu fiquei meio nervosa no início. Mas depois eu fiquei tranquila. No início, quando eu fui entrar no processo seletivo. (Entrevista da criança da família 4, dezembro de 2023).

A família 5, conseguiu acesso ao CPII através do sorteio público de vagas

para o Ensino Fundamental I na terceira tentativa de acesso, pois nos dois anos anteriores não obtiveram sucesso no sorteio de vagas públicas. Como motivações de escolha do CPII, a família 5 teve como fator principal a avó materna da criança já ter estudado o ensino médio no CPII, na unidade Centro. Isso fez com que a família já tivesse referência anterior da excelência escolar desse colégio. Além disso, a mãe da criança é funcionária do CPII. Logo, ela conhece toda a proposta pedagógica oferecida pelo colégio. Foi interessante perceber na fala da mãe da família 5 que ela não tinha dimensão do tamanho e da fama do CPII. Ela nos disse que só conseguiu compreender essa dimensão quando passou no concurso público para professores do CPII e começou a trabalhar lá. Dessa forma, ela teve uma consciência real de porque tantas famílias buscavam o CPII para seus filhos.

Conheci da minha mãe falar que ela estudou no Pedro II do Centro. (...) Eu sabia antes (das formas de acesso ao quadro discente do CPII) pouco, eu não me enteirava, não tinha filhos e ainda não me chamava a atenção a questão do Pedro II. Para falar a verdade, depois que eu entrei lá é que eu tive consciência do tamanho do Pedro II, do prestígio que o Pedro II tem... eu não tinha essa dimensão até trabalhar lá... quando eu entrei foi que eu fui vendo que o Pedro II era muito maior, eu pensava que era um colégio antigo... era um colégio de nome porque está há muito tempo, mas, assim, eu não tinha noção do tanto de coisas que ele oferecia e da importância dele na educação do Brasil. (Entrevista da família 5, fevereiro de 2024).

Por conhecer o CPII por dentro, a mãe da família 5 passou a cogitar a possibilidade do CPII caso tivesse um filho, porque, segundo ela:

Depois que eu entrei para lá, eu já comecei a admirar muito o trabalho... então, eu já pensava, ‘ah se eu tiver um filho...’ a ponto de eu achar que seria melhor ele estar lá do que na escola particular tida também como uma das melhores do Rio de Janeiro. (Entrevista da família 5, fevereiro de 2024).

A centralidade da criança na família 5 é tamanha que a mãe afirmou que se o filho fosse alocado na unidade do CPII em Realengo, ela pediria

transferência para essa unidade só para ficar mais perto de onde o filho estuda.

Nas outras famílias, percebemos movimentos muito parecidos, mas o que nos chamou a atenção foi o cuidado que a família 5 apresenta para com a criança. Ao mesmo tempo que eles o protegem e a mãe admite que vivem em uma bolha, a mãe também deseja e considera ser importante que o filho conviva com pessoas de diferentes classes sociais, pois, segundo ela, o mundo não é uma bolha e o filho não vai encontrar pela frente pessoas somente da classe social dele. Logo, é necessário que ele conviva com as diferentes classes sociais e entenda que o mundo é assim, diverso.

Ele tem uma família que fica muito centrada nele, ele tem acesso às melhores coisas, mas eu acho importantíssimo que ele entenda que o mundo não é esse, que existem outras realidades, que aprenda a conviver com isso e que ele se desenvolva respeitando essas realidades. Eu acho importantíssimo ouvir as falas dessas crianças, que ele compreenda que existem outras realidades... e eu acho que a escola é o melhor lugar para começar a mostrar isso para ele. (Entrevista da família 5, fevereiro de 2024).

A família 6 tomou conhecimento do CPEI através de amigos que lá estudaram e que tiveram uma excelente formação. A mãe da família 6 ainda relata que amigos próximos que tinham filhos mais velhos estavam tentando o processo seletivo para o corpo docente por meio do sorteio público de vagas para acesso ao CPEI. Mais uma vez, o capital informacional relatado por Alves (2010) se fez presente em nosso estudo. Dessa forma, a família 6 resolveu tentar o sorteio público de vagas para acesso ao Ensino Fundamental I:

Alguns vários amigos nossos que têm filhos mais velhos foram botando no sorteio também. Dos amigos, eu acho que só uma...um... ou dois amigos que tiveram seus filhos sorteados para o Pedro II, dos mais velhos. (...) Então, a gente tinha essa referência de que precisamos tentar, mas a chance de a gente conseguir é muito pequena. (Entrevista da família 6, dezembro de 2023).

Após realizar a inscrição da criança no sorteio público de vagas, a família

6 perdeu as esperanças da filha ser chamada porque a menina ficou na lista de espera. Com isso, a família precisou matricular a criança em outra escola, enquanto seguia na dúvida se a filha conseguiria a vaga no CPII ou não.

Quando perguntamos se eles tentariam o sorteio público de vagas novamente, caso a filha não tivesse conseguido a vaga em 2023, a resposta foi:

A gente achava que ela não ia entrar porque ela ficou na lista de espera. (...) Olha, no quinto ano sim, isso a gente já vinha conversando... vamos deixá-la no Olga (Mitá), chegando no quinto ano, ela faz a prova... (Entrevista da família 6, dezembro de 2023).

Ou seja, se a filha não tivesse conseguido a vaga no sorteio para o acesso ao primeiro segmento do ensino fundamental em 2023, a família 6 não participaria dos próximos sorteios, apenas tentaria o acesso ao CPII quando a criança estivesse no quinto ano. Assim, faria o processo seletivo por meio do concurso de acesso ao 6º do Ensino Fundamental II constituído por provas de Língua Portuguesa, Matemática e Redação.

Por fim, mas não menos importante, foi interessante observar que, no geral, as famílias não pensam em trocar o CPII por qualquer outro colégio de excelência privado. Entretanto, a mãe da família 5 afirmou que caso não haja a adequada adaptação da criança no CPII, a mudança de colégio pode ser uma questão a vir a ser analisada e considerada.

As entrevistas com as mães das crianças mostram o valor que o CPII tem no imaginário dessas famílias. Chama a atenção a família 3, que mora em Maricá e o filho tem o diagnóstico de TEA e altas habilidades. Na visão dessa família, frequentar o CPII, para essa criança, parece ser uma experiência diferenciada para a formação dela. Daí o alto investimento – sobretudo em deslocamento – que a família faz. As falas também nos mostram que o capital informacional dessas famílias é alto, pois todas relataram já conhecer, por intermédio de suas redes sociais, a fama de excelência do colégio.

5.3.3. Investimento financeiro e recursos para preparação dos filhos

Com as entrevistas, outra estratégia mapeada foi o investimento em cursinho ou professores particulares a fim de preparar as crinaças para as provas do CPII. Esse é mais um tipo de investimento financeiro que também é uma estratégia de escolha de escola, conforme nos dizem Nogueira, Resende e Viana (2015).

Para que tivesse sucesso no concurso público de seleção de estudantes para o 6º ano do Ensino Fundamental II, a criança da família 4 concorreu às vagas na modalidade de ampla concorrência, a família não investiu em professores particulares ou cursos preparatórios. Pelo contrário, a família preferiu o método de resolução de provas em casa, forma parecida com o que a família 2 decidiu fazer.

Ela participou do processo seletivo. E para que ela participasse do processo seletivo, não tivemos nenhum investimento de professor, nada, mas o investimento que a gente fez foi muita impressão de provas para que ela pudesse resolver em casa. Ela estudou através da resolução de provas, semanalmente, para que ela conseguisse se desenvolver, conseguisse criar o hábito de resolver as questões, e ela estudava em casa, conosco, comigo, para a prova. Toda semana ela fazia algumas provas, fazia redações, e assim ela foi, nos seis meses que antecederam a prova. As estratégias para a preparação para o concurso foram realização de provas em casa, redação em casa. A própria escola que ela estudava, já trabalhava muito em redação, então foi uma iniciativa de estudo mesmo dentro de casa, impressão de provas, resolução de provas em casa, provas anteriores em casa. (Entrevista da família 4, dezembro de 2023).

A criança da família 4 afirmou que não sentiu “nenhuma dificuldade fazendo a prova.” (Entrevista da criança da família 4, dezembro de 2023). Aliás, em relação à preparação para as provas do CPII, a criança da família 4 também nos afirmou que:

Eu não fiz nenhum preparatório para concorrer às vagas.

Como eu não fiz preparatório, eu me preparei em casa. Tipo, estudando, revisando a matéria, que ia cair, refazendo provas antigas... Essas coisas. (Entrevista da criança da família 4, dezembro de 2023).

Ou seja, a preparação foi em casa refazendo as provas anteriores a fim de conhecer como os conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática foram cobrados anteriormente e não errar no momento da prova com a ajuda da mãe, significando, assim, um investimento familiar na vida acadêmica dessa criança. Na verdade, as outras duas crianças das famílias 2 e 3 também refizeram as provas anteriores com o mesmo intuito da criança da família 4. A respeito da família 4, é importante ressaltar que a mãe ajudava a criança nos estudos para o concurso de seleção do CPII. Essa mãe é funcionária pública estatutária (plantonista da área da saúde) e trabalha em 3 (três) locais diferentes. Logo, podemos observar como a educação é uma prioridade para a família. Ainda que trabalhe em três lugares diferentes, a mãe se senta e estuda com a criança.

Pensando na possibilidade do concurso por meio de provas para o acesso ao 6º ano, a mãe da família 6 disse que não havia expectativa, que o colégio anterior preparasse a criança para as provas do CPII, por isso, como a criança já fazia Kumon²¹ em Matemática, a família permaneceria com esse método de estudos para Matemática e “a gente vai cobrindo Português aqui e tal e vê História...” (Entrevista da família 6, dezembro de 2023). Isso significa dizer que a família não pretendia tentar o sorteio novamente caso a criança não conseguisse vaga de acesso via sorteio público em 2023 e apenas investiria em uma nova tentativa alguns anos depois, no acesso ao 6º ano por processo de seleção.

Quando já não havia tanta esperança:

Ela ficou em 15º da lista de espera, inclusive foi sorteada em um momento cravado em que eu falava ‘agora eu já nem quero mais’. Eu falei ‘agora vai ficar aquela angústia que você tem o número sorteado, mas não sabe o seu dia de amanhã (...) e aí apareceu o número dela (no e-mail)... mas é um e-mail qualquer coisa porque a gente

²¹ Kumon: metodologia que visa incentivar a autonomia das crianças nos estudos, com planejamento de aprendizagem individualizado. Unidades em todos os Estados brasileiros. Disponível em: <https://www.kumon.com.br/home/>.

não sabia o que aquilo significava. E aí a gente tratou o tempo inteiro como se ela não fosse ser chamada até porque a experiência dos anos anteriores... meu marido tinha apurado (...) e o máximo que tinham chamado eram sete... nove.... (Entrevista da família 6, dezembro de 2023).

Portanto, após perderem as expectativas de a filha conseguir uma vaga no 2º ano do Ensino Fundamental I do CPII, o número da filha foi chamado e eles decidiram realizar a matrícula no CPII, dentro de um curto espaço de tempo disponibilizado pelo CPII. Como a própria família relatou, sorte que eles possuem uma condição socioeconômica boa porque os gastos foram altos dentro desse curto espaço de tempo, afinal de contas, a mãe disse que o uniforme do CPII não é barato, chegando a custar em torno de mil reais.

Já a família 2, para resolver essa preocupação em relação às provas de concurso que a criança realizaria, resolveu contratar dois professores particulares, um de Língua Portuguesa e outro de Matemática, cujo objetivo era a feitura de provas anteriores visando ao preparo da criança para as provas. Esses encontros eram semanais e focados nas provas anteriores do CPII. A mãe disse que fizeram a opção de não matriculá-lo em um curso preparatório para concursos porque entendiam que o filho já possuía base escolar suficiente, no 5º ano do Ensino Fundamental I, e que só precisava entender como funcionavam as dinâmicas das provas do concurso de seleção, por isso, o tempo de preparação até a prova foi em torno de cinco meses. Essa estratégia utilizada pela família 2 vai ao encontro do que preconizam Glasman (2011) e Martins (2019) ao mapearem que algumas famílias de classe média brasileiras investem em aulas particulares, tutores e apoios pedagógicos ou psicopedagógicos.

Como forma de inscrição, *Henrique* concorreu às vagas destinadas à ampla concorrência.

As provas começaram a partir de novembro. Ele começou o processo... acho que em maio... final de maio, início de junho e ele tinha uma hora por semana para estudar... 1h com a professora de português e 1h com o professor de matemática e ele focou em fazer as provas e fez todas as provas, de todos os anos (anteriores)... (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

Por fim, a criança da família 3 não precisou recorrer aos cursos preparatórios ou a professores particulares para a preparação para a prova do concurso de seleção do CPII, até porque a mãe se preocupava demais com o fato de o menino se entender com as aulas – devido as suas altas habilidades – e isso desencadear uma crise, já que o menino é autista. Dessa forma, apenas refez as provas anteriores que a mãe *baixou* da internet.

Para as crianças, dentre os estudantes que fizeram as provas de Língua Portuguesa, Matemática e Redação, observamos que a percepção deles em relação à prova foi de que ela era fácil, pois não enfrentaram dificuldades para resolver as questões. A mãe da família 2, inclusive, nos contou que a criança quase gabaritou as provas de Língua Portuguesa e Matemática.

Se for comparar com as provas que eu tinha feito dos outros colégios, ela foi a mais fácil de todos. Não era aquela prova assim ‘ah, tava muito ‘fácil’...’estava muito fácil não sei o que’... mas ela foi a mais fácil sim. (Entrevista da criança da família 2, novembro de 2023).

Já a criança da família 3 apenas afirmou que:

Para mim não foi difícil não. Eu achei fácil. (Entrevista da criança da família 3, novembro de 2023).

Sobre as sensações que sentiram ao saber que fariam o processo seletivo para o CPII, as respostas foram bem diferentes. A criança da família 2 disse que:

Eu me senti normal... um pouco feliz. (Entrevista da criança da família 2, novembro de 2023).

Ele foi a única criança que nos contou como se sentiu no dia anterior à prova:

Me senti tranquilo no dia da prova, mas um dia antes da prova, três dias antes da prova, uma semana antes da prova, fiquei um pouquinho nervoso que está chegando e se eu for mal eu não vou conseguir estudar na escola que eu quero... (Entrevista da criança da família 2,

novembro de 2023).

O nervosismo que ele nos relatou foi mais pelo fato de pensar na possibilidade de ir mal e não conseguir passar para a escola que queria e cujo amigo estuda do que necessariamente por medo de não saber os conteúdos necessários para a aprovação.

Após as entrevistas, mapeamentos de dados e sintetização, percebemos que as mães das famílias entrevistadas criaram expectativas sobre as trajetórias escolares de seus filhos depois de todo investimentos e mobilização feitos para que eles estivessem como estudantes do CPII.

Sendo assim, observamos que, com relação à trajetória escolar do filho após o CPII, a mãe da família 2 nos respondeu que não consegue pensar nisso de forma detalhada porque:

Detalhadamente, não, porque eu sempre penso assim que ele ainda tem uma longa trajetória e eu vejo o *Henrique* em um processo de mudança muito grande. Essa entrada dele aí na pré-adolescência já trouxe mudanças assim muito significativas e que a sensação que eu tenho é que eu não faço a menor ideia de quem ele vai ser daqui a três meses...então, assim... o que a gente quer enquanto pai, enquanto mãe, é que ele possa prestar um ENEM²² tranquilamente... a gente pensa nisso e que ele esteja preparado para a vida... que ele seja uma pessoa que saiba solucionar os problemas... se deparar com os problemas e solucionar... não adianta a gente pensar... e não dizer que... a gente não pensa na educação voltada para o mercado de trabalho, porque ele vai ter que entrar no mercado de trabalho (...) aí é o momento que eu penso na educação formativa que vai atuar ali em todos os âmbitos do processo educacional e não só de ele saber os conteúdos... só de ele saber as respostas na ponta da língua. Então... eu acho que o Pedro II é uma escola que trabalha muito dentro desse sentido, tanto que eles oferecem muita coisa para as crianças, além de aulas de conteúdo do currículo do que está ali no currículo... Então, a ideia é essa... é que ele possa no futuro ter maturidade para escolher os caminhos dele... que possa

²² Exame Nacional do Ensino Médio – Vestibular de acesso às universidades públicas e privadas, por meio do SISU (Sistema Único de Acesso). O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é um sistema eletrônico gerido pelo MEC para as vagas ofertadas por instituições públicas de ensino superior de todo o Brasil. O sistema executa a seleção dos estudantes com base na média da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) até o limite da oferta das vagas, por curso e modalidade de concorrência, de acordo com as escolhas dos candidatos inscritos e perfil socioeconômico para Lei de Cotas. Disponível em: <https://acessounico.mec.gov.br/sisu>. Acesso em: 08 mar 2024.

fazer isso... ter essa formação adequada para que ele possa fazer as escolhas dele no futuro. (Entrevista da família 2, novembro de 2023).

Isso nos mostra a preocupação que a mãe da família 2 tem em relação ao futuro do filho, não querendo interferir nas escolhas da criança, mas desejando que ele possa amadurecer e se dar conta de qual é o melhor caminho a seguir a fim de que tenha sucesso em sua trajetória.

A família 3 nos disse que tem como expectativas para o futuro da criança após o CPII:

Eu espero que ele fique no Pedro II até o terceiro ano do Ensino Médio e saia dali direto para a universidade (...) Eu não sei, porque o *Adriano* é da Matemática. Eu não acho que não é nem que eu queria... mas eu acho que o que ele vai acabar se entrosando... é alguma coisa de exatas... vai puxar para esse lado. (Entrevista da família 3, novembro de 2023).

O desejo da mãe da família 3 fala tanto sobre a trajetória dos pais quanto ao que ela almejou para o filho após tanta luta nas escolas anteriores. A mãe da família 3 nos contou que é de família muito humilde e que determinadas conquistas da família são muito significativas. Logo, o filho estar no CPII é motivo de muito orgulho. Além disso, a mãe da família 3 nos disse que não acreditou no resultado quando viu e que ligou para sua mãe – em Goiás – chorando de alegria pela vaga conquistada. Dessa forma, ela quer que o filho permaneça no CPII e faz toda uma mobilização para que ele consiga frequentar as aulas e tenha um excelente desempenho acadêmico.

Já a família 4 nos relatou que:

Após a saída dela da escola, a gente espera que ela tenha tido uma formação bem crítica, que ela possa ingressar numa universidade pública, dentro da área do seu interesse. Que ela possa vivenciar dentro da formação dela várias experiências de conhecer as profissões, de experimentar espaços que possam ajudá-la a decidir seus interesses. Então, eu espero que a formação dela no CPII traga para ela, ao final, uma boa escolha profissional. (Entrevista da criança da família 4, dezembro de 2023).

É interessante observar que tanto a família 2, quanto a família 4, citaram

a formação fornecida pelo CPII como meio para que consigam escolher os melhores caminhos acadêmicos e/ou profissionais.

A família 5 nos respondeu dizendo que a expectativa para o futuro do filho após o CPII também é uma incógnita, ainda que acredite que o filho vá seguir uma trajetória de sucesso no colégio.

... o meu sonho é que ele fique lá até o Ensino Médio... que ele participe desses programas que dão bolsas para as crianças... tipo bolsas de incentivo à Ciência, bolsa de Olimpíadas Matemáticas, em alguma área dessas que ele viaje...se dá para falar de sonho, de perspectiva, eu queria que ele embarcasse nesses centros de estudos, quando tem aula de robótica (...) Eu queria... mas eu sei que o Pedro II, como a maioria das escolas, não falando exclusivamente do Pedro II, isso acontece em muitas escolas, o ensino fundamental é uma coisa e quando chega no Ensino Fundamental II já vira outra escola, no Ensino Médio vira outra escola e eu tenho consciência de que (o CPII) é uma escola muito grande, que tem todo o tipo de educação familiar e que eu vou ver também como é a responsabilidade dele crescendo dentro da escola, porque tanto ele pode ir por esse caminho que eu tanto quero como ele pode descambar para a doideira e só fazer e aí é o que faz ele não ficar no Ensino Médio. Ele é pequeno ainda, mas sei lá...acho que não vai ser muito a dele, não... (Entrevista da família 5, fevereiro de 2024).

A família 6 considera que, no momento, a expectativa de futuro após a criança sair do CPII é:

Uma caixinha de surpresa. Primeiro por ela entender um pouco qual que vai ser a onda dela. Ela é bem artista. Eu sei que falar disso de criança parece uma coisa meio chover no molhado (...) ela é muito talentosa e engajada e passa horas criando coisas. Ela desenha bem para caceta e monta coisas, pega muito lixo, monta muito Lego... é... ela é muito do visual. Então, assim, eu não sei qual vai ser a onda dela. Se ela vai ser uma pessoa que vai para esse lado (do desenho), se vai ser uma pessoa que vai ousar ser mais estudiosa/rigorosa para conseguir coisas que são mais difíceis. Eu não consigo vê-la hoje, mas sei lá se você consegue ver alguma criança sendo médica, engenheira... eu acho isso uma grande bobagem... mas, assim, uma grande bobagem que eu quero dizer é... de tentar vislumbrar esse momento. Qual a nossa preocupação? É que ela consiga se dedicar ao estudo tanto quanto às coisas que ela quer conseguir... então, no fundo, é assim... (Entrevista da família 6,

dezembro de 2023).

Embora não consiga visualizar a filha como médica ou engenheira, já que a criança está apenas com 7 (sete) anos de idade, a mãe da família 6, assim como as outras, também espera que a filha consiga fazer a melhor escolha para sua trajetória acadêmica e/ou profissional quando for o tempo certo. A todo momento, ela nos deixou claro que não há como vislumbrar uma expectativa de futuro quanto à profissão porque a menina é muito nova, mas que imagina que seguirá pela via artística devido ao fato de a menina ser muito criativa, imaginativa e excelente desenhista.

Isto é, da mesma forma que a mãe da família 6 não consegue vislumbrar o futuro da filha após o CPII e tece expectativas baseadas naquilo que vê e deseja, a mãe da família 5 também o faz. Para a mãe da família 5, o fato de o filho ser pequeno e ter apenas 7 (sete) anos faz com que não consiga imaginar o futuro a curto prazo, que seria o filho ingressando no Ensino Fundamental II, por não saber como ele vai lidar com a adaptação que está acontecendo e com a criação de responsabilidades a cada ano que se passa. Assim, a mãe da família 5 também espera um futuro acadêmico promissor para o filho, mesmo sabendo que ainda é pequeno e que tudo pode ir por outro caminho.

Por conseguinte, conseguimos notar que todas as famílias criaram expectativas de uma trajetória escolar de sucesso para as crianças no CPII e após o CPII, ainda que saibam que os caminhos traçados/desejados possam se mostrar o oposto do planejado. Todavia, o ingresso no CPII permitiu a maioria dessas famílias (exceto a família 5) acreditar que não há como o futuro dos filhos darem errado. Dessa forma, continuam investindo/mobilizando tudo o que podem para que os filhos lá permaneçam e possa usufruir de tudo o que o colégio disponibiliza com o intuito de, no futuro, conseguirem bons empregos, boas formações, boas trajetórias.

As crianças também nos relataram suas expectativas para o futuro após o CPII, a criança da família 2 nos disse que:

Difícil, mas jogador de futebol como goleiro... queria muito ser, mas isso é muito difícil. Provavelmente, é muito difícil, então... talvez engenheiro que nem meu

pai, alguma coisa assim, coisa assim de computador, talvez, tipo... programação. Mas nem tanto... o que eu quero mesmo é ser goleiro. (Entrevista da criança da família 2, novembro de 2023).

Notamos que, para a criança, ser jogador de futebol na posição de goleiro é muito mais difícil que ser engenheiro ou qualquer outra profissão. O que pudemos enxergar nessa resposta é que a vontade da criança é ser jogador de futebol, mas, por considerar essa uma carreira difícil, talvez seja engenheiro como o pai após sua trajetória escolar terminada no CPII.

Diferentemente, por exemplo, da criança da família 3, o qual respondeu que quer ser escritor:

Eu gosto de escrever, porque é legal fazer isso... não sei se iria para uma universidade porque não sei o que tem na universidade. (Entrevista da criança da família 3, novembro de 2023).

Por outro lado, a criança da família 4 foi mais assertiva em sua resposta e nos disse que:

Quando eu sair do colégio, eu espero me formar em direito e conseguir uma carreira boa, fazer uma prova de concurso, aí virar uma juíza, uma faculdade pública de direito, alguma coisa assim. (Entrevista da criança da família 4, dezembro de 2023).

Ou seja, das crianças entrevistadas, apenas a criança da família 4 pensou em um futuro, pós-CPII, que seguisse dentro de uma carreira acadêmica e, depois, culminando em um cargo público de juíza. Notamos, ainda, que a criança da família 4 pretende cursar uma universidade pública e fazer concurso público, não cogitando, portanto, instituições privadas. Vale lembrar que todos eles são muito novos e que as perspectivas de futuro podem mudar conforme a escolarização e a idade avançam.

Por fim, quando perguntados sobre a permanência no CPII, tivemos uma quase unanimidade sobre a permanência escolar. A criança da família 6 disse que preferia as escolas anteriores, no caso o Olga Mitá, entretanto, gostaria de permanecer no CPII porque o colégio é público e, com isso, os

pais economizam dinheiro²³.

Por outro lado, a mãe da família 5 nos disse que o filho permanece no CPII enquanto for bom para a criança. Caso a criança da família 5 manifeste insatisfação ou os pais percebam desconforto/insatisfação vindos da criança, a mãe nos afirmou que o trocava de colégio sim, para o bem dele (criança).

Conseguimos perceber que as expectativas das famílias em relação à trajetória escolar dos filhos após o CPII é bem diferente do que as crianças esperam para o seu futuro.

A fim de sintetizar e sistematizar as informações trazidas pelas entrevistas e em diálogo com os estudos sobre o tema, identificamos que as seguintes estratégias empreendidas pelas famílias para o acesso e permanência no CPII: Tempo de deslocamento. (Piotto, 2006); Distância geográfica entre residência e unidade escolar. (Alves, 2010); Motivações para a escolha da escola (Bell, 2005; 2006; Resende, Nogueira e Nogueira, 2011); Acessibilidade escolar (Piotto, 2006); Investimento financeiro (Nogueira, Resende e Viana, 2015); Capital informacional obtido pela participação familiar em redes sociais (Alves, 2010; Bourdieu (2018); Recurso a cursinhos preparatórios para os exames de ingresso (Glasman, 2011; Martins, 2019). Todas essas estratégias já foram encontradas também em literaturas sobre escolha da escola que nos serviram como base para este estudo.

O quadro 4 a seguir apresenta algumas falas, de maneira bem sintética, que ilustram cada categoria analítica do estudo.

Quadro 4 - Síntese dos principais dados das entrevistas por categoria de análise

Categorias	Estratégias/Motivações	Falas das famílias
Tempo de deslocamento	Até 1 hora (famílias 2, 4, 5 e 6) 2h30 (família 3)	“Só que eu vejo a cada dia como vale o esforço que a gente faz nessa loucura”. (Família 3).
Distância geográfica	Moram perto do CPII (famílias 2, 4, 5) Moram longe (família 3)	“A gente mora muito perto. Para voltar de lá para cá é

²³ A mãe da criança da família 6 nos pediu durante a entrevista que repensássemos a pergunta sobre qual colégio a criança gostaria mais, pois os pais fazem muitos esforços para a criança ter acesso ao CPII e lá permanecer e, ao final de tudo, ouvir que a criança prefere os colégios anteriores.

	Mora perto, mas por ser contramão, usa transporte privado (família 6)	muito fácil, mas daqui para lá é fora mão”. (Família 6).
Motivações para a escolha da escola	Sonho da mãe (família 2). Qualidade de educação e apoio à criança autista – Napne (família 3). Qualidade de educação e ensino público (famílias 4, 5 e 6).	“Mas eu fiz questão de que ele entendesse que isso [estudar no CPII] era um sonho meu”. (Família 2). “A escolha do CPII se deu pela possibilidade de ter um ensino que vai muito além dos livros, uma formação, com uma chance de oferta de atividades, recursos pedagógicos, palestras, discussões, oficinas” (Família 4).
Acessibilidade escolar	Transporte privado (famílias 2, 4, 5 e 6) Carona, carro e ônibus intermunicipal (família 3)	“Eu trabalho o dia inteiro, então, ele vem com uma transportadora [transporte privado] para casa”. Família 5).
Investimento financeiro	Transporte escolar (famílias 2, 4, 5 e 6), compra de uniforme do CPII (todas as famílias entrevistadas) e contratação de professores particulares (família 2).	“Estudar 1h com a professora de português e uma hora com o professor de matemática” (Família 2). “Primeiro, você tem de comprar os uniformes que são caros.” (Família 6).
Capital Informacional	Irmão da mãe entrevistada estudou no CPII (família 2) Rede de amigos (famílias 3,4 e 6) Avó materna estudou no CPII (família 5)	“Eu pesquisei [sobre o Pedro II], eu conversei com algumas pessoas” (Família 3). “Eu já conhecia o Pedro II” (Família 4) “Eu conheci o Pedro II porque minha mãe foi aluna de lá” (Família 5)
Cursinhos preparatórios ou aulas particulares	Contratação de professores particulares (família 2).	“Estudar 1h com a professora de português e uma hora com o professor de matemática” (Família 2).

Por último, no próximo capítulo, faremos as considerações finais a respeito das informações obtidas por meio das entrevistas realizadas com as famílias e com as crianças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, faremos uma síntese da pesquisa e dos procedimentos metodológicos que adotamos e, após, retornaremos às nossas hipóteses e objetivos a fim de observarmos se e como foram confirmados. Assim sendo, destacamos os principais resultados encontrados e quais são as conclusões a que chegamos.

A presente pesquisa se debruçou sobre as estratégias familiares para a escolha da escola com enfoque em estabelecimentos de ensino de excelência, tendo como ponto de estudo o Colégio Pedro II.

Embora o CPII esteja situado, em maior parte, no município do Rio de Janeiro, também há unidades em Niterói e Duque de Caxias. Encontramos uma família moradora de Maricá cujo filho estuda na unidade de São Cristóvão II, no município do Rio de Janeiro. É interessante observar que, no ano de 2021, dois estudantes da unidade de São Cristóvão II residiam na Região dos Lagos (Saquarema) e cinco residiam em Maricá²⁴. Isso nos mostra que a família 3 não foi a única a investir/mobilizar recursos para que seu filho, ainda que morando na Região dos Lagos, estude no CPII, em São Cristóvão.

O uso da técnica de bola de neve deveria ter nos permitido acessar uma heterogeneidade de famílias, entretanto, nesta pesquisa, isso não foi possível, haja vista que a técnica da bola de neve prevê que as famílias indiquem outras famílias e as famílias de nosso estudo indicaram outras famílias da mesma unidade do CPII e com perfis parecidos em relação ao

²⁴ A relação de estudantes por área de domicílio pode ser verificada no próprio site do CPII, no CPII em números. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes

fator socioeconômico.

Em relação às motivações, às escolhas das escolas anteriores ao CPII e suas estratégias utilizadas para acessar instituições escolares públicas de excelência como o CPII se mostraram diferentes entre as famílias.

Com base na literatura discutida no capítulo 2, marco teórico, nosso estudo partiu da hipótese de que há diferentes motivações e estratégias educacionais das famílias e dos alunos para o acesso e permanência em colégios de excelência – particularmente o CPII. Conseguimos confirmar essa hipótese quando observamos durante as entrevistas que as famílias partiram de diferentes motivações como “ser um sonho” (família 2), “já tinha planejado que o filho estudasse lá porque alguém da família já havia estudado” (família 2 e 5) ou ainda pela oferta de assistência às pessoas com deficiência – no caso do CPII, o NAPNE cumpre essa função (família 3) .

Além disso, as estratégias também foram diferentes para acessar o CPII. Enquanto a família 2 utilizou professores particulares de Língua Portuguesa e de Matemática para ajudar o filho na feitura de provas anteriores, as famílias 3 e 4 utilizaram a estratégia de baixar as provas anteriores do CPII e entregar para as crianças resolverem-nas em casa mesmo, sem apoio de um professor ou de um curso, a fim de se prepararem para as provas que fariam. No caso da família 4, a mãe disse que estudou com a filha em casa, fazendo as provas anteriores e, também, as provas de redação. A criança contou assim, com o suporte da mãe.

Outra estratégia encontrada pelas famílias entrevistadas foi o transporte utilizado para o deslocamento entre a residência e a unidade do CPII que as crianças estudam. Todas as crianças entrevistadas estudam na unidade São Cristóvão II, no bairro de São Cristóvão. Apenas uma família (família 3) utiliza meios de deslocamentos diferentes, pois, por morar em outro município, faz uso de caronas, ônibus intermunicipal e carro da família, quando a mãe consegue buscar a criança. Por outro lado, as outras famílias investem em transporte escolar privado. Alves (2010) diz que o tempo de deslocamento entre a residência da família e a unidade escolar costuma ser um dos fatores que pesam na hora da escolha da escola. Piotto (2006) argumenta que a acessibilidade escolar também é um fator importante para as famílias na hora de escolher as escolas, uma vez que as famílias de classe

média costumam escolher as unidades de ensino ponderando se o acesso é fácil de ônibus, pois quanto mais fácil o acesso via ônibus urbano, mais essas famílias descartam essas escolas, por serem, possivelmente, mais heterogêneas socioeconomicamente (Piotto, 2006). Com efeito, muitas famílias de classes populares, mapeadas pela literatura no capítulo 2 desta dissertação, no Brasil, tendem a matricular seus filhos perto de casa até mesmo por uma relação de custo x benefício, corroborando as ideias de Costa e Koslinski (2012). Para os autores, essa relação de custo x benefício também está ligada ao valor educacional que o filho possui e quais as chances dele para uma trajetória de escolarização longa e de sucesso. No caso da família 3 de nossa pesquisa, por morar na Região dos Lagos, em Maricá, leva mais tempo de deslocamento entre a residência e o CPII em que o filho estuda. Entretanto, para esta família, todo o esforço empregado em relação ao tempo e distância “vale à pena” porque o filho está matriculado no CPII. Já as outras famílias, 2, 4, 5 e 6, utilizam o transporte escolar privado para que seus filhos acessem o CPII no horário das aulas. Logo, conseguimos compreender que essas estratégias - investimento em professores particulares (família 2) e transporte privado (famílias 2, 4, 5 e 6) - estão dentro de uma outra estratégia: o investimento financeiro que as famílias conseguem dispor para que seus filhos acessem e permaneçam no CPII. (Nogueira, Resende e Viana, 2015).

Outra hipótese que baliza este estudo é a de que as desigualdades socioeconômicas e sociodemográficas interferem na escolha das escolas por parte das famílias das camadas populares e interfere na escolha dos alunos por parte das escolas e isso resta comprovado a partir do momento em que um dos marcos de abertura democrática do CPII é a abertura de uma unidade em Duque de Caxias, região da Baixada Fluminense, em Realengo, zona Oeste do Rio de Janeiro, e em Niterói, num bairro localizado longe do centro e perto da divisa com o municípios vizinho – São Gonçalo. Essas iniciativas do CPII tem como objetivo ampliar e alcançar as camadas populares dessas localidades, trazendo a possibilidade de as famílias terem um colégio público de excelência para seus filhos (<https://www.cp2.g12.br>). Ao abrir unidades de ensino nessas regiões, o CPII oferece a possibilidade de as famílias acessarem-no e, assim, entre outros motivos, diminuir a dificuldade

com o transporte público e diminuir o tempo de deslocamento e a distância entre a residência e a unidade escolar.

De acordo com a literatura pesquisada, Alves (2010) afirma que as camadas socioeconomicamente baixas tendem a fazer escolhas de escolas próximas ao território de moradia por conta do custo x benefício já mencionado por Costa e Koslinski (2012). Exatamente por isso que Bell (2005, 2006) afirma que esse processo de escolha de estabelecimentos de ensino de excelência é diferente entre as famílias das diferentes classe sociais porque nem todas as famílias detêm do mesmo capital econômico, cultural e informacional que outras, ou seja, os recursos para realizar essa escolha são diversos, porque dependem da situação socioeconômica e sociodemográfica das famílias.

No nosso estudo as famílias entrevistadas são de classe média, o que faz com que as estratégias e as motivações sejam muito semelhantes. O caso mais diferenciado é o da família 3, que por ter um filho com TEA, suas motivações e estratégias são diferentes das demais famílias participantes da pesquisa.

Um ponto em comum foi a constatação do nível alto de Capital Cultural que as famílias apresentaram, pois todas elas disseram possuir pós-graduação seja a nível de mestrado ou a nível de MBA (Master of Business Administration) em suas respectivas áreas, o que Bourdieu (2018) denomina de capital institucionalizado (certificados, diplomas e títulos os quais são capazes de atestar o nível de educação formal do indivíduo). É por conta desse Capital Cultural que essas famílias conseguem acessar espaços e ampliar suas respectivas rede de contatos as quais lhes permitem um capital informacional amplo dentro de seus Capitais Sociais. Foi o capital informacional contido no Capital Social que que oportunizou informações a respeito do CPII as quais foram de grande valia para que as famílias escolhessem o CPII e criassem estratégias, tais como os investimentos financeiros, a serem mobilizadas para o sucesso escolar de suas crianças, já discutidas no capítulo 5.

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as principais motivações e estratégias familiares para o acesso dos estudantes no CPII – escola federal considerada de excelência e, a partir das entrevistas com as

famílias, pudemos perceber que as motivações vão desde ser um colégio de excelência até o fato de ter um ensino forte e capaz de formar as crianças de forma humanística.

Com base nas entrevistas realizadas, foi possível identificar quais foram as estratégias mobilizadas pelas famílias para que seus filhos tivessem sucesso no acesso ao CPII. Além disso, foi possível também mapear associações entre os tipos de estratégias e o perfil sociodemográfico e socioeconômico das famílias.

Este trabalho buscou contribuir com os estudos que investigam o tema da escolha dos estabelecimentos escolares pelas famílias. Por meio das famílias entrevistadas, pudemos identificar o quão significativo e válido é a importância da educação para essas famílias e como elas colocam as crianças no centro da organização familiar com a intenção de mostrar como a educação é uma prioridade. Além de entender a importância da existência, permanência e ampliação de oferta de vagas em uma instituição pública de excelência e laica como o CPII dentro de uma perspectiva de direito e cidadania.

Vale deixar como apontamentos para pesquisas futuras a dicotomia existente nas políticas públicas educacionais e nas políticas de acesso ao CPII, uma vez que o CPII visa à democratização do ensino, mas continua com processo de seleção meritocrático de alunos de modo que a ampliação do seu acesso tenha limites, a fim de preservar o status de excelência construído ao longo de quase 200 anos de existência do colégio.

ABRAMOWICZ, Anete; KRAMER, Sônia. **Afinal para que serve a Educação Infantil?** Olhar de Professor, [S. l.], v. 26, p. 1–11, 2023. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.26.22414.065. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/22414>. Acesso em: 8 mar. 2024.

ALVES, Fátima. **Escolhas Familiares, Estratificação Educacional e Desempenho Escolar: Quais as Relações?*** DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, no 2, 2010, pp. 447 a 468.

ALVES, Luciana; BATISTA, Antônio Augusto Gomes; RIBEIRO, Vanda Mendes; ÉRNICA, Maurício. **Seleção velada em escolas públicas: práticas, processos e princípios geradores.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 41, n. 1, p. 137-152, jan./mar. 2015.

BARROSO, João.; VISEU, Sofia. **A emergência de um mercado educativo no planejamento da rede escolar: de uma regulação pela oferta a uma regulação pela procura.** Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 84, p. 897-921, setembro 2003.

BELL, C. A. **All Choices created equal? How good parents select “failing” schools.** New York: Columbia University, National Center for the Study of Privatization in Education, 2005. Disponível em: <http://www.ncspe.org/publications_files/OP106.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BELL, C. A. **Real Options? The Role of Choice Sets in the Selection of Schools.** Teachers College Record, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.tcrecord.org>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Futuro de classe e causalidade do provável.** In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.) Escritos da Educação. P. 83-126. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Petrópolis: Vozes, 2008.

BRANDÃO, Zaia. **Algumas Hipóteses sobre a Permanência e a Mudança no Capital Cultural das Elites no Brasil.** Rio de Janeiro, SOCED/PUC-Rio, mimeo, 2003.

CAVALIERE, Ana Maria. **O Colégio Pedro II encontra o século XXI.** Revista Contemporânea de Educação, v. 3, n. 2, p. 186-196, 2008.

COLEMAN, J. S.; CAMPBELL, E. Q.; HOBSON, C. J. et al. **Equality of educational opportunity.** Washington, DC: US Government Printing

Office, 1966.

COSTA, Marcio; KOSLINSKI, Mariane. **Escolha, estratégia e competição por escolas públicas**. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 2, p. 195-213, maio/ago. 2012.

COSTA, Marcio; KOSLINSKI, Mariane. **Quase-mercado oculto: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 142, jan./abr., p. 246-266, 2011.

COSTA, Regis Argüelles da. **Escola de excelência na rede pública municipal de Teresópolis RJ: um estudo de caso**. Rev. Educ. e Cult. Contemp., Rio de Janeiro, v. 15, n. 40, p. 343-362, jul. 2018.

DARGAINS, Renata Laranjeiras. **A política do invisível: o caso da implantação de cotas raciais no Colégio Pedro II**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2015.

Da Silva, Stefânia, et al. **“A Importância Da Educação Infantil Para o Pleno Desenvolvimento Da Criança.”** *Mosaico (Vassouras)*, vol. 8, no. 2, 2017, pp. 30–38.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD-Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html> Acesso em: 27 fev. 2024

KOSLINSKI, Mariane Campelo. **Escolha, estratégia e competição por escolas públicas: pensando a ecologia do quase mercado escolar**. In: Encontro Anual da ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPOCS, 26-30 out. 2009. p. 1-26.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; ALVES, Fátima. **Novos olhares para as desigualdades de oportunidades educacionais: a segregação residencial e a relação favela-asfalto no contexto carioca**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 120, p. 805-831, jul./set. 2012.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; CARVALHO, Julia Tavares de. **Escolha, seleção e segregação nas escolas municipais do Rio de Janeiro**. Cadernos De Pesquisa, 45(158), 916–942. 2015.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Papirus, 2004.

LAREAU, Annette. **Social class differences in family-school relationship: the importance of cultural capital**. Sociology of Education, 1987, 73-85.

MENDONÇA, Ana Waleska P. C.; LOPES, Ivone Goulart.; SOARES, Jefferson da Costa.; PATROCLO, Luciana Borges. **A criação do Colégio Pedro II e seu impacto na constituição do magistério público secundário no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 985-1000, out./dez. 2013.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. (Cap.3 e 4).

NOGUEIRA, Maria Alice. **Famílias de camadas médias e a escola: bases**

preliminares para um objeto em construção. Revista Educação e Realidade. n. 20, p. 9-25, jan./jun. 1995.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural.** Revista Brasileira de Educação, n.7, p. 42-56, jan./abr. 1998.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Relação Família-Escola: novo objeto na Sociologia da Educação.** Paidéia. FFCLRP-USP. Ribeira Preto, Fev/Ago, 1998.

NOGUEIRA, Cláudio Marques; RESENDE, Tânia de Freitas; VIANNA, Maria José Braga. **Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar edesempenho escolar: um estudo com famílias de alunos 20 da rede pública de Belo Horizonte.** Belo Horizonte. Faculdade de Educação da UFMG, 2013.

NOGUEIRA, Cláudio Marques; RESENDE, Tânia de Freitas; VIANNA, Maria José Braga. **Escolha do estabelecimento de ensino, mobilização familiar e desempenho escolar.** Revista Brasileira de Educação v. 20 n. 62 jul.-set. 2015

NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, Tânia de Freitas; COUTINHO, Priscila. **Famílias de classes médias na escola pública: da escolha às estratégias de participação.** SciELO Preprints, 2022. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.4215. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4215>. Acesso em: 25 fev. 2024.

NUNES, Clarice. **O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos.** Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14, p.35-60;

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, Vozes,2007.

PASSOS, Juliana Ribeiro Lima. **Famílias e escola: um estudo de caso sobre educação pública bilíngue intercultural de nível médio.** Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação,2018.

PIOTTO, Débora Cristina. **Retrato de um (des) encontro: camadas médias na escola pública.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 2002 Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-20052008-112531/publico/Piotto.pdf>>. Acesso em 18 set. 2023.

PIOTTO, Débora Cristina. **O Aumento de Camadas Médias em uma Escola Pública: melhoria ou exclusão?** Educação: Teoria e Prática, 14(26), 35-35. 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/399/337>>. Acesso em 18 set. 2023.

QUEIRÓS, Bruna Tatianne Moura de. **A escolha de um estabelecimento federal de ensino médio e seus significados para jovens e famílias de diferentes meios sociais: um estudo no IFNMG – Campus Janaúba.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de

Educação. Belo Horizonte, 2022.

RESENDE, Tania de Freitas; NOGUEIRA, Cláudio Marques M.; NOGUEIRA, Maria Alice. **Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares.** Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, out.-dez. 2011

ROSISTOLATO, Rodrigo; Prado, Ana Pires do. **Escolhas familiares e estratégias de acesso às escolas do sistema municipal de educação do Rio de Janeiro: navegação social em um espaço de disputa.** 36º Encontro Anual da Anpocs GT –08 – Educação e Sociedade, 2012.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de.; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

SILVA, Adriana Casini. **É tudo ou nada? Caminhos da expansão no Colégio Pedro II (anos 2000): da tradição à inovação** (Tese de Doutorado em Educação). PUC, Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Adriana Casini; & SOARES, Jefferson da Costa. **NÃO É SÓ EXISTIR, MAS RESISTIR: o Colégio Pedro II e as tentativas de Municipalização e Estadualização (1934 - 1996)** Rev. Bras. Hist. Educ., 23, e264, 2023.

SIQUEIRA, Ana Rita; NOGUEIRA, Maria Alice de Lima Gomes. Focalizando um segmento específico da rede privada de ensino: escolas particulares de baixo custo. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 43, n. 4, p. 1005-1022, dez. 2017. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022017000400006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 03 jan. 2024. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201710177139>.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Um corpo negado: a importância da educação infantil para a construção e a afirmação da identidade étnico-racial de crianças pré-escolares. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 366–383, 2015. DOI: 10.30681/rep.v6i4.9750. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/9750>. Acesso em: 20 mar. 2024.

VAN-ZANTEN, Agnès. **Les familles face à l'école – rapports institutionnels et relations sociales.** Em P. Durning (Org) Education familiale: un panorama des recherches internationales. Paris: MIRE/Matrice, 1988, p. 185-207.

VAN-ZANTEN, Agnès. **Efeitos da concorrência sobre a atividade dos estabelecimentos escolares.** Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 565-593, set./dez. 2005.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto.** Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

YAIR, G. **School Organization and Market Ecology: a Realist Sociological Look at the Infrastructure of School Choice.** British Journal of Sociology of Education, v. 17, n. 4, p. 453-471, 1996.

8 Anexos



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá, _____!

Neste documento, convido você a participar de um trabalho muito importante para a minha formação enquanto professora e pesquisadora, a minha pesquisa de mestrado. O título dela é “A Escolha da Escola: as estratégias familiares para acesso às instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II” e a sua participação é fundamental para que eu consiga entender melhor as estratégias utilizadas pelas famílias para que vocês ingressem no Colégio Pedro II. Todavia, você só vai participar se concordar e quiser, sabendo, inclusive, que será de forma anônima, isto é, ninguém vai saber seu nome ou outra informação específica sua. Para que a gentsiga para o próximo passo, iremos ler juntos(as) todo este documento que explica e descreve o trabalho de pesquisa e o que está envolvido nele. No final, concordando com a sua participação, você irá preencher poucos dados e assinar como forma de fecharmos um combinado.

Pesquisadoras responsáveis:

Mestranda: Nívia Xavier Correia Nóbrega | nivia.nobrega@aluno.puc-rio.br | Tel (21) 980880682. **Orientadora:** Prof^ª Dr^a. Naira da Costa Muylaert Lima | naira@puc-rio.br | Tel (21) 3527-1815| PUC-Rio: Departamento de Educação. Rua Marquês de São Vicente, 225, Edifício Cardeal Leme, Departamento de Educação, Sala 1049, Gávea, 22453-900 -Rio de Janeiro, RJ – Brasil. **Coorientadora:** Prof^ª Dr^a. Alicia Maria de Catalano Bonamino | alicia@puc-rio.br | Tel (21) 3527-1815| PUC-Rio: Departamento de Educação. Rua Marquês de São Vicente, 225, Edifício Cardeal Leme, Departamento de Educação, Sala 1049, Gávea, 22453-900 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Esta pesquisa foi submetida à Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, instância responsável pela avaliação do ponto de vista ético dos projetos de pesquisa dos seus docentes, pesquisadores e discentes, quando solicitada. A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio está localizada no seguinte endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22543-900, Rio de Janeiro – RJ. O contato por telefone é feito por meio do número (21) 3527- 1618.

Financiamento da pesquisa: Esta pesquisa é financiada com a Bolsa de Mestrado CNPq

– Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Objetivos: Nós queremos saber quais foram as estratégias mobilizadas pela sua família para que você tivesse acesso ao Colégio Pedro II e por que escolherem este colégio para estudar.

Procedimentos: A escolha dos participantes foi feita a partir da rede de contato que a pesquisadora possui com os colegas professores da educação básica. Vale ressaltar que em momento algum houve envolvimento da direção do CPII ou de quaisquer outros funcionários do referido colégio. A fim de descobrir quais as estratégias mobilizadas por sua família e o porquê de escolherem o CPII para estudar, vou fazer uso da técnica “bolade neve” com você, ou seja, farei uma entrevista com você e ao final você me indicará alguém da sua rede de amigos que tenha passado por vivências iguais ou parecidas com as suas. Como é uma pesquisa, não há certo ou errado no que você me contar e você está livre para indicar amigos, irmãos, primos, quem você achar que se identifica com a sua trajetória escolar; tudo o que falar sobre o tema abordado será de extrema importância para que eu possa fazer meu trabalho.

Riscos e benefícios: Participar dessa entrevista pode te fazer pensar mais sobre a escola que você escolheu para estudar e quais foram as estratégias utilizadas pela sua família (pai, mãe, responsáveis legais, tios, tias, avós, avôs etc.) para que você conseguisse ingressar no CPII. Ainda que seja uma entrevista individual, será um momento gravado e você pode ficar um pouco tímido/a ou constrangido/a ao falar sobre algum tema, mas é fundamental que você entenda que, a qualquer momento, você pode desistir da atividade e isso não será um problema.

Confidencialidade e registro: Eu, minha orientadora e minha coorientadora iremos guardar os conteúdos referentes aos grupos focais por, pelo menos, 5 (cinco) anos com bastante cuidado para usarmos neste trabalho e em alguns outros se precisarmos (como artigos científicos e apresentações em eventos acadêmicos). Salvaremos os documentos em nossos computadores: o meu pessoal, o da minha orientadora e o da minha coorientadora que ficam na universidade PUC-Rio. Outro ponto importante é que seu nome não aparecerá em qualquer trecho do meu trabalho e lidarei com você como se fosse um personagem com outro nome. Nenhum outro participante desta pesquisa será identificado, porque manterei sigilo sobre eles e sobre as famílias. Além disso, não pretendemos fazer registros de imagens dos participantes.

Despesas decorrentes da participação na pesquisa: Quando você concorda em contribuir com a minha pesquisa, essa participação é de caráter voluntário, então você não terá nem despesas pessoais nem compensação financeira, ou seja, não irá gastar ou ganhar qualquer dinheiro nesse processo.

Acesso aos resultados da pesquisa: A direção do Colégio Pedro II será informada sobre a realização da entrevista e sobre os benefícios que esta pesquisa pode trazer para o colégio. Além disso, após a conclusão de todas as etapas da pesquisa, será informadoa você, à sua família e à direção do colégio a data de publicação e os canais de acesso ao trabalho.

Termo de Uso de Dados

Eu, NÍVIA XAVIER CORREIA NÓBREGA, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa sob o título “A Escolha da Escola: as estratégias familiares para acesso às instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II”, comprometo-me com a guarda dos dados oriundos das entrevistas por meio da técnica de bola de neve em arquivos de acesso restrito, mantendo, assim, a confidencialidade dos dados coletados, bem como com a privacidade de seus conteúdos. Esclareço ainda que os dados a serem coletados se referem às entrevistas semiestruturadas realizados no segundo semestre de 2023, no período de outubro a novembro. Declaro entender que é de minha responsabilidade o cuidado com a integridade das informações e garantia de confidencialidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas. Também é minha a responsabilidade de não repassar os dados coletados em sua íntegra, ou parte deles, às pessoas não envolvidas na equipe da pesquisa. Por fim, comprometo-me com a guarda, cuidado e utilização das informações apenas para cumprimento dos objetivos previstos nesta pesquisa.

Nome do/a participante: _____

E-mail: _____

Tel.: _____

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Autorização de gravação de áudio

() Tenho ciência e autorizo a gravação de áudio da atividade realizada para pesquisa acima descrita.

() Não autorizo a gravação de áudio da atividade realizada para pesquisa acima descrita.

Nívia Xavier Correia Nóbrega

[Assinatura do Responsável]

[Assinatura do Responsável]

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2023.

OBS.: Este termo é assinado em duas (2) vias, uma do/a participante e outra para os arquivos das pesquisadoras e todas as páginas deste termo devem ser rubricadas quando solicitado.



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO
DE JANEIRO**
Programa de Pós-Graduação em Educação

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

Prezada(o): _____

Neste documento, convido você a participar da minha pesquisa de mestrado e registrarmos o aceite de sua participação de forma voluntária e anônima. Para isso, leia integralmente os pontos de descrição do trabalho de pesquisa e dos tópicos de segurança e, por fim, realize os devidos preenchimentos e a sua assinatura na parte final.

Pesquisa: A Escolha da Escola: as estratégias familiares para acesso às instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II.

Pesquisadoras responsáveis:

Mestranda: Nívia Xavier Correia Nóbrega | nivia.nobrega@aluno.puc-rio.br | Tel (21) 980880682. **Orientadora:** Prof^ª Dr^ª. Naira da Costa Muylaert Lima | naira@puc-rio.br | Tel (21) 3527-1815| PUC-Rio: Departamento de Educação. Rua Marquês de São Vicente, 225, Edifício Cardeal Leme, Departamento de Educação, Sala 1049, Gávea, 22453-900 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil. **Coorientadora:** Prof^ª Dr^ª. Alicia Maria de Catalano Bonamino | alicia@puc-rio.br | Tel (21) 3527-1815| PUC-Rio: Departamento de Educação. Rua Marquês de São Vicente, 225, Edifício Cardeal Leme, Departamento de Educação, Sala 1049, Gávea, 22453-900 - Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

Esta pesquisa foi submetida à Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, instância responsável pela avaliação do ponto de vista ético dos projetos de pesquisa dos seus docentes, pesquisadores e discentes, quando solicitada. A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio está localizada no seguinte endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22453-900, Rio de Janeiro – RJ. O contato por telefone é feito por meio do número (21) 3527- 1618.

Financiamento da pesquisa: Esta pesquisa é financiada com a Bolsa de Mestrado CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Justificativas: O Colégio Pedro II é um colégio imperial e de elite, por isso, as famílias se mobilizam por meio de estratégias para que seus

filhos acessem e permaneçam neste colégio. Logo, tentar entender essas estratégias utilizadas pelas famílias é uma contribuição relevante da pesquisa na intenção de compreender o público, o perfil de estudante que chega ao CPII. Portanto, a pesquisa contribui na intenção de compreender se a cota social implementada no 6º ano do ensino fundamental é efetivamente contributiva para que grupos sociais desfavorecidos ingressem no colégio.

Objetivos: O objetivo geral desta pesquisa é Compreender as principais motivações e estratégias familiares para o acesso dos estudantes no CPII – escola federal considerada de excelência – como também as estratégias seletivas da escola e a sua relação com as próprias estratégias familiares. Já os objetivos específicos são identificar quais foram as estratégias mobilizadas pelas famílias para que seus filhos tivessem sucesso no processo seletivo de acesso ao 6º ano do CPII no ano de 2023; mapear associações entre os tipos de estratégias e o perfil sociodemográfico e socioeconômico das famílias; verificar as expectativas das famílias com relação à trajetória escolar e profissional do jovem; e compreender as percepções das famílias sobre os possíveis efeitos (mobilidade social, melhores oportunidades de trabalho etc.) que a frequência ao CPII pode ter sobre a família.

Metodologia: A metodologia da presente pesquisa é de caráter qualitativo com três técnicas de coleta/produção de dados: 1) levantamento da literatura sobre o tema; 2) análise de documentos sobre o Colégio Pedro II; 3) entrevistas semiestruturadas com os estudantes do 6º ano do ensino fundamental do Colégio Pedro II e suas respectivas famílias. A seleção dos sujeitos a serem entrevistados será feita por meio da técnica científica denominada “bola de neve”. Nesta técnica, os participantes iniciais das entrevistas indicam outros participantes que, por sua vez, indicam mais outros até que os participantes passem a repetir a mesma resposta. A escolha dos participantes será feita a partir da rede de contato que a pesquisadora possui com colegas professores da educação básica. Vale ressaltar que em momento algum houve ou haverá envolvimento da direção do CPII ou de quaisquer outros funcionários do referido colégio e que o contato com os sujeitos da pesquisa se dará sem a mediação da instituição. As entrevistas buscarão evidenciar a percepção dos estudantes e das famílias sobre o tempo de deslocamento casa-escola-casa; investimento financeiro; distância geográfica entre residência e unidade escolar, capital informacional das famílias; acesso a cursinhos preparatórios para os exames de ingresso etc. Todos esses elementos poderão contribuir para compreender as estratégias escolares que as famílias empregam para garantir o acesso e a permanência dos filhos no CPII.

Benefícios esperados: Espera-se que a pesquisa desperte reflexões acerca das estratégias mobilizadas por famílias que buscaram uma vaga para seus filhos num colégio reconhecido por sua excelência histórica - o Colégio Pedro II (CPII). Espera-se que essa pesquisa contribua para

fazer avançar o debate sobre a relação família-escola e, principalmente, para a socialização de estratégias escolares mobilizadas por famílias que conseguiram obter sucesso no acesso a uma instituição de excelência e com alta corréncia no seu processo seletivo. Espera-se ainda que os participantes sejam levados a ter maior contato com o tema em questão e que possam refletir sobre as estratégias adotadas por eles próprios para o sucesso no ingresso ao CPPII, de forma a refletir sobre a importância dessas estratégias para seu futuro acadêmico do estudante. Como contribuição para o Departamento de Educação da PUC-Rio, espera-se contribuir para as discussões realizadas pelo PPGE - sobretudo no campo da Sociologia da Educação - com ênfase no tema da relação família-escola. O principal benefício para as pesquisas realizadas pelo Departamento refere-se ao mapeamento das estratégias adotadas por famílias que conseguiram sucesso no acesso à uma escola de excelência e com processo seletivo concorrido. Esse benefício se torna ainda mais importante ao se considerar que são poucas as pesquisas que discutem as estratégias familiares, a relação família x escola e as políticas públicas educacionais para o acesso e permanência em escolas de excelência do 2º segmento do Ensino Fundamental. Já para o CPPII, espera-se que a pesquisa contribua apresentando a importância de reconhecer e entender o perfil sociodemográfico dos estudantes e seus respectivos universos familiares e culturais, contribuindo assim para a democratização do Colégio que, historicamente, foi frequentado por estudantes de classes abastadas da sociedade. Com essa pesquisa é possível oferecer subsídios para que o CPPII pense em práticas escolares que considerem a diversidade social e promova, efetivamente, ações democratizantes para a comunidade escolar.

Riscos e desconfortos: As entrevistas serão gravadas e seu conteúdo, de forma integral, será utilizado para fins exclusivamente científicos. As entrevistas e o armazenamento das informações serão realizados com a devida segurança e todo o cuidado necessários para não causar nenhum desconforto aos participantes, embora a presença da pesquisadora possa provocar certa timidez, por conta dos processos de registro do conteúdo dos diálogos. Os participantes são livres para cancelar a contribuição com a pesquisa a qualquer momento, sem nenhum constrangimento. Faz-se importante destacar ainda que a pesquisadora não pretende fazer registros de imagens dos participantes.

Confidencialidade: Serão tomados os devidos cuidados éticos para garantia do anonimato dos participantes, por meio da substituição dos nomes dos participantes por codinomes. Vale destacar que é garantida a liberdade de desistência por parte dos participantes em qualquer momento de desenvolvimento do estudo, sem nenhum constrangimento ou prejuízo para os voluntários. Serão garantidos ainda o sigilo e a confidencialidade dos dados de todos/as os/as participantes, incluindo as instituições (universidade e escola).

Despesas decorrentes da participação na pesquisa: Sendo a

participação na pesquisa de caráter voluntário, não haverá, em nenhuma etapa da pesquisa, despesas e gastos pessoais para os participantes ou compensação financeira. O participante, em caso de danos causados pelo estudo, será indenizado de acordo com os termos da lei.

Registro: Os registros obtidos a partir da realização das entrevistas serão armazenados pela pesquisadora responsável em seu computador pessoal durante o período de 5 anos após defesa da dissertação e podem também ser utilizados em artigos científicos e eventos acadêmicos. Além disso, o conteúdo será guardado, com garantida segurança, no computador da professora orientadora deste trabalho, Naira Muylaert, no Departamento de Educação da PUC-Rio, pelo mesmo período e no computador da professor coorientadora deste trabalho, Alicia Bonamino, também no Departamento de Educação PUC-Rio.

Acesso dos/as participantes aos resultados da pesquisa: A devolutiva dos resultados deste trabalho aos participantes selecionados está assegurada pela pesquisadora, a qual informará aos participantes selecionados quando o material estiver disponível para consulta. A dissertação será publicada, quando autorizada, na plataforma online Maxwell da PUC-Rio acessada pelo link: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>>. Pretende-se ainda a divulgação dos resultados em congressos e artigos acadêmicos.

Termo de Uso de Dados

Eu, NÍVIA XAVIER CORREIA NÓBREGA, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa sob o título “A Escolha da Escola: as estratégias familiares para acesso às instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II”, comprometo-me com a guarda dos dados oriundos das entrevistas em arquivos de acesso restrito, mantendo, assim, a confidencialidade dos dados coletados, bem como com a privacidade de seus conteúdos. Esclareço ainda que os dados a serem coletados se referem às ENTREVISTAS realizadas no segundo semestre de 2023, no período de outubro a novembro do referido ano. Declaro entender que é de minha responsabilidade o cuidado com a integridade das informações e garantia de confidencialidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas. Também é minha responsabilidade de não repassar os dados coletados em sua íntegra, ou parte deles, às pessoas não envolvidas na equipe da pesquisa. Por fim, comprometo-me com a guarda, cuidado e utilização das informações apenas para cumprimento dos objetivos previstos nesta pesquisa.

Nome do/a participante: _____

E-mail: _____

Tel.: _____

Eu,

, de forma voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre eles. Informaram-me de que se trata de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados em nenhuma hipótese. Estou de acordo com a realização da entrevista para fins acadêmicos. Estou ciente de que os dados obtidos serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, terei a liberdade de recusar minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Autorização de gravação de áudio

() Tenho ciência e autorizo a gravação de áudio da entrevista realizada para pesquisa acima descrita.

() Não autorizo a gravação de áudio da entrevista realizada para pesquisa acima descrita.

Nívia Xavier Correia Nóbrega

[Assinatura do
entrevistado]

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2023.

OBS.: Este termo é assinado em duas (2) vias, uma do/a participante e outra para os arquivos das pesquisadoras e todas as páginas deste termo devem ser rubricas quando solicitado. Informamos, ainda, que as pesquisadoras estão a disposição para responderem as dúvidas gerais da pesquisa e que as questões éticas podem ser dirigidas à Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, no endereço: Rua Marquês de São Vicente, 225 - Prédio Kennedy, 2º andar - Gávea - Rio de Janeiro - RJ – BRASIL.

Anexo 1: Roteiro de entrevista – Responsáveis

A Escolha da Escola: as estratégias familiares para acesso às instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II

Nívia Xavier Correia Nóbrega

Orientadora: Prof^ª Dra. Naira Muylaert

Coorientadora: Prof^ª Dra. Alicia Maria Catalano de Bonamino

Roteiro de entrevista semiestruturada

Bloco 1

- Apresentação da pesquisadora e da pesquisa
 - Apresentação do entrevistado
 - Nível de escolaridade, gênero, idade, autodeclaração de raça, quantas pessoas moram na casa, qual o trabalho das pessoas da casa, quantas pessoas compõem a renda familiar, região sociodemográfica de moradia, aproximadamente quantos salários mínimos é a renda familiar, qual o bairro de moradia, mora perto ou longe do trabalho, mora perto ou longe do colégio em que o filho estuda, como o filho vai para a escola, qual o meio de transporte, situação socioeconômica.

Bloco 2 - O Investimento na escolarização da criança

- Quais esforços você/a família fez na escolarização do filho/filhos?
- Qual o tipo de escola em que a criança estudou? Pública, privada, pública e privada?
- Como era a relação entre vocês e a escola anterior da criança?
- Como era a relação da criança com a família?
- Vocês costumavam participar das reuniões escolares na escola anterior? De que forma? Com qual frequência. Você achava essas reuniões importantes? Por quê?
- Vocês ajudavam a criança a fazer os deveres de casa, pesquisas escolares, etc.?
- Houve um professor particular para essa ajuda/esse reforço? Para quais disciplinas? Com que frequência?
- Por que você achou que fosse importante o seu filho/filha ter um professor particular para as disciplinas no colégio anterior? Qual o valor da aula particular?
- Por que a família escolheu a escola anterior ao Colégio Pedro II?
- Quais os aspectos positivos e negativos da escola anterior?
- A escola anterior era perto do local de moradia?
- Se perto, o quanto?
- Se longe, o quanto?

Bloco 3 – A escolha do Colégio Pedro II

- Como vocês conheceram o CPPI?
- Por que vocês escolheram inscrever seus filho/filha no processo seletivo do Colégio
- Pedro II?
- Como ficou sabendo do processo seletivo do Colégio Pedro II?
- Como foi a preparação da criança para realizar a prova do Colégio Pedro II?
- Como vocês ajudaram a criança nessa preparação? Como a criança estudava? A criança queria estudar para a prova?
- A inscrição da criança no processo seletivo foi por ampla concorrência (sem cotas) ou por concorrência pelas políticas de ações afirmativas (cotas sociais)?
- Caso a criança não tenha frequentado algum preparatório para o processo seletivo do Colégio Pedro II, quais foram as estratégias utilizadas para que a criança obtivesse sucesso nas provas do processo seletivo?
- O que é feito para que a criança tenha um bom desempenho na escola? Reforço? Aula particular? Alguém estuda com a criança? Quem? Compra material extra? Assina cursos na internet?
- A unidade na qual a criança estuda é perto de casa ou do trabalho de algum familiar? O quão perto/longe? Qual o meio de transporte utilizado? A criança vai sozinha ou alguém leva/busca?
- Vocês participam de algum grupo, conselho, organização de pais junto da direção/coordenação da unidade do Colégio Pedro II em que a criança estuda? Por quê? Como funciona? Qual o objetivo?
- Caso não participem de grupos, conselhos ou qualquer outro tipo de organização de pais junto da direção/coordenação da unidade do Colégio Pedro II em que a criança estuda, costuma frequentar a reunião dos responsáveis quando o colégio solicita? Com quais propósitos a escola convoca reuniões? Na sua opinião, essas reuniões são importantes? Por quê?
- Quais estratégias vocês utilizam para acompanhar a vida escolar da criança? Por quê?
- Quais as expectativas da família em relação à trajetória escolar da criança após a saída do Colégio Pedro II?
- O que representou para a família a entrada da criança no Colégio Pedro II?
- Qual seria a segunda opção se o estudante não passasse pro CPPI? Vcs tentariam de novo? Vcs cogitariam que ele(a) continuasse tentando e voltasse 1 série para estar no CPPI?
- De quem veio a iniciativa de ir para o CPPI? Algum familiar ou conhecido indicou ou vcs mesmos já conheciam?
- Na escola anterior, o CPPI foi indicado por professores, coordenadores, diretores? Ou vcs souberam por fora?
- Na escola em que ele(a) estudava, muitos colegas queriam também ir pro CPPI?

Bloco 4 – Questões finais

- Existe alguma outra estratégia mobilizada pela família para garantir o bom desempenho da criança no Colégio Pedro II? Qual ou quais?
- Na sua percepção, o Colégio Pedro II é um bom colégio? Por quê?
- Fazendo um comparativo entre a escola anterior e o Colégio Pedro II, na sua opinião, qual é a melhor? Por quê?
- Ainda comparando a escola anterior e o Colégio Pedro II, a criança gosta mais de qual? Por quê?
- Quais são as principais dificuldades enfrentadas pela criança no Colégio Pedro II?
- Quais as estratégias mobilizadas para que essa dificuldade seja sanada?
- Você percebe que a escola oferece tratamento diferenciado a alguns alunos? Que alunos são esses? Por quê?
- Você percebe que a escola oferece tratamento diferenciado a alguma turma? Como?
- Você percebe que algum professor oferece tratamento diferenciado a algum estudante ou turma? Como? Por quê?
- Em caso de resposta afirmativa, relate para nós como acontece.
- Você observa algum tratamento diferente entre as crianças cotistas, egressas de sorteio público de vagas e não cotistas?
- Em caso afirmativo, relate para nós como acontece.
- Quais as expectativas que a família tem em relação à escolarização e a trajetória escolar da criança?
- Vc está feito com o seu filho estudando no CPPII? Gostaria que ele estudasse em outra escola? Qual? Por quê?
- Pretende, no futuro, mudar o filho de escola? Por quê?
- Gostaria de acrescentar alguma informação que não esteve nas perguntas?

Anexo 2: Roteiro de entrevista – Estudantes

A Escolha da Escola: as estratégias familiares para acesso às instituições escolares públicas de excelência - Colégio Pedro II

Nívia Xavier Correia Nóbrega

Orientadora: Prof^a Dra. Naira Muylaert

Coorientadora: Prof^a Dra. Alicia Maria Catalano de Bonamino

Roteiro de entrevista semiestruturada

Bloco 1

- Apresentação da pesquisadora e da pesquisa
 - Apresentação do entrevistado
 - Nível de escolaridade, idade, gênero, autodeclaração de raça, possui quantos irmãos/quantas irmãs, mora com o pai, mora com a mãe, mora com pai e mãe, mora com avós, região de moradia, mora perto ou longe da escola, qual o trabalho dos seus responsáveis? Onde você mora, há quantos quartos? Você tem um computador só para você ou você divide com os demais integrantes da família? Sua família possui carro/moto? Você tem celular?

Bloco 2 – As percepções da criança sobre o colégio anterior

- Como era a sua escola anterior?
- Como você considera o ensino da sua escola anterior (fácil, médio, difícil, etc.)? Por quê? Dê exemplos.
- Como é a sua relação com a sua família? Levavam e buscavam você na escola? Ajudavam você nos deveres de casa? Ajudavam você a arrumar sua mochila?
- Você precisou de professores particulares para reforço na escola anterior? Caso a resposta seja afirmativa, de quais matérias?
- Seus familiares costumavam participar das reuniões escolares?
- Você gostava da sua escola anterior? Por quê?
- Do que mais você gostava na sua escola anterior?
- Como era essa escola? Você gostava? Quais eram as coisas boas dessa escola? E o que você não gostava? Por quê?
- Você queria ter mudado de escola? Por quê?
- Você ainda tem amigos na outra escola? Mantém contato? Como?

Bloco 3 – As percepções sobre o Colégio Pedro II

- Como você entrou no CPII? A prova foi fácil ou difícil? Se a criança responder que foi difícil: o que você achou mais difícil?
- Antes de você fazer a prova, você já conhecia o Colégio Pedro II?
- Como você se sentiu ao saber que participaria do processo seletivo de acesso ao Colégio Pedro II?
- Você estuda em qual unidade do Colégio Pedro II?
- Você fez algum curso preparatório para concorrer às vagas no processo seletivo do Colégio Pedro II? Qual? Você gostava? Como era esse curso? Tinha apostila ou algum material? Você ia todo dia? Tinha dever de casa? Quais aulas eram dadas nesse cursinho? Em qual horário você fazia esse cursinho? De que horas até que horas? Tinha aulas aos sábados? Você fez amizades nesse cursinho? Mantém contato com essas amizades? Vocês estudavam juntos? Ajudavam-se?
- Em caso negativo, como você se preparou para as provas do concurso do Colégio Pedro II?
- Como você entrou no CPII? Conte um pouco sobre como foi esse processo.
- Você estuda em qual unidade do Colégio Pedro II?
- Você se dá bem com seus colegas de turma?
- Você se dá bem com as outras crianças da unidade em que você estuda?
- Você se sente bem no colégio?
- Caso a resposta seja negativa, conte para nós o porquê.
- Tem algum colega do colégio que você não gosta? Ou que você já brigou? Por quê?
- Tem algum professor ou funcionário da escola que você não gosta? Por quê?
- Todos te tratam bem? Alguém já te disse algo ou fez algo que você não gostou? Pode nos contar um pouquinho sobre isso?
- Você já viu algum colega tratar mal outro colega? Como foi?
- Você já viu algum professor tratar mal algum aluno?
- Já viu algum professor se desentender com outro professor?
- Você já viu alguma briga na escola? Como foi?
- Você já ficou sabendo de alguma briga? Como foi?
- Já viu algum pai/mãe de algum estudante brigar com o professor? Ou com alguém da direção? Qual motivo? Como foi?
- O que você gostaria de ser quando crescer? Qual profissão gostaria de seguir?
- Você gostaria de ir para a universidade? Para qual? Para fazer qual curso?
- Como você se sente estudando no Colégio Pedro II?
- Do que mais você gosta no Colégio Pedro II?
- Fale um pouco da sua rotina de estudo em casa. Seus pais te ajudam no dever de casa e nas demais tarefas escolares? Como? Você faz aula de reforço? Você estuda sozinho? Ou estuda com alguém?

Quem? Seus pais passeiam com você nos finais de semana? Onde vocês vão? Seus pais compram todo o material que vc precisa para usar na escola? Falta alguma coisa? O quê?

Bloco 4 – Questões finais

- Você sabe o que é bullying?
- Na sua percepção, você já presenciou alguma caso de *Bullying* no Colégio Pedro II?
- Caso tenha presenciado algum episódio de *Bullying* no Colégio Pedro II, a pessoa que foi vítima de bullying, como ela era? Menino, menina, branco, negro, onde morava, etc.
- Caso a resposta seja afirmativa, como isso aconteceu?
- Fazendo um comparativo entre a escola anterior e o Colégio Pedro II, na sua opinião: onde você aprendida mais? Qual você gostava mais?
- Ainda comparando a escola anterior e o Colégio Pedro II, você sentiu ou sente mais dificuldade em qual colégio? Por quê?
- Você acha que alguns estudantes ou algumas turmas são beneficiadas e outras não? Quais? Por quê? Como?
- Você precisou de professores particulares para reforço no Colégio Pedro II?
- Caso a resposta seja afirmativa, de quais matérias?
- Você gosta de estar no CPII? Do que mais gosta e do que menos gosta? O que você mudaria nesta escola?
- Gostaria de acrescentar alguma informação que não esteve nas perguntas?